UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS
HABILITAÇÃO EM RELAÇÕES PÚBLICAS

RAFAELA BLUM FRIZON

RUPTURA DO SILÊNCIO:
A ESPIRAL DO SILÊNCIO APLICADA AO CASO HARVEY WEINSTEIN

CAXIAS DO SUL
2026

RAFAELA BLUM FRIZON

RUPTURA DO SILÊNCIO:
A ESPIRAL DO SILÊNCIO APLICADA AO CASO HARVEY WEINSTEIN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Relações Públicas, da Universidade de Caxias do Sul.

Orientador: Prof. Me. Jacob Raul Hoffmann.

Caxias do Sul

2026

RAFAELA BLUM FRIZON

RUPTURA DO SILÊNCIO:
A ESPIRAL DO SILÊNCIO APLICADA AO CASO HARVEY WEINSTEIN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Relações Públicas, da Universidade de Caxias do Sul.

Orientador: Prof. Me. Jacob Raul Hoffmann.

Aprovada em: _29_/_06_/_2026_.

Banca Examinadora

_____

Prof. Me. Jacob Raul Hoffmann – Orientador – Universidade de Caxias do Sul (UCS)

_____

Prof. Me. Jussania Albe – Avaliadora – Universidade de Caxias do Sul (UCS)

_____

Prof. Me. Vanessa Roveda – Avaliadora – Universidade de Caxias do Sul (UCS)

AGRADECIMENTOS

Ao meu professor orientador, por confiar na minha pesquisa e acompanhá-la de perto durante todo o percurso.

Às professoras do curso de Relações Públicas, por guiarem meu caminho na Universidade e criarem um espaço de trocas tão acolhedor.

À minha família, pelo imensurável amor e suporte nos bastidores de toda a minha graduação.

Ao Samuel e meus amigos, que acreditaram neste trabalho antes mesmo do seu início.

E às mulheres. Que nunca cansemos de tomar o nosso espaço.

“Durante a maior parte da história, ‘anônimo’
era uma mulher.”

— Virgínia Woolf, *Um teto todo seu*

RESUMO

Este trabalho investiga a aplicação da teoria da espiral do silêncio, de Elisabeth Noelle-Neumann (2017), ao caso Harvey Weinstein, buscando compreender como os mecanismos de silenciamento se formaram, se mantiveram e foram rompidos diante das denúncias de violência sexual na indústria cinematográfica. A pesquisa analisa a estrutura do silenciamento e ruptura do silêncio presente no caso e avalia os impactos desse fenômeno na atuação do profissional de relações públicas. Os objetos de estudo consistem nas reportagens investigativas publicadas por Jodi Kantor e Megan Twohey (*The New York Times*) e Ronan Farrow (*The New Yorker*), responsáveis por expor as denúncias e impulsionar o movimento #MeToo. O método adotado é a análise de conteúdo de Bardin (2011), com abordagem qualitativa aplicada a unidades de registro (citações das reportagens) selecionadas por meio de categorias definidas *a priori*. Essas categorias examinam os elementos de sustentação do silêncio — como a assimetria de poder, acordos de confidencialidade e a cultura organizacional de cumplicidade — e os fatores de ruptura, como a fala coletiva e a legitimação jornalística. As análises demonstram que o silêncio resultou de uma estrutura social e organizacional que dificultava a manifestação das vítimas através do medo do isolamento. Já os resultados indicam que as reportagens funcionaram como catalisadoras da ruptura ao alterarem o clima de opinião e fornecerem o repertório de palavras necessário para o debate público (Noelle-Neumann, 2017). Por fim, o estudo oferece reflexões sobre o papel do profissional de relações públicas no que se refere à legitimidade institucional, administração ética das relações de poder, promoção da isegoria comunicacional e fortalecimento de canais de escuta organizacional.

Palavras-chave: espiral do silêncio; opinião pública; silenciamento; ruptura; relações públicas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 9
2 METODOLOGIA 13
2.1 Pesquisa bibliográfica 13
2.2 Análise de conteúdo 13
2.2.1 Pré-análise 14
2.2.2 Exploração do material 14
2.2.3 Interpretação dos resultados 15
3 O CASO HARVEY WEINSTEIN E MOVIMENTO #METOO 16
3.1 Padrões de abordagem e coerção 17
3.2 Cumplicidade institucional, normalização e silêncio 18
3.3 Retaliação e descredibilização das vítimas 19
3.4 Acordos, confidencialidade e contenção 20
3.5 A ruptura do silêncio das vítimas 21
3.6 Da primeira denúncia à disseminação do #*MeToo* 22
4 ESPIRAL DO SILÊNCIO E OPINIÃO PÚBLICA 25
4.1 Medo do isolamento, consenso e o "tribunal anônimo" 26
4.2 A teoria da espiral do silêncio 27
4.3 Clima de opinião 28
4.4 Mídia, visibilidade e linguagem 29
4.5 Conformismo, núcleo duro e grupos de referência 32
5 ESPIRAL DO SILÊNCIO NO CASO HARVEY WEINSTEIN 34
5.1 A opinião dominante em Hollywood e a normalização do silêncio 34
5.2 A mídia e o repertório de palavras como condição do falar público 35
5.3 Acordos, intimidação e deslegitimação pública 38
5.4 Articulação da ruptura da espiral do silêncio 39
5.5 Movimento #MeToo, mudança do clima de opinião e reorganização do debate público 39
6 ANÁLISE DE CONTEÚDO 43
6.1 Exploração do material 45
6.1.1 Eixo A: enquadramento do silêncio 45
6.1.2 Eixo B: enquadramento da ruptura 65
6.2 Interpretação dos resultados 87
7 IMPLICAÇÕES NA ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE RELAÇÕES PÚBLICAS .91
7.1 Relações de poder e silenciamento 91
7.2 Disputa de sentidos e circulação de narrativas 92
7.3 Imagem, identidade e legitimidade 93
7.4 Escuta organizacional e mediação de conflitos 95
7.5 Democratização da fala pública e ruptura do silêncio 96
7.6 Considerações sobre a atuação do profissional de relações públicas 97
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS 100
REFERÊNCIAS 103
ANEXO 1 — TRADUÇÃO DA REPORTAGEM DO *THE NEW YORK TIMES* 105

ANEXO 2 — TRADUÇÃO DA REPORTAGEM DO *THE NEW YORKER* 115

1 INTRODUÇÃO

O caso Harvey Weinstein compreende os acontecimentos relacionados às denúncias de agressão sexual contra o influente produtor da indústria cinematográfica hollywoodiana, responsável por sucessos como *Pulp Fiction* (1994) e *Shakespeare Apaixonado* (1998). Sua elevada posição de poder permitiu, além de inúmeros sucessos de bilheteria, o controle de carreiras inteiras e o estabelecimento de uma rede de influência nos meios artístico, político e midiático estadunidense. Mas, em 2017, reportagens investigativas do jornal *The New York Times* e da revista *The New Yorker* tornaram públicas denúncias de agressões cometidas por Weinstein e, além disso, revelaram que os "incidentes" eram mantidos em segredo de maneira organizada — graças a uma intrincada rede composta por acordos de confidencialidade, ameaças de retaliação profissional e uma cultura de cumplicidade institucional que perdurou por décadas.

Na última década, a esfera pública tem disponibilizado mais espaço a discussões sobre abuso de poder e violência sexual, fenômeno que encontrou no caso Weinstein um ponto de virada importante. O silenciamento das vítimas de Weinstein, mantido por quase quarenta anos desde o primeiro episódio de abuso relatado, é compreendido neste estudo a partir do medo do isolamento social, motor central da espiral do silêncio. Segundo Noelle-Neumann (2017), indivíduos tendem a silenciar percepções quando acreditam que sua manifestação resultará em exclusão ou perda de prestígio entre seus semelhantes.

No contexto do caso estudado, o silenciamento fazia parte de uma cultura de omissão compartilhada e foi potencializado por mecanismos coercitivos que tornavam o custo da denúncia individual insustentável. Além disso, temas como assédio sexual e abuso de poder, que tocam na desigualdade de gênero, ainda são descredibilizados pela estrutura patriarcal à qual a sociedade está submetida (Gonçalves, 2019), o que dificulta a percepção de gravidade de situações como essa. A ruptura do silêncio se materializou apenas quando a mídia, ao exercer sua função de agendamento, forneceu o repertório de palavras necessário para a nomeação dos abusos e possibilitou a mudança do clima de opinião (Noelle-Neumann, 2017), permitindo que a fala das vítimas conquistasse a legitimidade.

O presente trabalho investiga como a teoria da espiral do silêncio, proposta por Elisabeth Noelle-Neumann (2017), pode explicar a manutenção desse silenciamento coletivo e sua posterior ruptura. O estudo se articula também à hipótese da *agenda-setting*, buscando compreender se os meios de comunicação possuem um papel ativo ao definir os temas que circulam no debate público. A análise busca, por fim, refletir sobre as implicações desse

processo para a atuação do profissional de relações públicas, considerando seu papel na mediação de conflitos, na gestão da legitimidade organizacional e na busca pela isegoria comunicacional.

A escolha desse tema teve origem em um interesse pessoal e acadêmico pelas teorias da opinião pública, em específico as maneiras pelas quais a comunicação é capaz de construir e transformar realidades sociais. A percepção de que linguagens e narrativas institucionais consistem em ferramentas de poder, que moldam a percepção e participação pública, despertou a necessidade de investigar o papel do relações públicas nessas trocas.

Já o interesse pelo recorte estudado (caso Harvey Weinstein) se consolidou após a leitura do livro *Ela disse* (Kantor; Jodi, 2019), que narra os bastidores da investigação contra Weinstein. A leitura despertou uma inquietação sobre a manutenção do silêncio dos acontecimentos durante tanto tempo, especialmente em um ambiente tão visado quanto Hollywood. Também despertou a curiosidade de entender porque e como o silêncio finalmente foi rompido, atravessando hierarquias de poder, legitimidade e gênero. Dessa forma, buscou-se relacionar esse caso com pressupostos previamente aprendidos sobre a espiral do silêncio, e assim organizou-se a questão norteadora do estudo: de que modo a teoria da espiral do silêncio explica o silenciamento e a quebra do silêncio frente ao caso Harvey Weinstein e quais as implicações para a atuação do profissional de relações públicas?

A relevância desta investigação reside na importância de desvendar como estruturas de silenciamento são criadas, mantidas e quebradas em contextos institucionais, uma vez que o caso Weinstein indica que a omissão não foi fruto de escolha individual de cada vítima, mas resultado direto de uma cultura de cumplicidade organizacional e abuso de poder. Há, na verdade, uma lacuna acadêmica de estudos sobre esse tema, uma vez que o silenciamento é ponto de debate sensível, que pode atingir dinâmicas já estabelecidas entre pessoas em diferentes níveis da escala de poder. Em decorrência de o profissional de relações públicas agir na mediação de interesses entre públicos e na manutenção da legitimidade institucional, o estudo tem implicações significativas para o campo, porque demonstra com exemplos o que Roberto Porto Simões (1995) chama de uma grave desfuncionalização da função política da organização. O autor argumenta que, quando o poder institucional deixa de atuar na mediação ética de conflitos para se tornar uma ferramenta de dominação e proteção de interesses particulares, a legitimidade da instituição perante seus públicos é comprometida. Sendo a autora deste trabalho mulher e estudante de Relações Públicas, identifica-se no estudo o reconhecimento profundo do poder social desta profissão, cujas decisões têm implicações que

ultrapassam em muito as fronteiras da comunicação organizacional e podem impactar diretamente na promoção da isegoria comunicacional (Peruzzo, 2013).

O objetivo geral desta pesquisa consiste em compreender, por meio da teoria da espiral do silêncio e da hipótese da *agenda-setting*, como o silenciamento e a quebra do silêncio se manifestaram no caso Harvey Weinstein e quais as implicações desse processo para a atuação do profissional de relações públicas. Os objetivos específicos ficaram assim relacionados:

- Estudar os fundamentos da teoria da espiral do silêncio e sua conexão com a formação da opinião pública;
- Analisar as condições de poder e os mecanismos institucionais que sustentaram o silenciamento das vítimas no caso Harvey Weinstein;
- Avaliar o papel das reportagens investigativas como catalisadoras da ruptura da espiral do silêncio;
- Identificar as implicações do caso para a atuação do profissional de relações públicas.

Para alcançar os objetivos propostos e responder à questão norteadora desta pesquisa, o trabalho está organizado em oito capítulos. O primeiro capítulo é dedicado a esta introdução, na qual é apresentado o processo de descoberta do tema, a justificativa para a investigação do caso Harvey Weinstein, o problema de pesquisa e os objetivos gerais e específicos que guiam este estudo. No segundo capítulo, se expõe a metodologia que sustenta o rigor científico deste trabalho, onde é detalhada a adoção de pesquisa bibliográfica e de análise de conteúdo, essa última baseada na proposta de Bardin (2011). Também é revelada a abordagem qualitativa da pesquisa, as categorias definidas *a priori* e os objetos da análise de conteúdo: as reportagens investigativas publicadas pelo *The New York Times* e *The New Yorker* em 2017.

Já o terceiro capítulo realiza o resgate histórico do caso Harvey Weinstein e a ascensão do movimento #MeToo. Nele, é abordada a influência de Weinstein na indústria cinematográfica, o padrão de coerção e os mecanismos institucionais de cumplicidade que permitiram a manutenção dos abusos por décadas, culminando na exposição pública realizada pelas reportagens investigativas de 2017. O quarto capítulo explora os fundamentos teóricos da opinião pública, com foco central na teoria da espiral do silêncio de Elisabeth Noelle-Neumann (2017). Discute-se conceitos fundamentais como o medo do isolamento, o clima de opinião e o papel da mídia no fornecimento de um "repertório de palavras" para a sociedade, articulando-os à hipótese da *agenda-setting*. No quinto capítulo, a teoria é aplicada diretamente ao recorte específico. Examina-se como a "opinião dominante" favorável ao silêncio foi sustentada em Hollywood e como o trabalho jornalístico atuou, posteriormente, como catalisador para a inversão do clima de opinião, transformando rumores de bastidores em pauta pública legítima.

O sexto capítulo constitui a etapa empírica da pesquisa, dedicada à análise do *corpus*. Nele, são utilizadas categorias definidas *a priori* (apresentadas em detalhes no próximo capítulo) para investigar a "anatomia do silêncio" (eixo A) e os fatores que permitiram a sua ruptura posterior (eixo B), confrontando as falas das vítimas e testemunhas com os referenciais teóricos estudados. Já o sétimo capítulo aborda as implicações do caso para a atuação do profissional de relações públicas. Discorre-se sobre a administração ética das relações de poder (Simões, 1995), a comunicação como processo de disputa de sentidos (Baldissera, 2009), a gestão da reputação e da imagem (Bueno, 2005) e a busca pela isegoria comunicacional (Peruzzo, 2013) no ambiente das organizações.

Por fim, no oitavo capítulo, são apresentadas as considerações finais do estudo. Sintetiza-se os principais achados, verifica-se o alcance dos objetivos propostos e, por fim, é feita uma reflexão sobre o papel do relações públicas na manutenção da legitimidade institucional e na promoção da isegoria comunicacional.

2 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho fundamenta-se na articulação entre a pesquisa bibliográfica e a análise de conteúdo. Esta combinação metodológica se justifica pela necessidade de relacionar o aprofundamento teórico acerca de fundamentos da opinião pública, da teoria da espiral do silêncio e das relações públicas à interpretação crítica de um recorte específico: os mecanismos de silenciamento e de ruptura do silêncio no caso Harvey Weinstein. Para atender a esse objetivo, a pesquisa busca identificar empiricamente como os principais pressupostos da espiral do silêncio — medo do isolamento, clima de opinião, *agenda-setting* — se manifestam nos conteúdos analisados e de quais formas eles contribuíram para a manutenção e posterior ruptura do silêncio em torno das denúncias.

2.1 Pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica constitui a base teórica da investigação e fornece os referenciais conceituais necessários para a sustentação das interpretações científicas. A validade científica desta escolha sustenta-se em Gil (2002), que defende a pesquisa bibliográfica como uma modalidade de investigação sistemática e objetiva, essencial quando o problema exige a interpretação de conhecimentos já produzidos. Sendo assim, o levantamento e a organização da obra de Noelle-Neumann (2017), criadora da teoria da espiral do silêncio, é crucial para o entendimento de seus fundamentos e possíveis aplicações no recorte do caso Weinstein. Da mesma forma, o levantamento de autores que discutem temas como opinião pública, *agenda-setting*, desigualdade de gênero, comunicação organizacional e relações públicas é de extrema importância para relacionar os achados do estudo e atender aos objetivos propostos. Não menos importante, a pesquisa também se utiliza das obras de jornalismo literário *Ela disse* (Kantor; Twohey, 2019) e *Operação abafa* (Farrow, 2019) — que contam sobre os bastidores das denúncias no caso Weinstein — para sustentar o conhecimento detalhado do recorte analisado e relacioná-lo aos demais referenciais teóricos.

2.2 Análise de conteúdo

A etapa empírica da pesquisa é conduzida por meio da análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011). Essa técnica é definida pela autora como um conjunto de procedimentos sistemáticos voltados à descrição objetiva e qualitativa do conteúdo, visando

inferir sentidos e significados que ultrapassam a leitura imediata das mensagens. O procedimento de análise é estruturado em três fases canônicas: a pré-análise, a exploração do material e a interpretação dos resultados (Bardin, 2011).

2.2.1 Pré-análise

Essa fase inicial compreende a leitura flutuante do conteúdo, onde ocorre o primeiro contato com o material e a definição dos objetivos da análise. Os objetos a serem estudados nesse caso são as duas reportagens investigativas que expuseram as denúncias sobre Weinstein: a do jornal *The New York Times* (por Jodi Kantor e Megan Twohey, 05/10/2017) e a da revista *The New Yorker* (por Ronan Farrow, 10/10/2017). Nessa etapa, se definiu as unidades de registro, que correspondem a excertos específicos das matérias — principalmente citações diretas de vítimas e funcionários que presenciaram os comportamentos predatórios do produtor.

2.2.2 Exploração do material

A segunda etapa consiste na codificação das unidades de registro por meio da categorização. As categorias foram definidas *a priori*, ancoradas nos pressupostos centrais da teoria da espiral do silêncio, de Noelle-Neumann (2017), para servir como critério científico de identificação de sintomas do fenômeno do silêncio no material bruto. Elas estão organizadas em dois eixos temáticos:

- Eixo A (enquadramento do silêncio): Investiga os fatores que permitiram a manutenção do silenciamento, por meio de categorias como: assimetria de poder, medo de retaliação profissional, medo de deslegitimação, vergonha/culpa, cultura organizacional de cumplicidade e mecanismos jurídicos de silenciamento.
- Eixo B (enquadramento da ruptura): Analisa os fatores que tornaram possível a ruptura da espiral do silêncio, incluindo: coragem de falar em grupo, nomeação pública, corroboração entre relatos, legitimação jornalística, ruptura institucional, transformação do caso em pauta pública e o efeito cascata das denúncias.

A análise de conteúdo qualitativa é a que melhor atende aos objetivos deste estudo, pois busca compreender significados, interpretações e relações de poder presentes nos discursos, priorizando a compreensão contextual em detrimento da mensuração estatística de frequência de palavras. Resumindo, o interesse reside nos sentidos evidentes e latentes atribuídos às falas e nas condições que permitiram tanto a manutenção quanto a ruptura do silêncio.

2.2.3 Interpretação dos resultados

A fase final se dedica à análise interpretativa inferencial. Nela, os dados sistematizados são confrontados com os pressupostos da teoria da espiral do silêncio e demais referenciais teóricos, a fim de encontrar sentidos expostos ou ocultos nas mensagens. O objetivo principal é examinar as mensagens para compreender como funcionaram os mecanismos de silenciamento e de ruptura do silêncio no caso Harvey Weinstein, verificando em que medida a teoria da espiral do silêncio se aplica ao material analisado.

3 O CASO HARVEY WEINSTEIN E MOVIMENTO #METOO

Harvey Weinstein, co-fundador das produtoras de filmes Miramax e Weinstein Company, foi um dos profissionais mais poderosos da indústria cinematográfica de Hollywood nas décadas de 1990 e 2000. O empresário foi responsável pela produção de incontáveis sucessos nas telas de cinema e também ficou conhecido por lançar atrizes desconhecidas ao estrelato, como no caso da vencedora do Oscar Gwyneth Paltrow. Extremamente influente nos bastidores dos principais estúdios da época, ele era uma peça-chave do ecossistema de Hollywood, com um carisma e persuasão notáveis por quem quer que cruzasse o seu caminho. Utilizava-se desse carisma e de sua "lábia" para convencer diretores, atores e executivos a embarcarem nos seus projetos, mas essas características também foram úteis na formação de amizades com pessoas ainda mais poderosas que ele. Suas conexões mais notáveis variavam de políticos estadunidenses de alto escalão, tanto no Partido Democrata quanto no Republicano, a autoridades policiais locais e até regimes antidemocráticos do outro lado do mundo.

Embora fosse bastante conhecido atrás das câmeras, seu nome nunca chegou a ser popular entre o público casual de cinema. Outro aspecto ainda mais obscuro da sua personalidade também não era conhecido por quem se divertia assistindo a algum dos filmes produzidos por ele: seu comportamento sistematicamente predatório com mulheres, sobretudo com aquelas que estivessem abaixo da posição dele como produtor de cinema. As primeiras denúncias nominais sobre o seu comportamento inadequado foram expostas ao grande público no ano de 2017, inicialmente em reportagens dos veículos estadunidenses *The New York Times* e *The New Yorker*, após longas investigações. Porém, as denúncias expunham ocorridos que datavam desde o final da década de 1970 até o ano em que as reportagens foram publicadas.

Por consequência, o caso Harvey Weinstein tornou-se um marco por expor, com base em apuração jornalística robusta e convergente, como denúncias de assédio e agressão sexual podem permanecer abafadas por décadas em ambientes atravessados por hierarquias, dependência profissional e mecanismos formais de repressão e silenciamento. A reportagem de Jodi Kantor e Megan Twohey, publicada no jornal *The New York Times* em 5 de outubro de 2017, descreve acusações que se estendem por quase três décadas e se utiliza de entrevistas, registros judiciais, e-mails e documentos internos das empresas associadas ao produtor (Kantor; Twohey, 2017). Esta primeira reportagem foca nos acordos jurídicos selados pela equipe de Harvey Weinstein com as acusadoras do produtor, assinados com o objetivo de não permitir que elas falassem sobre o assunto ou tomassem alguma ação contra ele. Na sequência, a investigação de Ronan Farrow, publicada na revista *The New Yorker* em 10 de outubro de 2017,

amplia o quadro ao reunir relatos de treze mulheres, que incluem alegações mais explícitas e evidências corroborativas, além de apontar o uso de acordos de confidencialidade, pagamentos e ameaças legais como práticas recorrentes para suprimir denúncias (Farrow, 2017).

Os livros *Ela disse: os bastidores da reportagem que impulsionou o #MeToo* e *Operação abafa: predadores sexuais e a indústria do silêncio* relatam, respectivamente, os processos de investigação e construção das matérias do *The New York Times* e da *The New Yorker*. Eles aprofundam as condições sociais e institucionais que tornaram o caso possível por tanto tempo, ao detalhar tanto dilemas enfrentados por vítimas e repórteres para romper o silêncio quanto dinâmicas corporativas e midiáticas de contenção e controle reputacional (Kantor; Twohey, 2019; Farrow, 2020). O caso Harvey Weinstein, então, não se limita à conduta atribuída a um indivíduo apenas, porque revela uma infraestrutura completa de silenciamento sustentada por relações de poder e práticas organizacionais.

3.1 Padrões de abordagem e coerção

As investigações realizadas à época das reportagens descrevem um padrão de abordagem recorrente: convites apresentados por Harvey Weinstein (ou sua equipe) como oportunidades de trabalho que migram para quartos de hotel e passam a envolver investidas e táticas de coerção. Kantor e Twohey relatam um episódio envolvendo a atriz Ashley Judd, convidada ao hotel Peninsula Beverly Hills em 1997 para o que esperava ser um encontro de negócios. Porém, ao chegar no local, foi direcionada ao quarto do produtor, onde Weinstein apareceu de roupão e insistiu em propostas como massagem e que ela o assistisse tomar banho (Kantor; Twohey, 2017). As repórteres conversaram com outras mulheres que relataram encontros similares: o mesmo hotel, o deslocamento do profissional ao privado, as propostas indecentes em troca de apoio na carreira profissional. Todos esses aspectos intensificam os fatores de risco às vítimas e deixam evidente a assimetria de poder nessas situações. Segundo Judd, tratava-se de uma “barganha coercitiva” na qual negativas sucessivas eram respondidas com novos pedidos (Kantor; Twohey, 2017).

Farrow oferece exemplos paralelos e que corroboram para a identificação de um padrão de comportamento. A também atriz Rosanna Arquette relata que, no início dos anos 1990, ao encontrar Weinstein para um suposto jantar de trabalho em um hotel, foi instruída a subir ao seu quarto. No local, encontrou ele de roupão; o anfitrião solicitou massagens e tentou conduzir a mão de Arquette ao seu pênis, além de alegar que sua recusa seria um erro capaz de custar-lhe oportunidades (Farrow, 2017). A atriz Jessica Barth descreve uma dinâmica semelhante que

teria ocorrido no ano de 2011: convidada a uma “reunião de negócios” no mesmo hotel mencionado por Judd, foi direcionada ao quarto sob justificativa de conversarem com mais privacidade; ali, o produtor alternava entre promessas de papéis em projetos futuros e a exigência de uma massagem nua, levando Barth ao choro compulsivo após o episódio (Farrow, 2017). Esses depoimentos, entre tantos outros mencionados pelos jornalistas, articulam mecanismos parecidos: o pretexto profissional é usado como porta de entrada; o quarto de hotel como dispositivo de controle do ambiente; e o poder do produtor como elemento que torna a recusa social e economicamente custosa.

Nos trechos do livro *Ela disse*, essa lógica se amplia para dentro da própria empresa: em um memorando interno, a executiva Lauren O’Connor, funcionária da Miramax, descreve um “ambiente tóxico” e relata ter presenciado episódios de abuso e coerção, além de afirmar que fazia parte da cultura da empresa sexualizar funcionárias e diminuí-las (Kantor; Twohey, 2017). O’Connor também registra a percepção do desequilíbrio de poder entre as partes (“eu 0, Harvey 10”), apresentando o aspecto da coerção também como resultado da normalização e cumplicidade da empresa (Kantor; Twohey, 2017).

3.2 Cumplicidade institucional, normalização e silêncio

Um ponto central para entender como um segredo dessa gravidade se manteve intocado por tanto tempo é a cumplicidade organizacional dentro das empresas comandadas por Weinstein. As jornalistas do *The New York Times* afirmam que dezenas de funcionários e ex-funcionários — de assistentes a executivos — disseram saber de condutas inadequadas enquanto trabalhavam com Weinstein, embora poucos relataram tê-lo confrontado (Kantor; Twohey, 2017). Por sua vez, Farrow reforça essa condição ao registrar que dezesseis executivos e assistentes relataram ter testemunhado ou ter conhecimento de avanços sexuais indesejados e toques, descrevendo o comportamento como amplamente conhecido na Miramax e na Weinstein Company, além de mencionar uma “cultura de cumplicidade” em que muitos acobertavam ou fingiam não ver os incidentes (Farrow, 2017).

Os livros aprofundam esse quadro ao detalhar rotinas institucionais que funcionavam como facilitadoras para comportamentos inadequados. Em *Ela disse*, O’Connor descreve ter sido instruída a recepcionar aspirantes a atrizes antes e depois de encontros pessoais em quartos de hotel, facilitando apresentações e inserção em projetos. Ela entende que tais orientações faziam parte do hábito do Weinstein de usar funcionárias mulheres para viabilizar esses encontros com outras mulheres, vulneráveis, em busca de trabalho (Kantor; Twohey, 2017). Em

Operação abafa, Farrow registra uma descrição semelhante: funcionárias e assistentes atuavam como "isca" no início de reuniões para criar uma sensação de segurança, sendo dispensadas em seguida para que Weinstein ficasse sozinho com a mulher pretendida (Farrow, 2017). Esses elementos conectam diretamente a dimensão organizacional ao padrão de abordagem: o abuso é, em parte, viabilizado por práticas do próprio ambiente de trabalho.

3.3 Retaliação e descredibilização das vítimas

Outro fator decisivo no silenciamento das vítimas foi a ameaça de retaliação e descredibilização pública. A reportagem de Farrow conta que até mesmo as fontes secundárias entrevistadas durante o processo de investigação relataram medo de represálias caso saíssem do anonimato. Mais grave ainda era a possibilidade de represália para as mulheres que rejeitassem as investidas de Harvey Weinstein: é o caso da atriz Mira Sorvino e da já mencionada Rosanna Arquette, que disseram não ao produtor e também contaram a pessoas próximas sobre as agressões. Ambas perceberam que foram removidas de projetos da Miramax e estúdios associados após as respectivas recusas, além de, tempos depois, descobrirem que diretores e outros profissionais foram explicitamente desencorajados a contratá-las após o ocorrido (Farrow, 2017).

> Sorvino disse que ficou com medo e se sentiu intimidada; quando contou sobre o assédio para uma funcionária da Miramax, a reação da mulher "foi de choque e horror por eu ter mencionado o assunto". Recordava "a expressão do rosto dela, como se eu de repente tivesse me tornado radioativa" (Farrow, 2017).

Em *Operação abafa*, Farrow aprofunda o tema ao apresentar provas de que associados de Weinstein se valiam da mídia para descredibilizar acusadoras, com insinuações de comportamento inadequado por parte da vítima e exposição de episódios passados comprometedores. Dessa forma, a intimidação e o controle reputacional eram algumas das principais ferramentas de silenciamento da equipe de Weinstein (Farrow, 2017). O livro *Ela disse* também traz exemplos explícitos de estratégias de descredibilização, incluindo o papel da advogada defensora dos direitos das mulheres, Lisa Bloom. Esta propôs ações para retratar Rose McGowan como mentirosa e "perigosa", além de operações on-line e matérias "bem colocadas" para que buscas no Google reforçassem o descrédito (Kantor; Twohey, 2017). Todos esses mecanismos tornam o silêncio a melhor opção: falar não é apenas revelar um abuso,

mas enfrentar a possibilidade concreta de perda de oportunidades, dano reputacional e isolamento no campo profissional.

3.4 Acordos, confidencialidade e contenção

As fontes convergem ao mostrar que o silêncio foi também juridicamente estruturado. Kantor e Jodi afirmam que, ao longo das três décadas mencionadas, Weinstein fechou pelo menos oito acordos com mulheres, e que a maioria envolvia cláusulas de confidencialidade que as impediam de falar sobre os acertos e os episódios (Kantor; Twohey, 2017). O caso Rose McGowan, citado na reportagem do *The New York Times*, inclui um acordo de 1997, com termos como "comprar paz" e sem admissão de culpa, ilustrando como a solução financeira operava simultaneamente como encerramento e ocultação (Kantor; Twohey, 2017).

> "Como essa questão foi resolvida e nenhuma ação adicional é necessária, retiro minha queixa", escreveu O'Connor em e-mail à chefe de recursos humanos, seis dias depois de enviar o memorando. Ela também escreveu uma carta a Weinstein agradecendo pela oportunidade de aprender sobre a indústria do entretenimento. (Kantor; Twohey, 2017).

Ronan Farrow também reforça esse repertório, descrevendo que Weinstein e associados recorreram a acordos de confidencialidade, pagamentos e ameaças legais para suprimir relatos e destaca o caso de Ambra Battilana Gutierrez: com a ajuda da polícia local após uma primeira denúncia, Gutierrez conseguiu gravar Weinstein admitindo tê-la apalpado e estar "acostumado" com aquilo. O texto aponta que, logo depois desse ocorrido, a influência de Weinstein chegou aos bastidores da polícia de Nova Iorque e a denúncia não teve seguimento. Para completar, as estratégias de difamação conduzidas pela equipe do produtor deram frutos: a modelo teve sua reputação manchada por estar associada a festas promíscuas do ex-primeiro ministro italiano Silvio Berlusconi, e, com isso, ambas as partes assinaram um acordo de silêncio extremamente restritivo (Farrow, 2017). Nos trechos de *Ela disse*, os acordos aparecem como instrumentos "insidiosos", capazes de causar prejuízos financeiros consideráveis se violados e de impor restrições que, na prática, reforçam isolamento e inviabilizam ajuda mútua (Kantor; Twohey, 2017). Já o livro *Operação abafa* complementa esse argumento ao descrever as práticas de "compra e enterramento" de histórias ("*catch and kill*") pelos poderosos da indústria e expor como o uso amplo de confidencialidade em grandes organizações produzem ambientes mais vulneráveis à intimidação e à manutenção do sigilo (Farrow, 2017).

3.5 A ruptura do silêncio das vítimas

Uma peça importante no processo de investigação das denúncias foi a atriz Rose McGowan, cuja vocalização sobre os assédios de Weinstein antecede a produção das matérias. Em *Ela disse*, McGowan aparece como uma das principais figuras a desafiar publicamente o pacto informal de silêncio em Hollywood, com publicações feitas em rede social que denunciavam o assédio sofrido sem mencionar o nome do agressor — e, a partir daí, tomando para si um papel de enfrentamento e combate. Afinal, foi justamente através de seus *tweets* que tanto Kantor e Twohey quanto Farrow entenderam que havia algo a ser investigado. Farrow relata que, ao ocupar essa posição de enfrentamento ao silêncio, a atriz se tornou um dos principais alvos da máquina de contenção montada por Harvey Weinstein, indicador de que suas falas estavam ameaçando perigosamente a manutenção do silêncio. As tentativas de silenciamento dirigidas a McGowan revelam, por isso, o caráter estruturado da repressão. Segundo as jornalistas que escreveram o livro *Ela disse*, a advogada Lisa Bloom, da equipe de Weinstein, chegou a sugerir estratégias para enquadrá-la publicamente como "mentirosa patológica" e "mentalmente perturbada", inclusive com operações on-line destinadas a influenciar resultados de busca e consolidar uma imagem de descontrole e falta de credibilidade (Kantor; Twohey, 2019). Farrow acrescenta que McGowan também foi monitorada pela Black Cube, empresa de inteligência privada contratada por Weinstein para intimidar e vigiar suas opositoras (Farrow, 2020).

O episódio de assédio envolvendo McGowan e Weinstein aconteceu no ano de 1997, durante o Festival de Sundance, quando a atriz tinha vinte e três anos. Depois de tentar tirar satisfações com Weinstein e a sua equipe, Rose McGowan acabou assinando um acordo de R$ 100 mil dólares que não trazia admissão de culpa, mas buscava "evitar litígios e comprar paz" (Kantor; Twohey, 2017; Kantor; Twohey, 2019). Então, para ela — e para tantas outras vítimas — Hollywood se mostrou um sistema organizado para explorar, objetificar e descartar mulheres conforme suas relações desiguais de poder. Esse caso é um dentre tantos que ilustram o padrão da forma como as denunciantes eram tratadas e a engrenagem estrutural que permitiu por muito tempo a continuidade dos abusos (Kantor; Twohey, 2019). Já a atriz Rose McGowan se tornou um símbolo de inconformidade com o comportamento permissivo da indústria, abrindo espaço para a manifestação de indivíduos e grupos que não estavam satisfeitos com a impunidade de Weinstein.

Em *Ela disse*, Kantor e Twohey mostram que a passagem do silêncio à fala dependeu da construção de uma sensação mínima de segurança coletiva entre as vítimas. Um elemento

decisivo foi a estratégia das repórteres de reunir várias mulheres para que se manifestassem ao mesmo tempo, reduzindo o peso de uma exposição individual isolada. Ashley Judd, por exemplo, só se mostrou disposta a ser identificada se outras também o fizessem, pois queria ser "uma entre muitas" enfrentando Weinstein publicamente, e não a única voz em confronto com um homem cercado de poder simbólico, jurídico e econômico (Kantor; Twohey, 2019). Nesse sentido, a ruptura do silêncio decorreu da percepção de que a fala coletiva diminuía a chance de retaliação e do isolamento social que haviam sustentado o caso por décadas.

Ainda em *Ela disse*, a decisão de falar aparece vinculada a um sentido de responsabilidade moral e social. Laura Madden, também vítima de Weinstein, concluiu que precisava se pronunciar justamente porque não dependia mais de Hollywood e era uma das poucas mulheres que não haviam assinado acordo de confidencialidade. Ela se viu, portanto, na posição de falar não só por si, mas por pessoas cujo sustento, carreira ou vida familiar poderiam ser comprometidos caso decidissem se manifestar (Kantor; Twohey, 2019). Ao mesmo tempo, o livro indica que muitas vítimas passaram a acreditar que seus relatos poderiam produzir consequências concretas, e não se tratavam de um escândalo passageiro. Essa confiança gradual na possibilidade de ação transformou a revelação pública em uma forma de proteção futura: ao compartilharem suas histórias, as mulheres buscavam também impedir a continuidade de um padrão predatório contra outras (Kantor; Twohey, 2019; Farrow, 2020).

Essa lógica ajuda a compreender por que Ashley Judd descreve a decisão de falar como um "gesto de confiança ousado" necessário para romper o isolamento imposto pelo sistema de Hollywood, enquanto Gwyneth Paltrow percebe que, ao tornar pública sua experiência, também ajudava a desmontar o "truque" de Weinstein de fazer cada vítima acreditar que seu caso era incomunicável (Kantor; Twohey, 2019). Em resumo, o que acontece é a passagem de uma verdade fragmentada e privatizada para uma verdade compartilhada, na qual a experiência individual ganha força justamente porque encontra eco em outras experiências semelhantes. A verdade coletiva passa, então, a funcionar como um "solvente" do sigilo, enfraquecendo o poder de décadas de acordos jurídicos, intimidação e manipulação reputacional (Kantor; Twohey, 2019).

3.6 Da primeira denúncia à disseminação do #*MeToo*

Após a publicação das reportagens, o movimento #MeToo se consolidou como uma manifestação de solidariedade e reconhecimento mútuo entre mulheres. O movimento, criado na década de 2000 pela ativista Tarana Burke para conscientização dos abusos sofridos por

meninas negras, foi integrado como hashtag a milhares de postagens de rede social que denunciavam comportamentos inadequados e abusos sofridos, principalmente em ambientes profissionais (Burke, 2021). Como mencionado anteriormente, Kantor e Twohey argumentam que as reportagens sobre Weinstein atuaram como um solvente, desfazendo o sigilo praticado anteriormente. Isso levou mulheres do mundo inteiro a revelarem experiências semelhantes por vontade própria, sem depender do longo trabalho de convencimento que marcou a investigação inicial (Kantor; Twohey, 2019). Assim, Farrow acredita que, depois de anos em que o medo da retaliação e da descredibilização mantiveram vítimas em silêncio, a publicação das denúncias modificou concretamente a percepção de risco: falar deixou de parecer um gesto solitário e passou a fazer parte de uma corrente coletiva de responsabilização (Farrow, 2020).

A disseminação do movimento #MeToo está relacionada à transformação de relatos isolados em um padrão publicamente reconhecível e documentado. A revista *New Yorker* observa que a reportagem do *New York Times* levou a consequências institucionais imediatas, como renúncias e demissão de membros do conselho da Weinstein Company, sinalizando que a revelação poderia produzir efeitos concretos (Farrow, 2017). Em *Ela disse*, as repórteres registram que, após a publicação da reportagem, houve um aumento súbito de relatos e ligações de outras mulheres, sugerindo um efeito cascata: a presença de um veículo prestigiado e de uma apuração consistente reduziu a percepção de isolamento e aumentou a disposição para falar (Kantor; Twohey, 2017). O livro também sintetiza esse processo ao afirmar que as reportagens "desfizeram o sigilo", levando mulheres no mundo todo a revelar experiências semelhantes (Kantor; Twohey, 2017).

Essa transformação alterou o próprio debate público sobre violência sexual, poder e credibilidade em voga. Segundo relatos do livro *Ela disse*, o #MeToo contribuiu para deslocar o foco de casos tratados antes como transgressões individuais para uma discussão mais ampla sobre padrões sistêmicos de comportamento, mecanismos jurídicos de abafamento e cumplicidade institucional (Kantor; Twohey, 2019). Ao invés de ser restringido a disputas judiciais ou a julgamentos morais fragmentados, o debate passou a influenciar as práticas corporativas de proteção a agressores e a percepção de responsabilidade das empresas diante das denúncias.

Para as mulheres que participaram das reportagens, esse processo significou uma reconfiguração subjetiva de sua própria posição no espaço público. Farrow relata que muitas delas disseram sentir como se tivessem tirado um "peso das costas" após a publicação, porque deixaram de carregar sozinhas o estigma, a culpa e o medo produzidos pelo silêncio (Farrow, 2020). Em *Ela disse*, as jornalistas Kantor e Twohey observam um movimento semelhante: ao

integrarem um grupo mais amplo de denunciantes, essas mulheres passam a reinterpretar suas experiências como parte da violência estrutural compartilhada, que, por sua vez, pode ser transformada e superada (Kantor; Twohey, 2019). O #MeToo, nesse sentido, inverteu parcialmente o clima de opinião, tornando mais legítima a fala das vítimas e mais vulnerável a posição de quem antes se beneficiava do silêncio coletivo.

Em conjunto, as quatro fontes permitem compreender a disseminação do movimento como resultado de (i) acúmulo de evidências e padrões; (ii) diminuição relativa do risco individual quando outras vítimas também se manifestam; e (iii) expectativa crescente de que o relato levará à ação institucional (Kantor; Twohey, 2017; Farrow, 2017).

O caso estudado evidencia que o silenciamento de denúncias pode ser sustentado por um conjunto de fatores interdependentes: padrões reforçados de abordagem em contextos de assimetria de poder; conhecimento interno e práticas corporativas que normalizam ou facilitam o risco; instrumentos jurídicos (acordos de confidencialidade) que transformam o silêncio em obrigação; e estratégias de retaliação e descredibilização que aumentam o custo de falar. A disseminação do #MeToo, nesse quadro, está associada à ruptura desse arranjo: quando investigações tornaram visíveis os mecanismos do silêncio e produziram consequências, a denúncia passou a ser percebida como menos solitária e mais capaz de gerar responsabilização.

4 ESPIRAL DO SILÊNCIO E OPINIÃO PÚBLICA

A noção de opinião pública, na tradição debatida por Noelle-Neumann (2017), não deve ser confundida com um cálculo aritmético das preferências privadas de indivíduos. Como ponto de partida, a autora afirma que "a opinião pública não é simplesmente a soma das opiniões pessoais e nem mesmo a média entre elas" (p. 14). Essa recusa da "média" é decisiva porque desloca a análise do plano individual da opinião para o plano relacional e social: o que importa não é necessariamente o que as pessoas pensam, mas o que elas acreditam poder dizer e fazer em público sem sofrer sanções sociais. O problema conceitual do termo "opinião pública", por sua vez, pode ser observado historicamente, já que Noelle-Neumann (2017) recupera que Harwood Childs identificou "cinquenta conceitos diferentes" na literatura e que, diante da multiplicidade, chegou-se a considerar a opinião pública uma "ficção". A dificuldade não é acidental: a autora destaca que "a opinião pública não é o nome de alguma coisa, mas uma classificação de um conjunto de coisas" (p. 96).

Para ilustrar a natureza móvel do conceito, o texto recorre à metáfora do Proteu: "Quem quer que deseje compreender [o conceito de opinião pública] imediatamente se dará conta de que está tratando de um Proteu…", algo que "aparece simultaneamente com mil máscaras" e "escapa por entre os dedos" quando se tenta fixá-lo (Oncken, 1904 *apud* Noelle-Neumann, 2017, p. 96). Nesse sentido, não há uma essência única; há formas de manifestação. A autora inclusive sugere: "A espiral do silêncio poderia ser uma das formas de aparição da opinião pública" (p. 97).

Noelle-Neumann (2017), para defender a sua posterior teoria da espiral do silêncio, antes resume dois caminhos recorrentes de definição para o termo:

1. Opinião pública como racionalidade democrática (função manifesta): Ligada à participação, debate e influência sobre decisões de governo. Essa vertente pode ser sintetizada pela definição citada: "opiniões sobre assuntos de interesse nacional, dadas livremente e em público por pessoas não pertencentes ao governo…" (Speier, 1950, p. 375 *apud* Noelle-Neumann, 2017, p. 296).
2. Opinião pública como controle social (função latente): Mais eficaz para explicar coerção social difusa, conformidade e sanções simbólicas. Noelle-Neumann articula essa diferença via *Social Theory and Social Structure*, livro de Robert Merton de 1949 — funções manifestas (pretendidas e reconhecidas) *versus* funções latentes (não pretendidas nem reconhecidas) —, concluindo que "o conceito de opinião pública é mais eficiente quando interpretado a partir de sua função latente de controle social" (Noelle-Neumann, 2017, p. 296).

A utilidade dessa segunda abordagem aparece quando Noelle-Neumann (2017) enfatiza o “assombroso poder” da opinião pública sobre o indivíduo, capaz de fazê-lo submeter-se a normas “sem a intervenção dos legisladores, governos ou tribunais” (p. 99). Em outras palavras: a sanção é social (aprovação/desaprovação), e por isso muitas vezes opera com custo baixo e alcance alto, como indica a referência de Noelle-Neumann ao sociólogo Edward Ross (1901) ao descrevê-la como uma “opção mais barata” (p. 99).

4.1 Medo do isolamento, consenso e o “tribunal anônimo”

O mecanismo básico que sustenta a força da opinião pública é descrito em termos afetivos e sociais. A autora questiona: “Afinal, o que é essa força que expõe continuamente o indivíduo […]?” E responde: “É o medo do isolamento, da má fama, da impopularidade; é a necessidade de consenso”. Daí decorre a imagem do julgamento: “o indivíduo sempre recebe com certa inquietação esse tribunal anônimo que separa popularidade da impopularidade, respeito de zombaria” (Noelle-Neumann, 2017, p. 100).

Embora essa lógica não dependa de coerção estatal direta, ela depende de visibilidade pública e de sinais sociais percebidos como aprovação ou reprovação. Essa visão também ajuda a entender por que a opinião pública, em termos sociais, pode ser simultaneamente integradora e conservadora: “fomenta a coesão; mas, como faz os indivíduos se adaptarem à moral e à tradição, é uma força conservadora” (Noelle-Neumann, 2017, p. 125). Assim, entende-se por “opinião” um conjunto de valores, costumes e expectativas coletivas que estruturam aquilo que se pode dizer e fazer sem pagar o preço de contrariar a maioria.

Em vez de buscar uma definição essencial, a autora propõe definições operativas orientadas a fenômenos observáveis. A primeira é direta: “Podemos chegar a uma definição operativa da opinião pública: opiniões sobre temas controversos, que podem ser expressas em público sem causar isolamento”. Aqui, a controvérsia é condição central, pois é ela que ativa a possibilidade de punição social: “O elemento de controvérsia […] somente se ativa após uma subversão do paradigma vigente” quando se viola a tradição ou a moral firmemente estabelecida (Noelle-Neumann, 2017, p. 101). Logo, a opinião pública aparece como um campo de disputa no qual o custo social do dissenso varia conforme o contexto.

Mais adiante, a autora formula outra definição, ampliada para incluir atitudes e comportamentos: “as opiniões públicas são atitudes ou comportamentos que podem ser públicos sem causar isolamento social […]” e, em seguida: “A opinião pública é todo acordo […] baseado na constante e permanente ameaça de exclusão ou perda de reputação ou apreço

social" (Noelle-Neumann, 2017, p. 247-248). A opinião pública, portanto, é tanto o resultado das nossas interações com o meio social, quanto um processo sustentado por expectativas de aprovação.

4.2 A teoria da espiral do silêncio

A teoria da espiral do silêncio é formulada como explicação desse processo: indivíduos, ao perceberem o ambiente social, podem proclamar suas opiniões ou "engoli-las", até que, "em um processo em espiral, determinado ponto de vista [chegue] a dominar o cenário, ao passo que o outro [desaparece] da consciência pública no emudecer de seus partidários" (Noelle-Neumann, 2017, p. 23). O eixo de análise não é o "conteúdo mental" isolado, mas a capacidade de expressão pública em contextos controversos, em que a sanção possível é o isolamento.

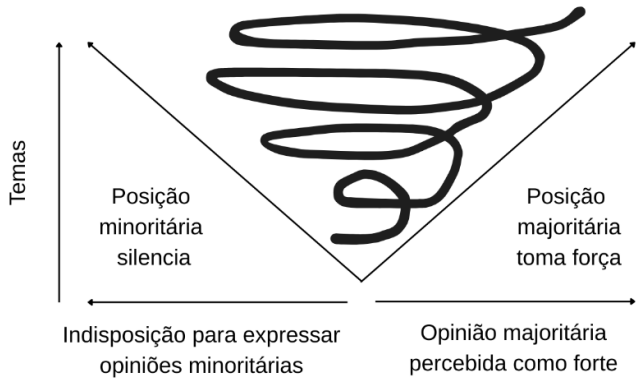
Esse enquadramento é coerente com a definição operativa de opinião pública como aquilo que pode ser dito ou feito publicamente sem provocar exclusão. Assim, a espiral do silêncio opera como mecanismo que transforma distribuições de crenças (heterogêneas) em distribuições de visibilidade (assimétricas), tornando algumas posições socialmente "seguras" e outras arriscadas.

Noelle-Neumann (2017) sistematiza o modelo em quatro pressupostos e um quinto integrador:

1. A sociedade ameaça indivíduos desviantes com isolamento
2. Os indivíduos temem constantemente esse isolamento
3. O medo conduz à avaliação contínua do clima de opinião
4. A avaliação influencia falar/calar e condutas públicas
5. A relação entre eles explica formação, manutenção e mudança da opinião pública

Esses pressupostos deixam claro que a espiral do silêncio se traduz em um ciclo completo de pressão social: ameaça, medo, monitoramento, ajuste de conduta, reforço do próprio ambiente. Com tudo isso, a autora constata que "[…] o medo do isolamento é a força ativadora da espiral do silêncio" (p. 24).

Figura 1 — Espiral do silêncio



Fonte: Luís Mauro Sá Martino (2014).

4.3 Clima de opinião

O citado medo do isolamento faz com que indivíduos busquem verificar constantemente quais opiniões e comportamentos são aprovados ou desaprovados, e quais ganham ou perdem força ao longo do tempo, segundo Noelle-Neumann (2017). Esse monitoramento é um cálculo prático: trata-se de avaliar o risco de ser punido por reprovação, zombaria ou exclusão, isto é, de se deparar sob o "tribunal anônimo" descrito no capítulo. Além da fala explícita, esse clima é percebido por sinais sociais e comportamentais, já que a expressão da opinião pública inclui símbolos e marcas do cotidiano: bottons, adesivos, roupas e outros sinais publicamente perceptíveis, e também a sua ausência (não usar símbolos ou evitar se pronunciar). Em termos teóricos, isso significa que a espiral do silêncio opera, para além de debates formais, em microambientes de convivência, onde o risco de isolamento é continuamente recalculado.

Luís Mauro Sá Martino contribui para esse debate ao recuperar a noção de opinião pública como "pele social", isto é, como a dimensão mais visível dos gostos, práticas e juízos dos indivíduos. A relevância desse argumento está em mostrar que, no espaço público, importa e muito a maneira como as opiniões divergentes aparecem ou não socialmente. Seguindo essa lógica, uma opinião percebida como dominante tende a orientar condutas, mesmo quando não corresponde, de fato, à maioria real. Em outras palavras, a força de uma posição pública está diretamente relacionada à sua aparência de hegemonia, o que ajuda a compreender por que minorias podem ser silenciadas pela inferioridade de visibilidade e de legitimidade simbólica no debate social (Martino, 2014).

A teoria propõe que indivíduos que convivem em sociedade são capazes de realizar estimativas do clima de opinião sem depender diretamente de números formais. Segundo a

autora, “A teoria postula ainda a existência de um sentido quase estatístico que permite realizar essas estimativas”. Esse sentido corresponde a uma habilidade prática: observar reações, medir aprovação e desaprovação e inferir qual opinião “está ganhando terreno”. O processo pode ocorrer de forma independente de pesquisas de intenção de votos publicadas, por exemplo, porque o dado mais relevante não é a estatística em si, mas a percepção de segurança social para falar.

Uma consequência típica desse mecanismo é a assimetria entre grupos: “os partidários da opinião dominante estão mais dispostos a revelar seu ponto de vista do que os minoritários”. O silêncio minoritário, por sua vez, reforça a aparência de consenso e pode produzir a sensação de isolamento (“ser o único”), o que tende a intensificar a autocensura. Nesse sentido, o domínio de um ponto de vista pode se consolidar como domínio do cenário, isto é, como supremacia na esfera do que é publicamente enunciável, mesmo que a realidade subjetiva seja mais plural. Esse processo é reforçado por fenômenos de alinhamento social descritos como “efeito onda/aposta no favorito”, isto é, a disposição de aderir ao que parece vencedor para evitar o isolamento.

A autora ainda diferencia a imitação por aprendizado, essencial para o convívio em sociedade, da imitação por medo do isolamento. Na espiral do silêncio, essa última imitação é relevante porque, diante de um ambiente percebido como hostil à divergência, o indivíduo pode ajustar sua conduta não por convicção, mas por custo social. Se não conseguir ou não quiser seguir a multidão, “ao menos é possível permanecer em silêncio” para continuar tolerado. A autora reforça essa ideia citando *The Elements of Law* (1650), de Thomas Hobbes, e destacando a ambiguidade funcional do silêncio: ele pode ser interpretado como conformidade, o que facilita a manutenção do consenso aparente.

4.4 Mídia, visibilidade e linguagem

Noelle-Neumann (2017) entende a espiral do silêncio como abordagem fundamental para estudar mídia e controle social e aponta que o apoio dos veículos a uma opinião pode estimular indivíduos a se expressarem publicamente, o que altera a percepção de risco.

Sendo assim, a mídia afeta o clima de opinião de duas formas:

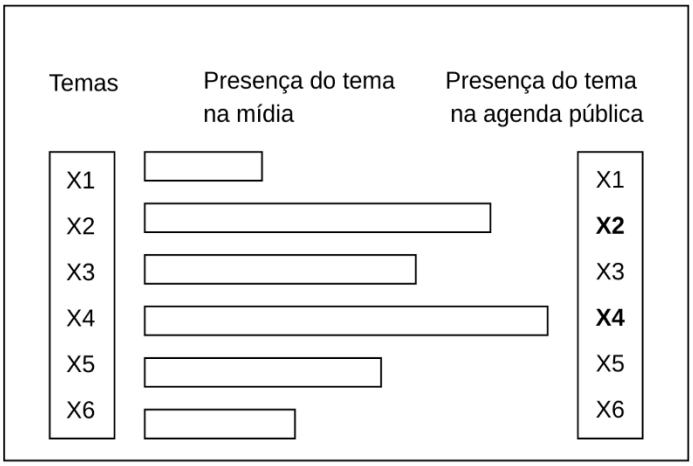
a) Seleção de temas e foco da atenção: A opinião pública regula o foco da atenção e opera por deslocamentos rápidos de interesse. Nesse cenário, a mídia tem poder de tornar certos temas “obrigatórios” e visíveis para o seu público.

b) Função de articulação/argumentação: Este é um ponto decisivo para compreender por que a espiral do silêncio é também um fenômeno linguístico. Afinal, a autora afirma que "não há palavras se os meios de comunicação não as fornecem"; os meios fornecem "palavras e frases" para defender um ponto de vista e, sem essas expressões, as pessoas "caem no silêncio e se tornam mudas" (Noelle-Neumann, 2017, p. 240-241). A ausência de linguagem e termos disponíveis pode funcionar como barreira objetiva à expressão pública.

A autora também registra a existência de duas visões do clima de opinião, quando a audiência observa pesquisas de intenção de voto com frequência através da televisão, por exemplo. Nos arquivos de Allensbach (1976) citados por ela, quem tinha contato com essas pesquisas pela televisão percebia uma mudança do clima ao longo do tempo, ao passo que quem observava sem o "olhar da TV" não a notava. A consequência formulada é que a audiência teria duas impressões da realidade: uma baseada na experiência própria e outra baseada na percepção midiática. Isso reforça a tese de que a mídia pode, além de informar o seu público, redefinir o parâmetro do que parece dominante, aceitável e seguro: essa é a ideia da *agenda-setting*.

Segundo Martino (2014), a *agenda-setting* é um modelo de circulação de temas entre dois sistemas: agenda da mídia (o que aparece nos meios de comunicação) e agenda pública (o que é conversado pelas pessoas). A hipótese da *agenda-setting* busca compreender como a mídia estrutura a atenção social e, por consequência, cria condições para a estabilização de determinados consensos. O seu modelo de circulação implica que os meios de comunicação determinam os assuntos discutidos pelas pessoas e que a agenda da mídia tende a definir a agenda pública. Porém, a *agenda-setting* não depende de os assuntos midiáticos ocuparem os lugares mais importantes da agenda das pessoas, mas sim de os temas propostos pela agenda da mídia estarem presentes na agenda intermediária de muitos. Dessa forma, esses temas se convertem em pauta recorrente do cotidiano (Martino, 2014).

Figura 2 — A ação da agenda da mídia na agenda pública



Fonte: Luís Mauro Sá Martino (2014).

Como observa Martino, os temas (e opiniões) mais recorrentes na agenda da mídia tendem a se converter em temas presentes nas conversas sociais, adquirindo uma visibilidade compartilhada que nenhum assunto estritamente privado alcança com a mesma intensidade (Martino, 2014). Ao mesmo tempo, Hohlfeldt, Martino e França (2001) ressaltam que esse processo pode produzir situações do que chamam de ignorância pluralística, nas quais indivíduos silenciam suas próprias posições por acreditarem, equivocadamente, que estão sozinhos em seu ponto de vista. Nesses casos, a ignorância pluralística participa ativamente da formação da opinião pública, reforçando a percepção de quais posições são majoritárias, legítimas e socialmente seguras de serem enunciadas (Hohlfeldt; Martino; França, 2001).

De acordo com esses autores, "esta influência […] não se limitava apenas ao sobre o quê pensar ou opinar […] mas também atingiria o que pensar ou dizer" (Hohlfeldt; Martino; França , 2001, p. 222). Nesse sentido, Hohlfeldt, Martino e França destacam que a espiral do silêncio deve ser compreendida junto ao processo de tematização, isto é, da colocação de determinados assuntos no centro da atenção pública. Segundo os autores, uma opinião tende a ganhar força porque passa a ser percebida como tema relevante, urgente e reiterado no espaço público e, desse modo, o clima de opinião decorre tanto das convicções íntimas dos indivíduos quanto da visibilidade social conferida a certos enquadramentos. Quando um tema recebe atenção contínua dos meios de comunicação, ele se torna mais facilmente reconhecido como matéria legítima de debate, o que altera o clima percebido. Assim, entende-se quais posições podem ser expressas sem risco de isolamento (Hohlfeldt; Martino; França, 2001).

4.5 Conformismo, núcleo duro e grupos de referência

A teoria não se encerra no conformismo, porém. Os achados de Noelle-Neumann (2017) também incluem "núcleo duro": grupo minoritário que, ao final da espiral, ainda desafia a ameaça de isolamento e aceita o isolamento como preço a ser pago. Essa categoria é conceitualmente importante porque impede a interpretação determinista, já que, mesmo sob alto risco, pode haver expressão persistente. Esse núcleo duro se associa à vanguarda, à inovação e à mudança e permite compreender processos de transformação do clima de opinião onde atores suportam ou rejeitam o custo social de divergirem.

Uma ressalva à teoria da espiral do silêncio apontada por Noelle-Neumann (2017) é que grupos primários e grupos de referência (família, colegas, clubes) poderiam ser mais determinantes do que a pressão do público anônimo. A autora enfatiza que a teoria não é determinista: o medo do isolamento público é um entre vários fatores no processo de opinião pública. Mas também supõe que o indivíduo tende a se importar mais com a impressão que apresenta aos desconhecidos do que aos conhecidos. Isso se daria porque, em ambientes familiares ou de convivência, o indivíduo tem outras chances de retificar o seu comportamento, sua opinião, mas um encontro com um desconhecido pode ser a única chance de interação bem-sucedida.

No conjunto dos estudos, a autora sustenta três ideias centrais.

1. Opinião pública como processo social coercitivo: Não é a soma de opiniões, mas um conjunto de comportamentos e expectativas regulados por aprovação e desaprovação do meio social.
2. Espiral do silêncio como indicador de viabilidade: Percepções do clima de opinião regulam a disposição para falar ou calar, fazendo um lado parecer naturalmente dominante enquanto o outro silencia.
3. Mediação da mídia e da linguagem: A formação do clima de opinião depende de sinais públicos, seleção de temas e repertórios linguísticos disponíveis; sem "palavras" circulando, certos pontos de vista tornam-se, literalmente, difíceis de dizer.

Ainda que a teoria da espiral do silêncio deva ser articulada a grupos de referência e experiências "em tempo real", isso não diminui a centralidade da opinião pública na constituição da realidade social observável. Hohlfeldt, Martino e França (2021) lembram que a opinião pública deve ser entendida como processo, e não como resultado final, o que exige considerar as mediações simbólicas que tornam certas posições mais audíveis que outras. Os autores compreendem, finalmente, que a mídia assume papel estratégico porque oferece

parâmetros decisivos sobre quais temas estão crescendo, perdendo força ou recebendo aprovação coletiva.

Sendo assim, a teoria oferece uma chave interpretativa para entender como sociedades mantêm consenso, ou ao menos a aparência dele, para organizar o caos social. Ela também ajuda a explicar como mudanças nessa opinião dominante podem ocorrer quando se alteram os custos de expressão, as condições de visibilidade e as possibilidades de articulação pública.

5 ESPIRAL DO SILÊNCIO NO CASO HARVEY WEINSTEIN

5.1 A opinião dominante em Hollywood e a normalização do silêncio

O caso Harvey Weinstein e a emergência do movimento #MeToo, abordados anteriormente, podem ser lidos como um exemplo didático de como a opinião pública se forma, se mantém e se transforma, especialmente quando observada pelo prisma da teoria da espiral do silêncio. Nessa perspectiva, o presente estudo de caso é sobre os motivos pelos quais tantas pessoas souberam por tanto tempo dos ocorridos e, ainda assim, permaneceram em silêncio, aderidas à norma social. Também é sobre entender como, em determinado momento, esse padrão se rompeu e novas formas de falar, julgar e agir se tornaram possíveis em público.

A teoria de Noelle-Neumann (2017) define a espiral do silêncio como um processo em que observações sobre o clima de opinião fazem indivíduos proclamarem suas opiniões ou reprimi-las, até que um ponto de vista domine a cena e o outro desapareça da consciência pública pela mudez de seus partidários. Essa dinâmica se ativa, sobretudo, pelo medo do isolamento, entendido como uma força que leva o indivíduo a preferir a adaptação ou o silêncio para seguir sendo tolerado.

No caso Weinstein, segundo as fontes observadas, o medo do isolamento era palpável para as mulheres vitimadas: ele se vinculava ao risco concreto de perder oportunidades, sofrer descrédito e retaliação profissional e ser colocada à margem de um sistema altamente restrito. A cultura de silêncio se impunha porque Weinstein era um sujeito poderoso na indústria e o *modus operandi* era não comentar sobre seus comportamentos. A opinião dominante — no sentido de norma social praticada e reproduzida — tendia a não relatar os "incidentes" ocorridos e, portanto, não desafiar a engrenagem que sustentava carreiras e reputações.

Essa moldura ajuda a explicar por que as vítimas, durante o processo de investigação, repetidamente buscavam saber se outras mulheres também falariam: não queriam denunciar individualmente e ir contra o senso comum presente em Hollywood, já que o custo subjetivo e material do isolamento seria maior se a denúncia fosse individualizada. A própria investigação do *The New York Times* (e, em paralelo, a de Ronan Farrow, pela *The New Yorker*) evidencia que a decisão de se identificar publicamente foi vivida como enfrentamento direto desse medo do isolamento: renunciar ao anonimato significava se expor ao tribunal social do meio.

Pelo referencial de Noelle-Neumann (2017), esse processo é coerente com a tese de que o silêncio é tentador porque costuma ser interpretado como conformidade. Assim, quanto mais o silêncio se consolidava como regra — diversos indivíduos sabiam do segredo, mas ninguém

denunciava —, mais ele reforçava a aparência de que não havia controvérsia relevante e, logo, não haveria por que falar.

Sob a perspectiva do movimento feminista, a aplicação da teoria da espiral do silêncio no caso Harvey Weinstein deve levar em conta também a ordem patriarcal que historicamente organiza quem pode falar, quem é ouvido e quem tende a ser desacreditado na sociedade. Dessa forma, a manutenção do silêncio na indústria de Hollywood decorreu tanto do poder econômico e simbólico de Weinstein quanto da ampla estrutura que encara versões masculinas dos fatos como a narrativa legítima universal. As experiências femininas, por sua vez, foram historicamente rebaixadas a opiniões particulares, exageradas e emocionais. Como observa Gonçalves, "a construção simbólica de gênero é uma das principais estratégias que permitem que as sociedades patriarcais ainda perpetuem na contemporaneidade", produzindo uma lógica que "emudece um sem fim de vozes femininas" e estabelecendo "uma verdadeira espiral do silêncio" frente à dominação masculina (Gonçalves, 2019, p. 4).

Sendo assim, o medo do isolamento social descrito por Noelle-Neumann (2017) ganha novas camadas quando aplicado ao gênero feminino. Para mulheres, expressar uma opinião considerada aparentemente minoritária também é desafiar um sistema que naturaliza sua subordinação e retribui suas falas com risco moral, profissional e reputacional. Nessas condições, o patriarcado deve ser entendido como parte estrutural do ambiente que favorece a espiral do silêncio, uma vez que trata a desigualdade de gênero com aparência de normalidade. Afinal, o silêncio das vítimas não é resultado da ausência de percepção da violência entre as mulheres, e sim um efeito colateral de um ambiente em que a punição sofrida pela mulher que denuncia tende a ser mais forte do que a aplicada ao homem denunciado.

5.2 A mídia e o repertório de palavras como condição do falar público

Um aspecto importante no estudo do caso mencionado é o papel da mídia na manutenção e na ruptura da espiral do silêncio. O livro *Operação Abafa* destaca que, enquanto o silêncio ainda era mantido, Ronan Farrow iniciou sua apuração pela emissora de televisão NBC, mas, após coletar um número razoável de fontes e evidências, seu trabalho passou a ser barrado por superiores. A investigação foi enquadrada, na época, como assunto não importante, desinteressante e até de possível risco legal. A relutância institucional é explicada, por Farrow, pela ligação entre executivos da emissora e Harvey Weinstein e pela existência de uma cultura interna na qual executivos e profissionais estariam "de mãos atadas" frente ao caso. O abafamento da matéria, segundo o autor, se dava tanto pelas já mencionadas relações pessoais

e profissionais entre as partes quanto pela prática de comportamentos semelhantes por alguns executivos.

Aqui, a teoria da opinião pública como controle social encontra uma aplicação concreta: quando emissoras, jornais e jornalistas são cúmplices, ou, no melhor dos casos, "neutros" em relação às denúncias, o público sequer chega a conhecer os fatos e, mais do que isso, não recebe a linguagem social necessária para interpretá-los. Esse ponto se conecta diretamente com o argumento de Noelle-Neumann (2017) sobre a função da mídia: ela é responsável por oferecer as palavras e frases com que um ponto de vista pode ser defendido. Quando essas expressões não circulam com frequência, as pessoas permanecem no silêncio e não recebem argumentos para expressar a opinião vista como minoritária.

Assim, no caso Weinstein, o silêncio pode ser entendido como resultado de um ambiente em que o veto editorial e a filtragem institucional ajudavam a sustentar a ideia de que não havia história a ser contada, de que não havia provas suficientes para sustentar as supostas fofocas. Nesse cenário, a ausência de vocabulário público consolidado (assédio, coerção, abuso de poder, retaliação, cultura de cumplicidade organizacional) dificultava até a própria percepção de existência do problema — o que Noelle-Neumann (2017) descreve como falta de repertório mental para relatar e compreender a gravidade da situação.

Seridório e Rodrigues (2015) permitem aprofundar esse aspecto da teoria ao destacarem a "pele social" com a qual um indivíduo se apresenta diante do tribunal da opinião pública. Essa pele social seria composta das opiniões escolhidas para manifestar em público e das regulagens feitas para evitar a impopularidade e o isolamento. Pensando nesse sentido, a mídia também ajuda a entender quais temas legítimos e moralmente reconhecíveis devem ser usados para regular a própria opinião manifestada. Quando essa mediação é repleta de representações históricas degradantes da figura da mulher, o resultado é a intensificação do silenciamento feminino. Afinal, as autoras afirmam que a mídia pode ser "excepcionalmente cruel" na representação das mulheres, contribuindo para a cultura do estupro e para o abafamento de temas fundamentais (Seridório; Rodrigues, 2015). Sendo assim, o patriarcado também se reproduz nas áreas de comunicação: ele seleciona o que merece visibilidade, enquadra a mulher como objeto e fragiliza as condições de credibilidade de sua fala.

No caso Weinstein, a espiral do silêncio foi reforçada pelo clima de opinião construído ao longo do tempo, em que a denúncia feminina tendia a aparecer como ameaça à ordem estabelecida. As bases culturais presentes no imaginário do público sexualizam, deslegitimam e ridicularizam as mulheres, o que torna difícil que experiências como as ocorridas no caso estudado sejam reconhecidas como violência. Entende-se, portanto, que a manutenção do

silêncio também depende da circulação reiterada de imagens e discursos que dão a aparência de normalidade ao abismo da desigualdade de gêneros.

Nesse contexto, o caso Weinstein pode ser então entendido pela hipótese da *agenda-setting*. Segundo ela, os meios de comunicação têm um papel ativo ao definir os assuntos que circulam socialmente — os temas saem da agenda da mídia e passam para a agenda pública (Martino, 2014). Aplicando essa hipótese ao caso em questão, isso significa que, enquanto as denúncias permaneciam fora da cobertura jornalística de grande alcance, o abuso sexual não tinha chance de se consolidar como um tema relevante e era mantido como rumor de bastidores. No publicar das reportagens — e na revelação dos fatos —, houve uma mudança na hierarquia do debate público: o que antes era silenciado, a partir dali passou a ser reconhecido como assunto legítimo, urgente e apto a ser discutido coletivamente.

Como já definido, uma espiral do silêncio depende da percepção que os indivíduos têm do clima de opinião. Portanto, não é necessário que uma opinião seja realmente majoritária, mas basta que ela pareça dominante, para produzir conformidade, autocensura e adaptação (Hohlfeldt; Martino; França, 2001). Em Hollywood, a "opinião" que aparentemente dominava era aquela conformada em não falar sobre a problemática do comportamento de Harvey Weinstein. Essa opinião, somada à impressão de que o produtor seguia sendo admirado e temido, criava um ambiente em que a discordância era socialmente inviável. O silêncio, adequando-se à teoria proposta por Noelle-Neumann (2017), era um efeito da percepção social na qual denunciar os abusos era equivalente a se colocar contra uma maioria poderosa e consolidada.

Outro conceito útil para explicar a ruptura da espiral do silêncio mencionada é o que Hohlfeldt, Martino e França (2001) destacam como tematização, que significa colocar determinado assunto no centro da atenção pública, conferindo-lhe permanência e urgência. Foi isso que as reportagens do *The New York Times* e *The New Yorker* fizeram com as denúncias: elas organizaram um quadro interpretativo que permitiu ao público fazer conexões entre assédio, abuso de poder, silenciamento institucional e cumplicidade organizacional. A partir dessa tematização, as experiências das vítimas deixaram de aparecer esporadicamente como casos fragmentados e passaram a integrar um problema estrutural, transformação decisiva para a ruptura da espiral do silêncio e para a expansão do movimento #MeToo.

Quando ambos os veículos publicaram suas primeiras reportagens, a mudança no debate público foi expressiva. A mídia passou a oferecer uma nova moldura de interpretação, e, com isso, possibilitou a alteração do clima de opinião. Se anteriormente a percepção dominante era a de que o silêncio era mais seguro que a fala, a ampla circulação das denúncias começou a produzir

o efeito inverso, aproximando a fala do respaldo coletivo e o silêncio da cumplicidade com o agressor. Assim, de acordo com a observação de Mauro Wolf em seu livro *Teorias da comunicação* (1985), retomada por Hohlfeldt, Martino e França (2001), os meios de comunicação não se limitam a representar tendências já dadas da opinião pública. Eles participam concretamente de sua forma e desenvolvimento, como no caso analisado, ajudando a transformar uma experiência socialmente dispersa em uma questão pública reconhecível.

5.3 Acordos, intimidação e deslegitimação pública

Tanto Kantor e Twohey quanto Farrow convergem ao relatar que Weinstein e sua equipe mobilizavam mecanismos variados para manter o silêncio das acusadoras, incluindo estratégias de intimidação e pressão jurídica. No livro *Ela disse*, os acordos de confidencialidade aparecem como engrenagens "insidiosas", que punem uma possível futura fala e trocam compensação financeira por silêncio, protegendo o agressor e dificultando a ação coletiva. Um argumento usado por muitas pessoas envolvidas na assinatura desses contratos era de que eles funcionavam também como proteção reputacional para a mulher atingida. Afinal, impediam que essas mulheres fossem estigmatizadas como mentirosas, "dedo-duro" ou interesseiras, o tipo de rótulo que reforça o medo do isolamento.

O silenciamento também se construiu pela deslegitimação pública das acusadoras. No livro *Operação abafa*, Farrow aponta que pessoas ligadas a Weinstein usaram sua influência na mídia para desacreditar Ambra Gutierrez, com insinuações sobre seu passado, sexualização de seu corpo e acusações infundadas de prostituição, contribuindo para que a investigação das denúncias não avançasse. Ao transformar a vítima em alvo, esse procedimento opera como uma punição social exemplar: reforça o recado coletivo de que falar custa caro, e, assim, aumenta a tendência ao silêncio de outras potenciais denunciantes. Esse conjunto produz o que Noelle-Neumann (2017) descreve como um ambiente em que a ameaça de isolamento tem risco real, com sanções concretas. No caso analisado, o isolamento se materializa como perda de trabalho, inclusão em uma "lista negra" informal, dolo a reputação e vulnerabilidade econômica — elementos que surgem nos relatos das vítimas como parte de um "sistema inteiro treinado para abafar denúncias e destruir reputações".

5.4 Articulação da ruptura da espiral do silêncio

A ruptura se articula, no caso Harvey Weinstein, em dois movimentos complementares:

1. Publicação em veículos com legitimidade social e rigor investigativo;
2. Ação coletiva e percepção de coletividade que reduz o custo individual de falar.

Em *Ela disse*, argumenta-se que a investigação do *The New York Times* e a de Ronan Farrow tiveram papel crucial porque foram a primeira "opinião" divulgada capaz de confrontar décadas de cultura do silêncio, o acordo simbólico na indústria. As mulheres que aceitaram ser nominadas na matéria foram decisivas porque, ao renunciarem ao anonimato, enfrentaram diretamente o medo do isolamento. De maneira complementar, as que não quiseram ser identificadas também contribuíram para essa nova movimentação, compartilhando relatos que permitiram consolidar um quadro coletivo de experiências.

Nesse caso, a teoria explica por que a companhia de outras mulheres importou tanto. Quando denúncias se apresentam como experiência compartilhada, cria-se um chão social no qual o indivíduo já não está sozinho diante do tribunal público. Sendo assim, o pertencimento a um grupo de denunciantes e a expectativa de ser levada a sério foram fatores decisivos para quebrar a espiral. Esse ponto dialoga com a distinção, proposta por Noelle-Neumann (2017), entre públicos dispersos e a formação de uma "massa concreta", na qual o medo do isolamento diminui porque a reciprocidade do grupo aumenta e a ideia nova pode ser defendida sem o mesmo risco de punição social. Quando a denúncia deixou de ser ato isolado e passou a ser ato coletivo, o clima de opinião pôde mudar: tornou-se mais provável que outros falassem sobre experiências similares e emitissem "opiniões" similares.

5.5 Movimento #MeToo, mudança do clima de opinião e reorganização do debate público

Após as primeiras divulgações terem repercussão global, tanto Kantor e Twohey quanto Farrow observam um efeito cascata: mais mulheres vieram a público denunciar as tentativas de Weinstein e, por extensão, as de outros predadores, levando um tema antes silenciado ao centro do debate público. A explosão do movimento #MeToo pode ser entendida, então, como um mecanismo de ampliação da visibilidade social de uma "opinião" que, antes, parecia minoritária e arriscada. Do ponto de vista da teoria, isso corresponde à percepção de que opiniões e comportamentos antes silenciados agora poderiam ser expressos sem causar isolamento. Esse movimento, nas condições do caso Harvey Weinstein, cria espaço para que a opinião dominante se reconfigure: se antes a norma era o silêncio e a proteção do agressor, passa a ganhar força

uma expectativa pública de responsabilização dos agressores e de maior credibilidade às vítimas, mesmo que de modo incompleto e conflitivo.

Os jornalistas enfatizam que a mudança foi também linguística: o debate trouxe "palavras que anteriormente não eram usadas", o que se conecta diretamente ao argumento de Noelle-Neumann (2017) de que a mídia precisa "dar palavras" para que as pessoas possam quebrar a espiral do silêncio. Sendo assim, a ampliação do movimento #MeToo foi, sociologicamente, uma transformação nas condições de possibilidade do dizer. Ela permitiu que a opinião pública criasse repertórios e exemplos e ampliou a legitimidade pública de narrativas antes descartadas como exageradas, histéricas ou duvidosas.

O movimento #MeToo também precisa ser compreendido como uma ruptura feminista da estrutura simbólica do patriarcado. Isso porque, ao reunir relatos de mulheres que até então apareciam de forma fragmentada e privada, o movimento transformou experiências individuais em uma narrativa coletiva e politicamente inteligível. Gonçalves (2019, p. 3) destaca que "apenas uma reunião de vozes femininas é capaz de quebrar essa espiral do silêncio", se referindo ao silenciamento geral ao qual as mulheres são submetidas sob o sistema patriarcal. Isso dá ênfase ao fato de a força do movimento estar justamente na passagem do sofrimento individual para a fala coletiva (Gonçalves, 2019). Da mesma forma, quando Seridório e Rodrigues (2015) apontam que, em contextos de instabilidade, novas opiniões podem romper a barreira do silêncio, evidencia-se que o #MeToo alterou o clima de opinião ao deslocar o foco da proteção ao homem poderoso para a escuta das mulheres e para a denúncia da cultura que sustentava esse silêncio. Como explica Gonçalves,

> A construção simbólica de gênero é uma das principais estratégias que permitem que as sociedades patriarcais ainda perpetuem na contemporaneidade. Na prática, isso ocorre a partir da elaboração de representações sociais ditadas predominantemente pela voz masculina, que se empenha em criar adjetivos que naturalizem alguns comportamentos como tipicamente femininos, compondo como destino desejável e/ou inevitável para as mulheres condições de inferioridade ou servidão, como, por exemplo, a famosa tríade "bela, recatada e do lar". Essa lógica é responsável não apenas por emudecer um sem fim de vozes femininas, estabelecendo uma verdadeira espiral do silêncio frente o ciclo perverso de violência e dominação do discurso do homem, como também por criar inúmeras narrativas históricas que não passam de simulacros ou sombras distorcidas da realidade, vez que a "versão oficial" dos fatos quase sempre é contada pelo ponto de vista masculino, relegando às mulheres um papel menor ou secundário (Gonçalves, 2019, p. 4).

Nesse processo, o movimento social do feminismo auxilia na nomeação de estruturas que antes passavam despercebidas. Ao passar de uma interpretação individual dos casos para uma que considera os sintomas da desigualdade estrutural entre gêneros, ganha-se nova linguagem para falar sobre as denúncias e cria-se legitimidade para o enfrentamento público que um caso como esse exige. Em termos de opinião pública, isso significa que o patriarcado perde parte de sua capacidade de definir sozinho o que pode ser dito sem sanção e a voz das mulheres começa a adquirir maior reconhecimento social, ainda que de forma conflitiva e incompleta.

> Tomando as características e os desafios das sociedades hodiernas, pode-se incluir com segurança nessa lista […] agentes da indústria cultural como produtores fonográficos, diretores de cinema, publicitários e, sobretudo, jornalistas, sendo esses últimos, através dos mass media, responsáveis diretos pela construção da imagem que cada indivíduo projeta no seu íntimo sobre os papéis e expectativas que a sociedade lhe reserva a depender de sua classe, cor, orientação sexual e gênero. Considerando o cenário supramencionado, é importante destacar que as possibilidades do jornalismo moderno (e dos jornalistas) se encerram em dois caminhos opostos. O mais fácil deles tem sido adotado ao longo da história brasileira por incontáveis veículos hegemônicos que se apressam em prestar serviços a um sistema de representação social misógino […]. Contudo, existe o caminho da resistência na mídia alternativa […], onde a liberação das vozes femininas — e feministas — passa a ser o principal objetivo de um jornalismo contra-hegemônico, baseado em práticas dialógicas e libertadoras (Gonçalves, 2019, p. 5).

Sob essa ótica, o movimento #MeToo pode ser compreendido como resultado de uma dupla transformação comunicacional: primeiro, a entrada do tema na agenda pública; depois, a alteração do clima de opinião que tornou socialmente mais viável nomear experiências antes reprimidas. Isso demonstra que a ruptura da espiral do silêncio ocorreu porque os indivíduos passaram a perceber que já não estão sozinhos, encontraram linguagem disponível para sustentar sua fala e entenderam que a opinião pública deslocou seus critérios de aceitabilidade. Assim, pode-se dizer que a mídia contribuiu para reorganizar o debate público sobre violência sexual, poder e credibilidade das vítimas.

O caso Weinstein, então, mostra um ciclo completo do mecanismo da espiral do silêncio:

- Formação e manutenção da espiral: Poder assimétrico, acordos de confidencialidade, intimidação, veto institucional na mídia e deslegitimação pública das vítimas criam um clima em que falar parece custoso e “irracional”.
- Observação do clima e autocensura: Vítimas e testemunhas monitoram o ambiente e calculam o risco social — a “avaliação contínua” do que pode ser dito sem isolamento.

- Ruptura: Quando reportagens legitimadas dão visibilidade ao tema e quando mulheres falam em conjunto, o medo do isolamento diminui, o silêncio deixa de parecer “conformidade” e passa a parecer cumplicidade — alterando o custo moral e social de permanecer calado.
- Reconfiguração da opinião pública: O #MeToo amplia o debate, normaliza o vocabulário e contribui para inverter o sentido da pressão social — deslocando a “opinião dominante” e reorganizando o que é aceitável expressar em público.

Entende-se, dessa forma, que o caso explicita como a opinião pública, no papel de tecido social, opera por sanções simbólicas, reputacionais e institucionais — e como a mídia (pela seleção e pela linguagem disponível) pode tanto sustentar quanto desfazer uma cultura de silêncio.

6 ANÁLISE DE CONTEÚDO

A etapa empírica deste estudo é conduzida por meio da análise de conteúdo, que, conforme os preceitos metodológicos de Bardin (2011), é uma técnica que permite a interpretação sistemática e metodológica das mensagens para além de uma leitura imediata. O procedimento descrito pela autora deve se iniciar com a etapa de pré-análise, em que é realizada a leitura flutuante do conteúdo escolhido. Nesse estudo, o objeto de análise são duas reportagens que foram centrais para a exposição pública do caso Harvey Weinstein: a reportagem publicada pelo jornal *The New York Times* em 5 de outubro de 2017, intitulada "Harvey Weinstein pagou acusadoras de assédio sexual por décadas" (tradução própria), escrita por Jodi Kantor e Megan Twohey; e a reportagem publicada pela revista *The New Yorker* em 10 de outubro de 2017, chamada "De investidas agressivas a agressão sexual: as acusadoras de Harvey Weinstein contam suas histórias" (tradução própria), escrita por Ronan Farrow. A escolha de ambos os textos se justifica pelo papel que exerceram na divulgação das denúncias contra Weinstein e na ampliação do debate público sobre a violência sexual, abuso de poder e silenciamento na indústria cinematográfica.

A análise adota a abordagem qualitativa, pois busca compreender os sentidos presentes nos discursos, os mecanismos de silenciamento e as relações entre poder, medo e opinião pública. Desse modo, prioriza-se o conteúdo das falas e os significados evidentes e latentes (Bardin, 2011) das reportagens, em detrimento da quantidade de repetições de palavras ou expressões. Já as unidades de registro, definidas a partir da leitura flutuante (Bardin, 2011), correspondem a excertos específicos de ambas as reportagens, em especial citações diretas de vítimas, funcionários, executivos e representantes ligados ao caso. Esses trechos funcionam como indicadores dos mecanismos de manutenção e posterior ruptura da espiral do silêncio presente no caso. A seleção das passagens foi intencional, considerando sua relevância para os eixos temáticos previamente definidos e sua capacidade de revelar dinâmicas de coerção, medo, silêncio e legitimação social.

A etapa seguinte da análise de conteúdo é a exploração do material, que, segundo Bardin (2011), consiste na codificação das unidades de registro por meio da categorização. As categorias através das quais as unidades de registro foram organizadas foram definidas *a priori* e estão agrupadas em dois eixos temáticos relacionados ao funcionamento da espiral do silêncio no caso Harvey Weinstein. O primeiro eixo, denominado "enquadramento do silêncio", investiga os mecanismos que sustentaram o silenciamento das vítimas e a continuidade da violência. Ele reúne as seguintes categorias: assimetria de poder; medo de

retaliação profissional; medo de deslegitimação e estigmatização; vergonha, culpa e autoquestionamento; cultura organizacional de cumplicidade; e mecanismos jurídicos de silenciamento. Já o segundo eixo, o "enquadramento da ruptura", analisa os elementos que contribuíram para que a ruptura do silêncio fosse possível. Esse eixo considera aspectos como: a coragem de falar em grupo; a nomeação pública; a corroboração entre relatos; a legitimação jornalística; a ruptura da cumplicidade institucional; a transformação do caso em pauta pública; e o efeito cascata das denúncias.

O procedimento analítico será dividido em duas etapas: primeiro, serão apresentadas as citações selecionadas de cada reportagem, de acordo com as categorias a que estão relacionadas dentro de cada eixo; em seguida, será realizada uma análise explicativa e relacional, articulando o excerto e o conjunto de excertos aos conceitos teóricos mobilizados no trabalho — em especial a opinião pública, a teoria da espiral do silêncio e a hipótese da *agenda-setting*. O principal objetivo desta análise é entender como as informações presentes nas reportagens podem evidenciar os mecanismos sociais, comunicacionais e organizacionais que sustentaram o silêncio diante dos abusos e, posteriormente, possibilitaram sua ruptura. Dessa forma, busca-se confirmar se o silêncio no caso Harvey Weinstein surgiu e se manteve em consequência de um sistema social e organizacional que encorajava o silenciamento de vítimas; e se, posteriormente, o silêncio foi rompido com uma mudança do clima de opinião e legitimação pública das falas.

Essa hipótese dialoga com os conceitos de clima de opinião, medo do isolamento e conformidade social de Noelle-Neumann (2017), expostos no Capítulo 4, tanto quanto se relaciona à *agenda-setting*, uma vez que os meios de comunicação influenciam os temas que ganham visibilidade pública e passam a integrar as conversas sociais. Nesse sentido, também se supõe que as reportagens tenham contribuído para deslocar as opiniões manifestadas sobre os abusos cometidos por Weinstein, transformando denúncias antes silenciadas em tema de debate público. Ao reunir diferentes relatos e publicá-los em veículos de grande legitimidade, elas sinalizaram uma mudança no clima de opinião e, com isso, outras vítimas puderam perceber que não estavam isoladas e que suas experiências faziam parte de um padrão mais amplo de abuso e silenciamento.

A análise também busca comparar as reportagens, encontrando as diferenças de enquadramento narrativo entre elas. *A priori*, a reportagem do *The New York Times* privilegia os mecanismos sistêmicos do silêncio, como acordos financeiros, cláusulas de confidencialidade, falhas institucionais e engrenagens organizacionais que protegiam Weinstein. Já a reportagem da *The New Yorker* enfatiza os testemunhos das vítimas, as

descrições das violências e os impactos psicológicos e profissionais dos abusos. Sendo assim, a primeira evidencia a estrutura institucional que administrava o silêncio, enquanto a segunda aprofunda a dimensão subjetiva da violência e da dificuldade de quebrar o silêncio.

6.1 Exploração do material

6.1.1 Eixo A: enquadramento do silêncio

Este eixo investiga a anatomia do silêncio no caso Harvey Weinstein, buscando entender como a sua rede de influência criou e manteve um sistema que tornava a denúncia quase impossível. O foco do eixo serão os mecanismos de controle (sociais, institucionais, profissionais e jurídicos) que permitiam e/ou endossavam a continuidade da violência cometida pelo produtor, junto aos elementos que podem explicar por que o silêncio se sustentou por tanto tempo ao redor de seus abusos.

A1. Assimetria de poder: Refere-se à disparidade extrema de recursos entre o agressor e as vítimas, que permite que a posição de Weinstein como titã de Hollywood seja usada como ferramenta de dominação.

Indicadores: Comparações explícitas (por exemplo: “Davi contra Golias”, “Eu 0, Harvey 10”); menções ao controle absoluto sobre a carreira de outros.

A1A. *The New York Times*

Citação A1A1: “Sou uma mulher de 28 anos tentando ganhar a vida e construir uma carreira. Harvey Weinstein é um homem mundialmente famoso, de 64 anos, e esta é a empresa dele. O equilíbrio de poder é: eu 0, Harvey Weinstein 10.”

Análise: Lauren O’Connor quantifica a desigualdade, colocando-se em uma posição de nulidade total de recursos contra o poder absoluto do agressor. Além disso, destaca o contraste entre uma iniciante e um homem “mundialmente famoso” que é o dono da estrutura onde ela trabalha, evidenciando a dominação institucional.

Citação A1A2: “Weinstein a obrigava a conduzir conversas de elenco com atrizes aspirantes depois que elas tinham encontros privados com ele em seu quarto de hotel, afirmou ela — descrição que se encaixa nos relatos de outros ex-funcionários. Ela suspeitava que ela e

outras funcionárias da Weinstein Company, escreveu, estivessem sendo usadas para facilitar encontros com ‘mulheres vulneráveis que esperam que ele lhes consiga trabalho’.”

Análise: A citação revela como Weinstein instrumentalizava sua empresa para criar uma armadilha de dependência profissional. Utilizava-se da necessidade de emprego das vítimas como uma isca, exercendo sua posição de poder como uma ferramenta ativa de coerção e domínio.

Citação A1A3: “Nestor, então estudante de Direito e Administração, aceitou o convite de Weinstein para o café da manhã no *Peninsula* porque não queria perder uma oportunidade, contou depois a colegas. Ao chegar, ele se ofereceu para ajudar em sua carreira, enquanto se gabava de uma série de atrizes famosas com as quais dizia ter dormido.”

Análise: O fato de Weinstein “se gabar” de relações com atrizes famosas reforça seu status de “titã” intocável, utilizando seu sucesso histórico para sinalizar à vítima que o acesso ao estrelato passava necessariamente por sua aprovação pessoal e sexual.

Citação A1A4: “Para sair do quarto, contou ela, fez uma piada de que, se Weinstein quisesse tocá-la, ela primeiro teria que ganhar um Oscar em um de seus filmes. Recorda-se de ter se sentido ‘em pânico, presa’, disse na entrevista. ‘Havia muito em jogo, o prestígio que vinha com a Miramax’.”

Análise: Ilustra como o status de Weinstein e a força de sua marca (Miramax) criavam um ambiente de dominação psicológica. O “muito em jogo” se refere ao controle que Weinstein exercia sobre os prêmios e o reconhecimento máximo da indústria (como o Oscar mencionado na piada defensiva da atriz), atestando que a disparidade de poder tornava a resistência direta um risco de suicídio profissional.

A1B. *The New Yorker*

Citação A1B1: “(Na conversa gravada, parte da qual *The New Yorker* publicou online, Weinstein pede que Gutierrez se junte a ele por ‘cinco minutos’ e a alerta: ‘Não estrague sua amizade comigo por causa de cinco minutos.’).”

Análise: Essa fala demonstra como Weinstein transformava relações pessoais em ferramenta de pressão, já que o termo “amizade” carregava o peso de uma aliança profissional necessária. O abuso é minimizado (“cinco minutos”), enquanto a consequência de uma possível recusa é enfatizada, demonstrando o controle de Weinstein sobre o valor dessa conexão.

Citação A1B2: “O fato de Weinstein ter sido tão importante para o sucesso de Sorvino também a fez hesitar: ‘Tenho grande respeito por Harvey como artista e devo a ele e ao irmão uma dívida de gratidão pelo sucesso inicial da minha carreira, incluindo o Oscar.’”

Análise: Mira Sorvino sente que sua ascensão ao estrelato e o recebimento do prêmio máximo da indústria (o Oscar) são créditos de Weinstein. Essa percepção cria uma disparidade extrema, que faz a vítima sentir que não pode se opor ao agressor sem parecer ingrata ou destruir a base de sua própria trajetória profissional.

Citação A1B3: “Parecia Davi contra Golias… o sujeito com todo o dinheiro e o poder exibindo sua força, abafando as acusações e se livrando delas.”

Análise: Sintetiza a disparidade extrema de recursos, onde o dinheiro e o poder de Weinstein são usados para dominar indivíduos e para esmagar qualquer tentativa de denúncia, demonstrando que a assimetria era uma força bruta usada para “abafar” a verdade.

Citação A1B4: “Depois de Weinstein oferecer ajuda em sua carreira, disse ela, ele começou a se gabar de seus relacionamentos sexuais com outras mulheres, incluindo atrizes famosas. ‘Ele disse: “Sabe, nós poderíamos nos divertir muito”’, recorda Nestor. ‘“Eu poderia te colocar no meu escritório de Londres, e você poderia trabalhar lá e ser minha namorada.”’”

Análise: Weinstein usa sua capacidade de manipular estruturas corporativas internacionais (o escritório de Londres) para tentar comprar a submissão de uma funcionária. Novamente usa sua posição de poder para oferecer uma promoção que, na verdade, é um mecanismo de controle e exploração sexual.

Citação A1B5: “Weinstein lhe disse que ela estava cometendo um enorme erro ao rejeitá-lo e citou uma atriz e uma modelo que, segundo ele, haviam cedido às investidas e cujas carreiras, afirmou, ele havia impulsionado como resultado.”

Análise: Weinstein novamente apresenta o sucesso de terceiros como um produto direto de sua vontade e da complacência sexual. Ao dizer que a rejeição é um “enorme erro”, deixa claro que a sobrevivência profissional em Hollywood depende da sua aprovação.

Análise da categoria

As citações que compõem a categoria A1 mostram que o silêncio das vítimas estava ligado à enorme desigualdade de poder entre elas e o produtor Harvey Weinstein. Em A1A1, Lauren O'Connor resume essa relação como "eu 0, Harvey Weinstein 10". Em A1B3, a situação é comparada a "Davi contra Golias", reforçando a distância entre o poder das vítimas e os recursos econômicos, simbólicos e profissionais do produtor. Já A1A2, A2B4 e A1B5 mostram que Weinstein usava promessas de trabalho, prestígio e oportunidades de carreira como instrumentos de coerção.

Essa dinâmica se relaciona diretamente à teoria da espiral do silêncio de Noelle-Neumman (2017), uma vez que o medo do isolamento aumenta quando o indivíduo percebe que está diante de uma opinião dominante contrária. No caso Weinstein, enfrentá-lo significava se opor a alguém visto como influente, protegido e capaz de controlar oportunidades na indústria.

A partir da perspectiva de Noelle-Neumann (2017), retomada por Hohlfeldt, Martino e França (2001), compreende-se que a percepção de uma opinião dominante orienta comportamentos de silêncio, mesmo quando não há consenso real sobre o clima de opinião. Sob a perspectiva de Simões (1995), essa assimetria de poder revela uma desfuncionalização da função política organizacional, já que o poder institucional passa a sustentar relações de dominação, e não de mediação legítima — dessa forma, a assimetria de poder é um mecanismo central da manutenção da espiral do silêncio. Essa assimetria, para além de ser uma disparidade individual, é alimentada por uma estrutura patriarcal que silencia vozes femininas ao naturalizar sua subordinação (Gonçalves, 2019).

A2. Medo de retaliação profissional: Refere-se ao receio de que qualquer oposição resultasse em prejuízo na carreira e/ou na inserção em listas negras na indústria.

Indicadores: Verbos como "destruir", "arruinar", "sabotar"; relatos de perda de papéis após rejeições; ameaças diretas de Weinstein sobre "não estragar a amizade".

A2A. *The New York Times*

Citação A2A1: "'Estou começando minha carreira agora e tenho sentido — e continuo sentindo — medo de me manifestar', escreveu O'Connor. 'Mas permanecer em silêncio está me causando grande angústia'."

Análise: A citação evidencia o medo da retaliação profissional porque O'Connor associa diretamente sua condição de iniciante na carreira ao receio de denunciar Weinstein. O silêncio aparece como uma estratégia de sobrevivência dentro da indústria, já que se manifestar poderia comprometer sua permanência e seu crescimento profissional.

Citação A2A2: "Algumas disseram não ter denunciado o comportamento porque não havia testemunhas e temiam represálias de Weinstein."

Análise: A citação explicita o núcleo do medo de retaliação: as vítimas sabiam que, sem testemunhas, suas denúncias poderiam ser desqualificadas e ainda gerar punições contra elas. A ausência de provas externas fortalecia o silêncio, pois denunciar significava enfrentar sozinha alguém com grande influência na indústria.

Citação A2A3: "Falar poderia ter custado caro. Trabalhar para Weinstein era um posto privilegiado no cruzamento entre dinheiro, fama e arte, e muitos de seus ex-assistentes chegaram a posições altas em Hollywood."

Análise: A citação demonstra que o silêncio era sustentado pela dependência profissional criada em torno de Weinstein. Estar a seu lado podia abrir portas na indústria cinematográfica, o que tornava a denúncia um risco para quem desejava construir carreira.

A2B. *The New Yorker*

Citação A2B1: "'Eu senti que tinha que fazer', disse. 'Porque eu tinha um filme para lançar e não queria deixá-lo irritado.' Ela acreditava que Weinstein arruinaria sua carreira se não cedesse. Anos depois, quando era mãe solo lidando com cuidados infantis, Weinstein se ofereceu para pagar uma babá. Ela disse que se sentiu 'obrigada' a ceder às investidas sexuais dele.'"

Análise: O medo da retaliação profissional atravessava decisões íntimas e corporais das vítimas. A denunciante afirma que cedeu porque temia irritar Weinstein, entendendo que a carreira dependia da aprovação dele. Depois, a obrigação se torna ainda mais incisiva ao envolver também necessidades financeiras.

Citação A2B2: "Asia Argento, atriz e diretora italiana, disse que não tinha falado até agora — Weinstein, contou ela, forçou-a a receber sexo oral —, porque temia que ele fosse

‘destruí-la’. ‘Eu sei que ele já destruiu muita gente antes’, disse Argento. É por isso que essa história — no meu caso, tem vinte anos, algumas são ainda mais antigas — nunca veio à tona.’”

Análise: A fala comprova o medo de retaliação porque a palavra “destruí-la” sintetiza a percepção de que Weinstein tinha poder para eliminar reputações, oportunidades e trajetórias profissionais. O fato de ela mencionar que ele “já destruiu muita gente antes” mostra que esse medo era alimentado por exemplos anteriores observados na indústria.

Citação A2B3: “‘Se Harvey descobrir minha identidade, tenho receio de que ele possa arruinar minha vida’, disse um ex-funcionário. Muitos disseram ter visto associados de Weinstein confrontar e intimidar aqueles que o contrariavam e temiam ser igualmente alvo.”

Análise: A citação demonstra que o medo de retaliação não era especulativo, já que funcionários relatavam ter visto pessoas serem confrontadas por contrariar Weinstein. O receio de “arruinar minha vida” amplia a retaliação para além da carreira, alcançando reputação e segurança pessoal. A presença de associados atuando em favor de Weinstein indica uma rede de intimidação que fazia o silêncio parecer a opção mais segura.

Citação A2B4: “Quatro atrizes, incluindo Mira Sorvino e Rosanna Arquette, me disseram suspeitar que, depois de rejeitarem as investidas de Weinstein ou reclamarem delas a representantes da empresa, ele as removeu de projetos ou desencorajou outras pessoas de contratá-las.”

Análise: Aqui, a rejeição às investidas de Weinstein é diretamente relacionada com possíveis punições profissionais. A suspeita de terem sido removidas de projetos ou boicotadas na contratação revela como a retaliação podia operar nos bastidores, sem necessariamente deixar registros formais.

Citação A2B5: “A essa altura, lembrou Nestor, eu estava com muito medo dele. Sabia quão bem relacionado ele era. E sabia que, se eu o irritasse, jamais teria carreira nessa indústria.’”

Análise: A fala de Nestor expressa de forma direta a lógica da retaliação profissional. O medo nasce da consciência de que Weinstein era “bem relacionado”, isto é, possuía uma rede capaz de abrir ou fechar portas. A possibilidade de “jamais ter carreira” mostra que a vítima percebia a denúncia ou a recusa como um ato capaz de comprometer todo o seu futuro profissional.

Citação A2B6: “Pode ter havido outros fatores, mas definitivamente senti que fui deixada de lado e que minha rejeição a Harvey teve algo a ver com isso.”

Análise: A citação revela a forma ambígua e difícil de provar da retaliação profissional. A vítima reconhece que poderiam existir outros fatores, mas percebe uma relação entre rejeitar Weinstein e ser “deixada de lado”. Essa incerteza também é parte do mecanismo de silenciamento: como o boicote ocorre nos bastidores, a vítima sente os efeitos, mas tem dificuldade de provar publicamente a punição.

Citação A2B7: “Arquette contou que, após rejeitar Weinstein, sua carreira sofreu. Em pelo menos um caso, ela acredita que perdeu um papel por causa disso. ‘Ele tornou as coisas muito difíceis para mim durante anos’, disse.”

Análise: A fala de Arquette reforça a ideia de que a recusa podia gerar consequências prolongadas. A expressão “durante anos” mostra que a retaliação podia acompanhar a vítima por grande parte da carreira.

Análise da categoria

As citações da categoria A2 materializam o que Noelle-Neumann (2017) define como o medo do isolamento, a força ativadora da espiral do silêncio. Em A2A1, Lauren O’Connor associa seu medo de se manifestar ao fato de estar iniciando sua trajetória profissional. Em A2A3, a reportagem mostra que trabalhar para Weinstein representava acesso a dinheiro, fama e oportunidades. Já A2B2, A2B5 e A2B7 revelam que as vítimas temiam ser destruídas, perder espaço na indústria ou sofrer boicotes prolongados.

No contexto do caso Weinstein, esse medo passa de um fenômeno psicológico a uma ameaça de exclusão profissional concreta. O receio de Lauren O’Connor (A2A1) ao iniciar sua carreira e o temor de atrizes consagradas de serem “destruídas” (A2B2) demonstram que Weinstein utilizava o controle sobre as contratações para atacar o capital reputacional das vítimas — ativo essencial para a sobrevivência na indústria cinematográfica.

Sob a ótica de Simões (1995), essa dinâmica também evidencia uma desfuncionalização da função política organizacional, na qual o poder deixa de buscar o equilíbrio e a mediação para se tornar uma ferramenta de ameaça sistemática contra os públicos internos. Além disso, conforme aponta Gonçalves (2019), a retaliação funciona como um mecanismo de manutenção da ordem patriarcal, punindo mulheres que ousam romper o silêncio com a exclusão econômica e o estigma social. Ao avaliarem o clima de opinião da indústria, as vítimas perceberam que o

custo da denúncia seria a aniquilação de seus meios de subsistência. Assim, o silêncio operou como uma estratégia de conformidade simulada, que levava as mulheres a suprimirem suas experiências para serem toleradas em um sistema que aniquilava vozes dissonantes e preservava a identidade profissional do agressor.

A3. Medo de deslegitimação e estigmatização: Refere-se às táticas de difamação e ataque à reputação, que enquadram a vítima como mentirosa ou instável antes que possa ser ouvida ou levada a sério

Indicadores: Menções a vazamentos para tabloides; questionamentos sobre o histórico sexual da vítima; contratação de investigadores particulares para escavar o passado.

A3A. *The New York Times*

Citação A3A1: "Quando alguns conselheiros pressionaram Harvey sobre o caso, ele insistiu que a mulher havia armado uma cilada, recordam colegas."

Análise: Revela-se uma tática de deslegitimação, porque Weinstein desloca a atenção do comportamento denunciado para a suposta intenção da vítima. Ao afirmar que ela teria "armado uma cilada", ele tenta transformá-la de denunciante em manipuladora. Essa inversão enfraquece a credibilidade da vítima antes que sua versão seja plenamente considerada.

Citação A3A2: "Battilana já havia testemunhado em processos contra associados do ex-primeiro-ministro Silvio Berlusconi, da Itália, acusados de recrutar mulheres para supostas festas sexuais, e a imprensa italiana também relatou que, anos antes, ela acusara um namorado septuagenário de assédio sexual, que aparentemente foi arquivado."

Análise: Aqui, surge a estigmatização, porque recupera episódios anteriores da vida de Battilana para lançar suspeita sobre sua credibilidade. Em vez de concentrar a atenção na denúncia contra Weinstein, o foco se desloca para seu passado, sua vida sexual e acusações anteriores. Esse procedimento sugere que a vítima precisaria ter uma trajetória considerada irrepreensível para ser ouvida, o que alimenta o medo de exposição pública.

Citação A3A3: "Em comentários ao *Times* no início da semana, Weinstein disse que muitas das alegações no memorando de O'Connor estavam 'equivocadas' e que eles haviam se separado em bons termos."

Análise: Aqui, outra estratégia de deslegitimação, mais sutil, baseada na negação e na suavização dos fatos. Ao classificar as alegações como "equivocadas" e afirmar que a relação terminou "em bons termos", Weinstein tenta desautorizar o relato de O'Connor sem enfrentar diretamente seu conteúdo. Assim, busca produzir a impressão de que a denúncia teria sido distorcida ou resultado de má interpretação.

Citação A3A4: "Algumas disseram não ter denunciado o comportamento porque não havia testemunhas e temiam represálias de Weinstein. Outras afirmaram sentir vergonha."

Análise: A deslegitimação aparece novamente, uma vez que a ausência de testemunhas torna a vítima vulnerável ao julgamento público. A "vergonha" também indica o peso do estigma: a vítima teme ser julgada, responsabilizada, exposta. Nesse contexto, o silêncio surge como proteção contra a possibilidade de ter sua reputação atacada.

A3B. *The New Yorker*

Citação A3B1: "Mas, enquanto a investigação policial prosseguia e a acusação era amplamente divulgada, detalhes do passado de Gutierrez começaram a aparecer em tabloides. Em 2010, como jovem candidata ao Miss Itália, Gutierrez compareceu a uma das infames festas 'Bunga Bunga' do primeiro-ministro Silvio Berlusconi. Ela alegou que desconhecia a natureza da festa antes de chegar e acabou se tornando testemunha em um processo de suborno contra Berlusconi, ainda em andamento. Veículos de fofoca também noticiaram que, adolescente, Gutierrez havia feito uma acusação de agressão sexual contra um empresário italiano mais velho, mas depois deixou de cooperar com promotores."

Análise: Aqui é citado novamente o mecanismo para a estigmatização de Gutierrez, pois sua denúncia passa a ser acompanhada por uma exposição do passado em veículos de fofoca. A estratégia consiste em associá-la a festas sexuais, acusações anteriores e controvérsias para enfraquecer sua imagem pública. Assim, o debate se desloca do ato denunciado para a moralidade da vítima, dificultando que ela seja levada a sério.

Citação A3B2: "Achei que seria um caso de 'a palavra dele contra a minha', e pensei em quão impressionante é a equipe jurídica dele, e em quanto eu poderia perder, e decidi simplesmente seguir em frente', disse."

Análise: A citação expressa o medo de deslegitimação porque a vítima antecipa que sua palavra seria colocada em confronto desigual com a de Weinstein. A expressão "a palavra dele

contra a minha" revela a percepção de que o relato da vítima seria insuficiente diante do poder jurídico, financeiro e reputacional do agressor. Por isso, "seguir em frente" aparece como uma escolha defensiva diante da expectativa de descrédito.

Citação A3B3: "Múltiplas fontes disseram que Weinstein frequentemente se gabava de plantar notas em veículos de mídia sobre aqueles que falavam contra ele."

Análise: A citação evidencia uma estratégia ativa de destruição reputacional. Ao "plantar notas" na mídia, Weinstein podia disseminar narrativas negativas sobre quem o contrariava, usando a imprensa como instrumento de intimidação. Esse mecanismo reforça o medo de falar, pois a vítima sabia que sua imagem poderia ser atacada publicamente antes de sua denúncia ser considerada.

Citação A3B4: "Vários apontaram para o caso de Gutierrez: depois que ela foi à polícia, começaram a surgir rapidamente nas páginas de fofoca de Nova York notas negativas sobre seu histórico sexual e questionando sua credibilidade."

Análise: A citação retoma a relação direta entre denúncia e deslegitimação pública. Assim que Gutierrez procurou a polícia, surgiram notas sobre seu histórico sexual e ataques à sua credibilidade, o que indica que a exposição moral funcionava como resposta à denúncia.

Análise da categoria

As citações da categoria A3 revelam que o silêncio no caso Weinstein era mantido por um mecanismo de violência simbólica voltado à destruição do capital reputacional das vítimas. A afirmação de Weinstein de que uma das mulheres teria "armado uma cilada" (A3A1) e o uso da mídia para vazar detalhes do passado de Ambra Gutierrez (A3A2, A3B1, A3B4) materializam o que Noelle-Neumann (2017) define como a ameaça de ignomínia e o medo do "tribunal anônimo" já que, segundo a autora, entende-se que a opinião pública funciona como um espaço de avaliação social, no qual os indivíduos ajustam seus comportamentos para evitar impopularidade e exclusão.

Considerando as contribuições de Martino (2014), entende-se que esse ataque atinge a "pele social" das denunciantes, forçando-as ao silêncio para evitar o descrédito público e a zombaria social. Ao utilizar a imprensa para "plantar notas" (A3B3), Weinstein transformava a comunicação em arma de deslegitimação sistêmica, atacando o ativo intangível mais valioso das vítimas: sua credibilidade (Bueno, 2005). Essa estratégia era potencializada por um clima

de opinião patriarcal que, como aponta Gonçalves (2019), historicamente desvaloriza vozes femininas e utiliza o estigma moral para manter o predomínio das narrativas masculinas. Assim, o medo da estigmatização operava como um componente essencial da espiral do silêncio, tornando o custo social da denúncia excessivamente alto para o indivíduo isolado.

A4. Vergonha, culpa e autoquestionamento: Refere-se aos processos psicológicos internos que levam a vítima a se silenciar por acreditar que foi responsável ou que "não lutou o suficiente".

Indicadores: Frases como "senti que foi minha culpa", "sentia nojo de mim mesma", "sou uma idiota"; menções a colocar o trauma em uma "caixa" ou "fechar a porta" da mente.

A4A. *The New York Times*

Citação A4A1: "Você se questiona o tempo todo — 'será que eu é que sou o problema?"

Análise: A citação expressa diretamente o autoquestionamento produzido pela violência e pela manipulação, porque a vítima passa a se perguntar se o problema estaria nela e não no agressor. Esse processo psicológico é central para a manutenção do silêncio, pois enfraquece a confiança da vítima em seu próprio relato.

Citação A4A2: "Sou uma profissional e tenho tentado agir de forma profissional. Não sou tratada assim, porém. Sou sexualizada e diminuída."

Análise: Já demonstra a tensão entre a identidade profissional da denunciante e a forma como ela é reduzida dentro da organização. Ao afirmar que tenta agir profissionalmente, mas é "sexualizada e diminuída", O'Connor revela uma experiência de desvalorização que pode gerar humilhação, vergonha e sensação de impotência.

Citação A4A3: "Recorda-se de ter se sentido 'em pânico, presa', disse na entrevista."

Análise: A citação evidencia o impacto psicológico imediato da situação de abuso. Sentir-se "em pânico" e "presa" mostra que a vítima estava submetida a uma experiência de medo e perda de controle. Esse tipo de reação ajuda a explicar por que muitas vítimas não conseguem reagir da forma que imaginariam e depois pode se transformar em culpa e autoquestionamento.

A4B. *The New Yorker*

Citação A4B1: "'Tive um problema com alimentação por anos. Eu sentia nojo de mim mesma. É curioso, todas essas coisas aparentemente sem relação que eu fazia para me machucar por causa dessa única coisa.' Evans contou a alguns amigos parte do que havia ocorrido, mas sentia-se em grande parte incapaz de falar sobre isso. 'Eu estraguei vários relacionamentos muito bons por causa disso. Meu desempenho na faculdade certamente sofreu, e minhas colegas de quarto me disseram para ir a um terapeuta porque achavam que eu ia me matar.'"

Análise: Aqui é explícito como a vergonha e a culpa se internalizam no corpo e na vida cotidiana da vítima. Evans associa o abuso a comportamentos autodestrutivos, dificuldade de falar, prejuízos nos relacionamentos e sofrimento psíquico intenso. Tudo isso mostra que a violência foi convertida em autocondenação, facilitando ainda mais a manutenção do silêncio.

Citação A4B2: "Lembro de sentir calafrios na espinha só de olhar para ele. Fiquei horrorizada. Ainda tenho pesadelos com ele até hoje."

Análise: Os calafrios, o horror e os pesadelos indicam que a violência não terminou no momento do abuso, pois continuou afetando a memória, o corpo e a sensação de segurança da vítima. Esse trauma pode ajudar a explicar por que falar publicamente se torna difícil: relatar significa reviver uma experiência ainda presente.

Citação A4B3: "Essa é a parte mais horrível, e é por isso que ele conseguiu fazer isso por tanto tempo com tantas mulheres: as pessoas desistem, e depois sentem que foi culpa delas."

Análise: A vítima, diante do poder e da insistência do agressor, pode "desistir" do confronto como forma de sobreviver à situação, mas depois interpreta essa reação como prova de culpa. Esse deslocamento da responsabilidade do agressor para a vítima permite que o abuso se repita, porque o silêncio é alimentado pela vergonha de não ter reagido de outro modo.

Citação A4B4: "A questão de ser vítima é que eu me senti responsável… porque, se eu fosse uma mulher forte, teria chutado as bolas dele e fugido. Mas não fiz isso. Então me senti responsável."

Análise: A fala demonstra o autojulgamento da vítima a partir de uma ideia idealizada de resistência. Argento acredita que uma "mulher forte" teria reagido fisicamente, e, por não ter conseguido, passa a se sentir responsável. A citação é importante porque revela como a vítima pode internalizar expectativas sociais injustas sobre como reagir a uma violência.

Citação A4B5: “Sempre foi culpa minha por não tê-lo impedido… Eu sentia nojo de mim mesma.”

Análise: A citação evidencia a forma mais explícita da culpa internalizada. A vítima atribui a si mesma a responsabilidade por não ter impedido o agressor, ignorando que a violência ocorreu em uma relação profundamente desigual. O termo “nojo de mim mesma”, que aparece pela segunda vez na categoria, demonstra como o trauma se transforma em autodepreciação e dificulta a elaboração pública do ocorrido.

Citação A4B6: “Evans disse que, depois do incidente, ‘eu simplesmente coloquei isso em uma parte do meu cérebro e fechei a porta’.”

Análise: Aqui é citado um mecanismo psicológico de bloqueio e compartimentalização do trauma. “Fechar a porta” significa tentar isolar a lembrança para continuar vivendo, estudando e trabalhando. Esse processo ajuda a explicar o silêncio prolongado porque a vítima tenta, além de evitar falar publicamente, afastar de si mesma a memória do que aconteceu.

Análise da categoria

As citações da categoria A4 indicam que o silêncio no caso Weinstein era sustentado também por, além dos fatores externos mencionados, processos psicológicos profundos de culpa e autocondenação. O questionamento constante de vítimas sobre serem elas “o problema” (A4A1) e o sentimento de “nojo de si mesma” (A4B1, A4B5) materializam o que Noelle-Neumann (2017) traz como força ativadora da espiral do silêncio no plano subjetivo: a dúvida sobre a própria capacidade de julgamento diante de uma estrutura que desautoriza sua fala.

Sob a perspectiva de Martino (2014), em processos como esse, a opinião pública pode pressionar a vítima a ajustar sua percepção interna ao olhar coletivo, podendo levar ao bloqueio do trauma (A4B6) como estratégia de sobrevivência contra o isolamento. Conforme aponta Gonçalves (2019), esse sofrimento é intensificado por um clima de opinião patriarcal que responsabiliza a mulher pela violência sofrida; a crença de que uma “mulher forte” deveria ter reagido (A4B4) reflete a naturalização da culpa feminina, a partir da qual a vítima internaliza o estigma moral sobre o que é ser uma vítima perfeita.

A5. Cultura organizacional de cumplicidade: Refere-se ao papel dos funcionários, executivos e do RH de permitir e facilitar os abusos ou, no mínimo, de se silenciar para proteger a empresa.

Indicadores: Descrições de assistentes atuando como iscas; ineficácia do RH ("tudo terminava em Harvey"); ordens para não incomodar durante reuniões em quartos; uso do termo "amiga do Harvey" (F.O.H., de "*friend of Harvey*").

A5A. *The New York Times*

Citação A5A1: "Dezenas de ex-funcionários e funcionários atuais de Weinstein, de assistentes a executivos de alto escalão, disseram saber de condutas inadequadas enquanto trabalhavam com ele. Poucos, no entanto, disseram tê-lo confrontado."

Análise: A citação revela que o problema era conhecido dentro da organização, mas não enfrentado de forma efetiva, e a distância entre "saber" e "confrontar" revela uma cultura de cumplicidade, em que o conhecimento coletivo não se convertia em ação. O silêncio dos funcionários e executivos ajudava a preservar a posição de Weinstein e a continuidade dos abusos.

Citação A5A2: "Weinstein a obrigava a conduzir conversas de elenco com atrizes aspirantes depois que elas tinham encontros privados com ele em seu quarto de hotel, afirmou ela — descrição que se encaixa nos relatos de outros ex-funcionários."

Análise: Aqui, se revela que funcionárias eram integradas ao padrão do sistema de abuso. Ao conduzir conversas de elenco após encontros privados no quarto de Weinstein, elas ajudavam a dar aparência profissional a situações de exploração, e assim a estrutura organizacional normalizava, encobria e facilitava o acesso de Weinstein a mulheres vulneráveis.

Citação A5A3: "A operação de recursos humanos era considerada fraca em Nova York e pior em Londres, de modo que alguns funcionários se uniam em solidariedade. 'Se uma executiva era convocada para uma reunião sozinha, ela e uma colega geralmente iam juntas', para que nenhuma ficasse sozinha com Weinstein."

Análise: A citação evidencia a falha institucional do RH e a criação de estratégias informais de proteção entre funcionárias. O fato de as mulheres precisarem ir juntas a reuniões mostra que o risco era conhecido, mas não resolvido pela empresa, enquanto a solidariedade entre colegas substituía os mecanismos formais de proteção.

Citação A5A4: “Na esteira do memorando de O’Connor, em 2015, alguns membros do conselho e executivos da Weinstein Company ficaram alarmados com as acusações. No final, porém, os conselheiros foram tranquilizados de que não havia necessidade de investigar.”

Análise: Mesmo diante de um memorando formal com acusações graves, optou-se por não investigar, o que ilustra a cumplicidade em nível executivo. Dessa forma, a decisão do conselho de encarar a denúncia como um problema administrativo encerrado preserva a organização e Weinstein em detrimento das vítimas.

Citação A5A5: “Weinstein impôs um código de silêncio; funcionários da Weinstein Company têm contratos afirmando que não criticarão a empresa ou seus líderes de maneira que possa prejudicar sua ‘reputação comercial’ ou a ‘reputação pessoal de qualquer funcionário’.”

Análise: A citação indica que a manutenção do silêncio era formalizada, uma vez que a proteção das reputações priorizava a imagem da empresa em detrimento de possíveis manifestações de insatisfação. Esse tipo de diretriz transforma a lealdade à organização em obrigação jurídica e simbólica, dificultando que funcionários falassem sobre o que sabiam.

Citação A5A6: “‘Não era segredo para o círculo íntimo’, disse Kathy DeClesis, assistente de Bob Weinstein no início dos anos 1990.”

Análise: Essa passagem reforça que os abusos não eram episódios desconhecidos ou isolados. Ao afirmar que “não era segredo”, a fonte indica que havia um saber compartilhado no núcleo da organização.

Citação A5A7: “Seu tratamento para com mulheres às vezes era visto apenas como mais uma forma de toxicidade, de acordo com vários ex-funcionários.”

Análise: A cultura organizacional naturalizava comportamentos abusivos ao tratar a violência contra mulheres como uma expressão da “toxicidade” de Weinstein. Assim, a empresa reduzia a gravidade dos fatos e essa normalização impedia que os abusos fossem reconhecíveis como problema estrutural e urgente.

Citação A5A8: “Mas Weinstein afirmou que, ao lidar com preocupações de funcionários sobre questões de ambiente de trabalho, ‘meu lema é manter a paz’.”

Análise: A fala de Weinstein revela, indiretamente, uma lógica de abafamento. “Manter a paz” significa evitar conflito público, preservar a imagem da empresa e impedir que denúncias

avancem. Nesse contexto, a paz não representa justiça ou proteção, mas a manutenção do silêncio em favor da estabilidade organizacional.

A5B. *The New Yorker*

Citação A5B1: "Uma executiva da empresa descreveu como assistentes e outros funcionários de Weinstein atuavam como uma espécie de 'isca': eles inicialmente participavam de uma reunião com uma mulher em quem Weinstein estava interessado, mas, em seguida, ele os dispensava, ficando sozinho com a mulher."

Análise: A passagem novamente demonstra a cumplicidade organizacional, visto que funcionários eram usados para criar uma falsa sensação de segurança. A presença inicial de assistentes tornava a reunião aparentemente profissional, mas sua saída posterior deixava a vítima sozinha com Weinstein, em uma rotina de trabalho criada para facilitar o abuso.

Citação A5B2: "Muitas vezes, era encarregada de manter controle sobre as mulheres, que, seguindo uma prática estabelecida pelos assistentes de Weinstein, eram todas registradas sob o mesmo rótulo em seu celular: F.O.H., sigla para '*friend of Harvey*' ('amiga do Harvey')."

Análise: A citação mostra a existência de um sistema organizado de controle das mulheres ligadas a Weinstein, já que o rótulo "F.O.H." padroniza e codifica essas relações dentro da rotina de trabalho, como se fossem parte normal das funções administrativas.

Citação A5B3: "Vários ex-funcionários me disseram que o departamento de recursos humanos era totalmente ineficaz; uma executiva descreveu-o como um lugar para onde você ia quando não queria que nada fosse feito. Isso era de conhecimento geral. Porque 'tudo terminava em Harvey.'"

Análise: Se o RH era visto como o lugar "onde nada era feito", as vítimas então não tinham um canal institucional a quem recorrer. A expressão "tudo terminava em Harvey" mostra que o próprio agressor concentrava poder sobre os mecanismos que deveriam responsabilizá-lo, tornando a denúncia interna praticamente inútil.

Análise da categoria

As citações da categoria A5 demonstram que o silenciamento no caso Weinstein foi uma prática coletiva institucionalizada. Relatos sobre o "segredo aberto" (A5A1, A5A6) e a

utilização de funcionárias como “iscas” (A5A2, A5B1) demonstram que a estrutura da empresa era ativamente mobilizada para normalizar o comportamento predatório e abafar a ineficácia institucional. Segundo Baldissera (2009), essa dinâmica evidencia a intensa disputa de sentidos no âmbito organizacional. Enquanto a “fala autorizada” da empresa buscava projetar uma imagem de prestígio associada ao sucesso cultural, os fluxos informais de comunicação nos bastidores carregavam os relatos de abusos, revelando uma identidade organizacional tóxica que a comunicação oficial tentava sufocar (Bueno, 2005).

Nesse cenário, o silêncio coletivo operava como um mecanismo de gestão da legitimidade, no qual as narrativas sustentadas pelo poder de Weinstein possuíam maior validade social do que os relatos das vítimas. Conforme Noelle-Neumann (2017), o clima de opinião interno favorecia a omissão, pois o medo do isolamento se manifestava como o risco de ser excluído de um círculo influente e restrito.

Entende-se, portanto, que a imposição de cláusulas contratuais de sigilo (A5A5) e a ineficácia deliberada do RH transformaram a gestão da comunicação em instrumento de controle reputacional predatório (Bueno, 2005), que usava o silêncio institucional para proteger o agressor em detrimento da integridade do público interno.

A6. Mecanismos jurídicos de silenciamento: Refere-se ao uso de acordos e pagamentos para comprar o silêncio de vítimas e garantir a impunidade legal de Harvey Weinstein.

Indicadores: Menções a “NDAs” (“*non-disclosure agreements*”, ou acordos de confidencialidade); pagamentos para comprar a paz; cláusulas que proibiam falar até com médicos; acordos do tipo “Davi contra Golias”.

A6A. *The New York Times*

Citação A6A1: “Durante esse período, após ser confrontado com acusações de assédio sexual e contato físico indesejado, Weinstein fechou pelo menos oito acordos com mulheres, segundo dois dirigentes da empresa, que falaram sob condição de anonimato.”

Análise: A citação demonstra que os acordos eram uma prática recorrente de administração das denúncias. Em vez de levar as acusações à investigação e à responsabilização, Weinstein recorria a acordos para encerrar os conflitos antes. O mecanismo jurídico funcionava, então, como instrumento de contenção do escândalo e preservação da impunidade.

Citação A6A2: “E a maioria das mulheres que aceitaram acordos financeiros concordou com cláusulas de confidencialidade que as proíbem de falar sobre os acertos ou os episódios que levaram a eles.”

Análise: As cláusulas de confidencialidade impediam as mulheres de falar tanto sobre os episódios de abuso quanto sobre o próprio acordo e pagamentos que recebiam. Dessa forma, os acordos eram usados para transformar a experiência da vítima em segredo contratual.

Citação A6A3: “O acerto de 100 mil dólares ‘não deve ser interpretado como admissão’ por parte de Weinstein, mas como iniciativa ‘para evitar litígios e comprar paz’, segundo o documento legal, examinado pelo *Times*.”

Análise: A expressão “comprar paz” revela a função real do acordo: evitar exposição, conflito judicial e dano reputacional para o agressor. Ao afirmar que o pagamento não deveria ser interpretado como admissão, o documento preserva juridicamente Weinstein enquanto silencia a vítima.

Citação A6A4: “Charles Harder, advogado que representa Weinstein, disse que não era incomum firmar acordos para evitar litígios longos e caros. Ele acrescentou: ‘Isso não é evidência de nada.’”

Análise: A citação mostra a tentativa de normalizar os acordos e neutralizar seu significado. Ao dizer que eles eram comuns e que “não são evidência de nada”, a defesa busca retirar dos pagamentos qualquer valor de prova sobre os abusos. Essa estratégia jurídica contribui para o silenciamento porque transforma uma repetição de denúncias abafadas por dinheiro em simples procedimento legal.

Citação A6A5: “Entre as beneficiárias [dos acordos], o *Times* identificou uma jovem assistente em Nova York, em 1990; uma atriz, em 1997; uma assistente em Londres, em 1998; uma modelo italiana, em 2015; e a própria O’Connor logo depois, de acordo com registros e pessoas familiarizadas com os acordos.”

Análise: A passagem demonstra a amplitude temporal e a diversidade das mulheres silenciadas por acordos. O fato de esse grupo incluir assistentes, atrizes e modelos, em diferentes anos e países, mostra que o mecanismo jurídico era usado de modo contínuo para administrar denúncias semelhantes. Isso reforça a ideia de um padrão de silenciamento, e não de respostas pontuais a casos desconectados.

Citação A6A6: “A maioria das mulheres envolvidas nos acordos com Weinstein recebeu valores entre cerca de 80 mil e 150 mil dólares, de acordo com pessoas a par das negociações.”

Análise: A citação revela a dimensão financeira do silenciamento. Os valores pagos funcionavam como compensação pelo transtorno, mas também como repressão a manifestações que pudessem prejudicar o produtor.

Citação A6A7: “Steve Hutensky, um dos advogados de entretenimento da Miramax, foi enviado a Londres para negociar um acordo com Perkins e sua advogada.”

Análise: O envio de um advogado da Miramax mostra que o caso foi tratado como problema corporativo a ser negociado. Dessa forma, a organização alocava recursos jurídicos para preservar aspectos pessoais de Weinstein que pudessem prejudicar e a empresa.

Citação A6A8: “A mulher, que pediu para não ser identificada para proteger sua privacidade, disse que um acordo de confidencialidade a impedia de comentar.”

Análise: A citação mostra o efeito concreto do acordo de confidencialidade: mesmo anos depois do episódio, a vítima ainda não podia se manifestar. A impossibilidade de comentar sobre o assunto demonstra que o silenciamento continua atuando no tempo, restringindo a voz da vítima e impedindo que sua experiência entre no debate público.

Citação A6A9: “Mas a investigação nunca aconteceu. Weinstein havia chegado a um acordo com O’Connor, e não havia mais nada a investigar.”

Análise: A citação demonstra como o acordo financeiro substituiu a apuração institucional. A denúncia formal de O’Connor poderia ter levado a uma investigação, mas o acordo encerrou o processo antes que a empresa enfrentasse o conteúdo das acusações. O mecanismo jurídico, nesse caso, além de ter silenciado a vítima, prejudicou a possibilidade de responsabilização interna em casos futuros.

A6B. *The New Yorker*

Citação A6B1: “Weinstein e seus associados recorreram a acordos de confidencialidade, pagamentos e ameaças legais para suprimir seus relatos.”

Análise: Aqui é sintetizado o funcionamento jurídico do silenciamento. O verbo “suprimir” indica que o intuito era impedir a circulação dos relatos das vítimas na esfera pública.

Citação A6B2: “Gutierrez, diante da equipe jurídica de Weinstein e em troca de um pagamento, assinou um acordo de confidencialidade extremamente restritivo com Weinstein, incluindo uma declaração juramentada afirmando que os atos que ele admite na gravação nunca aconteceram.”

Análise: A passagem revela um mecanismo extremo de apagamento jurídico da verdade. Gutierrez assinou, junto ao acordo de silêncio, uma declaração que negava fatos admitidos em gravação. Isso mostra como o poder simbólico e financeiro de Weinstein era usado para reescrever oficialmente os acontecimentos e inutilizar evidências.

Citação A6B3: “Um ex-funcionário com conhecimento direto de duas negociações de acordo que ocorreram em Londres na década de 1990 lembrou: ‘Parecia Davi contra Golias… o sujeito com todo o dinheiro e o poder exibindo sua força, abafando as acusações e se livrando delas’.”

Análise: Essa citação explicita a desigualdade presente nas negociações jurídicas. A comparação com “Davi contra Golias” mostra que as vítimas enfrentavam um aparato financeiro, legal e institucional muito superior. Os acordos, nesse contexto, eram instrumentos através dos quais Weinstein usava seu poder para abafar acusações.

Citação A6B4: “A executiva que rejeitou reuniões inadequadas me contou que sua advogada a advertiu de que ela poderia ser responsabilizada em centenas de milhares de dólares em danos por violar o acordo de confidencialidade anexado ao seu contrato de trabalho.”

Análise: A ameaça de pagar centenas de milhares de dólares tornava a fala pública um risco econômico insustentável para a vítima, e o contrato de confidencialidade funcionava como uma forma preventiva de controle, impedindo denúncias antes mesmo que elas fossem feitas.

Citação A6B5: “Weinstein e suas equipes jurídica e de relações públicas conduziram uma campanha de décadas para suprimir essas histórias.”

Análise: A citação demonstra que o silenciamento era uma estratégia prolongada, organizada e multidisciplinar. A presença das equipes jurídica e de relações públicas indica que o caso envolvia, além da defesa legal, a gestão ativa da reputação e controle da narrativa pública. Ao longo de décadas, essas estruturas ajudaram a impedir que os relatos das vítimas ganhassem visibilidade e credibilidade.

Análise da categoria

Na categoria A6, as citações demonstram que o silenciamento no caso Weinstein foi sustentado por uma estrutura jurídica deliberadamente desenhada para converter abusos em segredos contratuais. O uso de acordos financeiros e cláusulas de confidencialidade (A6A1, A6A2) — os chamados NDAs — resultava no que Noelle-Neumann (2017) define como um "veto" à comunicação pública: sem o fornecimento de um repertório de palavras e relatos pela mídia, as outras vítimas permanecem em um estado de ignorância pluralística, acreditando estarem isoladas em seu sofrimento. Ao descrever o pagamento como uma forma de "evitar litígios e comprar paz" (A6A3), a organização operava o que Bueno (2005) identifica como uma gestão predatória da reputação, na qual o capital financeiro é utilizado para mascarar a identidade organizacional tóxica e preservar um ativo intangível de prestígio de forma artificial.

Segundo as contribuições de Simões (1995), essa dinâmica também evidencia uma grave desfuncionalização da função política organizacional. O poder institucional, em vez de atuar na mediação ética de conflitos, foi sequestrado para intimidar e suprimir denúncias (A6B1), transformando o sistema jurídico em ferramenta de dominação que impunha riscos financeiros insustentáveis às vítimas (A6B4). Esse cenário representa a negação do direito à comunicação e da isegoria comunicacional (Peruzzo, 2013), já que os contratos impunham uma liberdade condicionada que impedia as mulheres de serem ouvidas legitimamente na esfera pública. Assim, os mecanismos jurídicos auxiliaram na consolidação da espiral do silêncio, transformando o calar-se em uma obrigação institucionalizada e preservada por décadas (A6A8).

6.1.2 Eixo B: enquadramento da ruptura

Este eixo analisa os fatores que permitiram o colapso do sistema de silenciamento no caso Harvey Weinstein. Seu objetivo é compreender como o silêncio foi quebrado e de que modo ocorreu a passagem da experiência silenciada para a denúncia pública, destacando fatores como a fala coletiva, a identificação das fontes, a convergência entre testemunhos e o papel do jornalismo na legitimação das acusações.

B1. Coragem de falar em grupo: Refere-se à percepção de que a segurança reside no coletivo, diminuindo o risco de ser alvo individual de Weinstein.

Indicadores: Referências a mulheres "falando entre si há muito tempo"; decisão de falar apenas se outras também o fizessem; menção à responsabilidade com outras mulheres.

B1A. *The New York Times*

Citação B1A1: "As mulheres vêm falando sobre Harvey entre nós mesmas há muito tempo, e já passou da hora de ter essa conversa em público."

Análise: Esta frase de Ashley Judd exemplifica diretamente a existência de um diálogo privado e coletivo entre as vítimas muito antes da denúncia oficial.

Citação B1A2: "A operação de recursos humanos era considerada fraca em Nova York e pior em Londres, de modo que alguns funcionários se uniam em solidariedade. 'Se uma executiva era convocada para uma reunião sozinha, ela e uma colega geralmente iam juntas', para que nenhuma ficasse sozinha com Weinstein."

Análise: Este trecho ilustra a tática de proteção mútua e a união física como forma de diminuir o risco individual para as mulheres que conviviam com Weinstein.

Citação B1A3: "A maioria das mulheres que relataram ao *Times* terem sofrido condutas impróprias de Weinstein nunca se encontrou. Mas a maior parte confidenciou a colegas."

Análise: Demonstra que, embora não houvesse um grupo formalizado inicialmente entre vítimas, a rede de confidências entre colegas era o principal canal de compartilhamento da dor.

Citação B1A4: "Zelda Perkins confrontou Weinstein. Segundo ex-colegas, ela e vários funcionários eram submetidos com frequência a pedidos ou comentários inadequados em quartos de hotel, e ela estava particularmente preocupada com o tratamento dispensado a outra mulher do escritório."

Análise: Esta citação reflete o sentimento de responsabilidade com outras mulheres, onde o confronto individual com o produtor é motivado pela proteção do coletivo.

B1B. *The New Yorker*

Citação B1B1: “Vários ex-funcionários me disseram que estavam falando agora sobre o alegado comportamento de Weinstein porque esperavam proteger mulheres no futuro.”

Análise: Aqui, é explícito o sentimento de responsabilidade com o coletivo. O objetivo da denúncia deixa de ser apenas a busca por justiça individual e passa a ser uma ação preventiva para evitar que novas vítimas surjam.

Citação B1B2: “Mira Sorvino lutou por anos com a decisão de tornar sua história pública, em parte porque sabia que seu caso era mais brando em comparação às experiências de outras mulheres, entre elas Sophie Dix, uma atriz com quem ela conversou na época.”

Análise: A citação revela que, já em 1995, as vítimas compartilhavam seus relatos na esfera privada, usando a experiência de outras para dimensionar a gravidade de seus próprios abusos.

Citação B1B3: “Quanto mais de nós puder confirmar ou validar para essas mulheres se isso realmente aconteceu, acho que é muito importante para a justiça delas fazer isso.”

Análise: A fonte (uma executiva da empresa) entende que sua voz serve como peça de confirmação para os relatos de outras mulheres, criando uma base sólida de evidências mais robustas que um relato individual.

Citação B1B4: “Esses funcionários decidiram continuar a participar da matéria em parte porque sentiram que havia uma cultura crescente de responsabilização. ‘Acho que agora é o momento certo, neste clima atual, para a verdade.’”

Análise: Reflete a percepção de que o risco individual diminuiu devido a um movimento social mais amplo. A decisão de falar não é isolada; ela é tomada porque o “clima atual” gerou uma rede de proteção e credibilidade que encorajou as fontes.

Citação B1B5: “Após o lançamento do filme [*Scarlet Diva*], mulheres começaram a procurar Argento, dizendo que reconheciam o comportamento de Weinstein naquela representação.”

Análise: Mostra que a identificação de um padrão comum através da obra de outra mulher serviu como gatilho para que elas saíssem do isolamento e passassem a compartilhar detalhes semelhantes de seus próprios traumas.

Análise da categoria

As citações da categoria B1 indicam que a ruptura do silêncio ganhou força quando as vítimas passaram a perceber a denúncia como uma ação coletiva. Em B1A1 e B1A2, nota-se que a disposição para falar aumentava quando havia a confirmação de que outras mulheres também se manifestariam. Em B1A3, Ashley Judd expressa o desejo de ser "uma entre muitas", mostrando que a exposição compartilhada diminuía o peso de enfrentar Weinstein individualmente. Já B1B1 e B1B2 reforçam que a convergência entre diferentes relatos oferecia maior segurança às denunciantes e dificultava a desqualificação de suas experiências.

Essa dinâmica dialoga com a espiral do silêncio de Noelle-Neumann (2017), pois o receio de isolamento se reduz quando o indivíduo reconhece apoio ao seu redor. Nesse contexto, a fala coletiva rompe a sensação de solidão e transforma vivências antes privadas em evidências de uma violência mais ampla.

A partir da perspectiva de Noelle-Neumann (2017), retomada por Hohlfeldt, Martino e França (2001), entende-se que alterações no clima de opinião influenciam a disposição dos sujeitos para se pronunciarem publicamente. Já pela perspectiva de Peruzzo (2013), esse processo também amplia o direito à comunicação, ao facilitar que vozes silenciadas ingressem na esfera pública. Conforme argumenta Gonçalves (2019), essa união de vozes femininas é a única estratégia eficaz para confrontar a espiral do silêncio produzida pelo patriarcado, que historicamente rebaixa as experiências das mulheres à invisibilidade para preservar narrativas masculinas. Dessa forma, a coragem de falar em grupo constitui um dos movimentos iniciais de ruptura da espiral do silêncio.

B2. Nomeação pública e identificação das fontes: Refere-se ao ato de abrir mão do anonimato para dar rosto e maior credibilidade às denúncias, tanto da parte das vítimas quanto de testemunhas oculares.

Indicadores: Nomes de figuras conhecidas (Ashley Judd, Rose McGowan, Asia Argento) sendo usados pela primeira vez em registro (*on the record*); o contraste com "rumores de segredo aberto".

B2A. *The New York Times*

Citação B2A1: "Há duas décadas, o produtor de Hollywood Harvey Weinstein convidou Ashley Judd para o hotel Peninsula Beverly Hills, para o que a jovem atriz esperava ser uma

reunião de café da manhã de negócios. Em vez disso, mandou que a enviassem para seu quarto, onde apareceu de roupão e perguntou se ele poderia lhe fazer uma massagem ou se ela poderia vê-lo tomar banho, recorda ela em entrevista."

Análise: Ao contrário de relatos anônimos, a reportagem abre com o nome de uma estrela de Hollywood confirmando os fatos em entrevista, o que confere credibilidade à denúncia.

Citação B2A2: "Em 1997, Weinstein chegou a um acordo antes não divulgado com Rose McGowan, então atriz de 23 anos, após um episódio em um quarto de hotel durante o Festival de Sundance."

Análise: O ato de identificar a atriz Rose McGowan nominalmente em relação a um acordo de 100 mil dólares transforma o que era um rumor de bastidor em um fato documentado com evidências.

Citação B2A3: "'Não era segredo para o círculo íntimo', disse Kathy DeClesis, assistente de Bob Weinstein no início dos anos 1990."

Análise: Ao identificar Kathy DeClesis nominalmente, a fonte valida que o comportamento de Weinstein era conhecido internamente, retirando a afirmação do campo do boato e colocando-a como testemunho identificado.

Citação B2A4: "'Do lado de fora, parecia dourado — o Oscar, o sucesso, o impacto cultural notável', disse Mark Gill, ex-presidente da Miramax em Los Angeles, quando a empresa pertencia à Disney. 'Mas nos bastidores era uma bagunça, e esse era o maior problema de todos', acrescentou ele, referindo-se ao tratamento dispensado por Weinstein às mulheres."

Análise: O uso do nome de Mark Gill dá peso institucional à denúncia, atestando o contraste entre a fachada de sucesso e a realidade tóxica dos bastidores.

B2B. *The New Yorker*

Citação B2B1: "Três dessas mulheres — entre elas Argento e uma ex-aspirante a atriz chamada Lucia Evans — disseram que Weinstein as estuprou, forçando a prática ou o recebimento de sexo oral ou forçando sexo vaginal. Quatro mulheres disseram ter passado por toques indesejados que poderiam ser classificados como agressão."

Análise: A citação nomeia uma figura pública internacional pela primeira vez em registro oficial (*on the record*) sobre uma agressão grave cometida por Weinstein. Essa nomeação, junto a descrição de outras mulheres, reforça a gravidade do comportamento do produtor.

Citação B2B2: "Quatro atrizes, incluindo Mira Sorvino e Rosanna Arquette, me disseram suspeitar que, depois de rejeitarem as investidas de Weinstein ou reclamarem delas a representantes da empresa, ele as removeu de projetos ou desencorajou outras pessoas de contratá-las."

Análise: A identificação nominal de estrelas de Hollywood como Sorvino e Arquette confere ótima credibilidade à denúncia da existência de "listas negras". Ao darem seus rostos à matéria, elas materializam suspeitas de bastidores em acusações públicas documentadas.

Citação B2B3: "Há outros exemplos do uso do mesmo *modus operandi* por Weinstein. Jessica Barth, atriz que o conheceu numa festa do Globo de Ouro em janeiro de 2011, contou que ele a convidou para uma reunião de negócios no Peninsula."

Análise: A identificação de Jessica Barth é fundamental para documentar a persistência do padrão de comportamento predatório até anos mais recentes (2011), servindo como prova de que a conduta seguia sendo uma prática contínua.

Citação B2B4: "A reportagem do *Times* revelou uma queixa ao departamento de recursos humanos da Weinstein Company, apresentada em nome de uma assistente temporária da recepção chamada Emily Nestor, em dezembro de 2014. O próprio relato de Nestor sobre a conduta de Weinstein é tornado público aqui pela primeira vez."

Análise: A nomeação pública de Emily Nestor valida a queixa de assédio feita ao RH e transofrma um registro interno burocrático em denúncia pública nominal de abuso de poder.

Citação B2B5: "Mira Sorvino sabia que seu caso era mais brando em comparação às experiências de outras mulheres, entre elas Sophie Dix, uma atriz com quem ela conversou na época. (Dix me contou que se trancou no banheiro de um hotel para escapar de Weinstein, e que ele se masturbou na frente dela. Disse que foi 'um caso clássico' de 'alguém que não entende a palavra "não". Acho que devo ter dito não mil vezes.')."

Análise: Embora citada no contexto do relato de Mira Sorvino, Sophie Dix também fala diretamente ao repórter, permitindo o uso de seu nome para descrever um incidente traumático. Isso demonstra a rede de suporte mútuo em que uma mulher encoraja a outra a se identificar.

Análise da categoria

As citações da categoria B2 indicam que a ruptura definitiva do silêncio exigiu a identificação nominal do agressor e a renúncia ao anonimato por figuras públicas como Ashley Judd (B2A1) e Rose McGowan (B2A2). Este ato aponta a superação do medo do isolamento, que Noelle-Neumann (2017) define como a força motriz da espiral do silêncio: ao darem seus nomes e rostos às denúncias, as vítimas inverteram o risco social, transformando o que era um rumor perigoso de bastidores em um fato legitimado pela visibilidade jornalística. A nomeação pública exigiu muita coragem, pois expôs o caso à "pele social", retirando-o da esfera privada e fragmentada para o julgamento do "tribunal anônimo" da sociedade (Hohlfedlt; Martino; França, 2001).

A partir de Hohlfeldt, Martino e França (2001), entende-se que as reportagens operaram a tematização do abuso, conferindo ao comportamento de Weinstein um senso de urgência e permanência que os boatos informais não conseguiam sustentar. Este processo ilustra a hipótese da *agenda-setting*, na qual a agenda da mídia define os temas prioritários das conversas públicas.

Essa exposição pública rompeu a dissociação entre a imagem artificial de prestígio do produtor e a sua verdadeira identidade organizacional, marcada pela violência (Bueno, 2005). De forma complementar, conforme destaca Gonçalves (2019), a nomeação representou uma ruptura na ordem patriarcal, fornecendo à sociedade o "repertório de palavras" (Noelle-Neumann, 2017) necessário para que as vítimas pudessem descrever e denunciar a problemática. Por fim, pode-se afirmar que a categoria B2 demonstra que a quebra do silêncio foi um passo em direção à isegoria comunicacional (Peruzzo, 2013): o direito de ser ouvido em condições de igualdade na esfera pública.

B3. Corroboração entre relatos: Refere-se à técnica narrativa de mostrar que as histórias de agressão são similares, atestando um padrão predatório de Harvey Weinstein.

Indicadores: Termos como "narrativa comum", "processo bem azeitado", "histórias assustadoramente semelhantes"; menção ao mesmo *modus operandi* (quartos de hotel, roupões, massagens).

B3A. *The New York Times*

Citação B3A1: “Ao longo dos anos e continentes, os relatos sobre a conduta de Weinstein seguem uma narrativa comum: mulheres se apresentavam em um hotel para o que julgavam ser compromissos de trabalho, apenas para descobrir que Weinstein… às vezes parecia ter outros interesses.”

Análise: Aqui, já se utiliza o indicador “narrativa comum” para descrever como os ataques, embora separados por tempo e geografia, mantinham a mesma estrutura narrativa, o que enfraquece a ideia de que seriam incidentes isolados.

Citação B3A2: “Em entrevistas, oito mulheres descreveram comportamentos variados de Weinstein: aparecendo quase ou completamente nu na frente delas; exigindo que estivessem presentes enquanto ele tomava banho; ou repetidamente pedindo uma massagem — ou iniciando uma por conta própria.”

Análise: Nessa citação, é mencionado o *modus operandi* de Harvey Weinstein (nudez, banhos e massagens) para atacar diferentes mulheres ao longo de sua carreira.

Citação B3A3: “Mas, em entrevistas, algumas das ex-funcionárias que relataram experiências perturbadoras com Weinstein fizeram uma pergunta comum: como acusações que repetem o mesmo padrão — mulheres jovens, um produtor poderoso, às vezes até os mesmos hotéis — puderam se acumular por quase três décadas?”

Análise: O trecho enfatiza que a semelhança aparecia na agressão cometida e também nos elementos periféricos: o perfil das vítimas (mulheres jovens) e os cenários recorrentes (os mesmos hotéis).

Citação B3A4: “Embora O’Connor escrevesse apenas sobre um período de dois anos, seu memorando ecoava queixas de outras mulheres. Weinstein a obrigava a conduzir conversas de elenco com atrizes aspirantes depois que elas tinham encontros privados com ele em seu quarto de hotel, afirmou ela — descrição que se encaixa nos relatos de outros ex-funcionários.”

Análise: Esta citação demonstra como o relato de uma pessoa servia para validar o de outras, usando o termo “ecoava queixas” e destacando que a descrição se encaixa em depoimentos de terceiros. Esses elementos reforçam a ideia de um processo sistêmico de abuso.

Citação B3A5: "'Como eu saio deste quarto o mais rápido possível sem alienar Harvey Weinstein?', lembra ter pensado Ashley Judd. Em 2014, Weinstein convidou Emily Nestor, que havia trabalhado apenas um dia como funcionária temporária, para o mesmo hotel e fez outra oferta: se ela aceitasse suas investidas sexuais, ele impulsionaria sua carreira, de acordo com relatos que ela forneceu a colegas, que os encaminharam a executivos da Weinstein Company. No ano seguinte, mais uma vez no Peninsula, uma assistente afirmou que Weinstein a pressionou até que ela concordasse em fazer-lhe uma massagem enquanto ele estava nu, deixando-a 'chorando e muito abalada', escreveu uma colega, Lauren O'Connor, em um contundente memorando denunciando assédio sexual e outras condutas impróprias de seu chefe."

Análise: O texto utiliza a cronologia para mostrar a reincidência. Ao citar que os eventos ocorreram mais de uma vez no mesmo local e com o mesmo pedido de massagem, constrói-se a argumentação de que as histórias e experiências eram muito similares.

B3B. *The New Yorker*

Citação B3B1: "Contou que toda a sequência de acontecimentos tinha um aspecto rotineiro. 'Parece um processo bem azeitado', afirmou. 'Executiva de elenco mulher, Harvey quer se encontrar. Tudo foi desenhado para me deixar confortável antes que acontecesse. E então a vergonha do que aconteceu também foi desenhada para me manter quieta.'"

Análise: A citação demonstra novamente que o abuso não era um evento aleatório, mas uma sequência planejada e repetitiva ("aspecto rotineiro") que envolvia até mesmo a estrutura da empresa para desarmar a vítima antes da agressão.

Citação B3B2: "Outras mulheres estavam com medo demais para permitir que eu usasse seus nomes, mas suas histórias são assustadoramente semelhantes a essas acusações."

Análise: O autor utiliza essa técnica narrativa para validar os relatos nominais citados, por meio de depoimentos anônimos que descreviam os mesmos padrões de agressão e retaliação jurídica.

Citação B3B3: "Há outros exemplos do uso do mesmo *modus operandi* por Weinstein. Jessica Barth, atriz que o conheceu numa festa do Globo de Ouro em janeiro de 2011, contou que ele a convidou para uma reunião de negócios no Peninsula. Quando ela chegou, ele pediu

pelo telefone que ela subisse ao quarto. Weinstein garantiu que 'não tinha nada demais' — devido à sua fama, ele só queria privacidade para 'falar de carreira'."

Análise: Essa citação indica os elementos clássicos do padrão predatório: o uso de um pretexto profissional ("falar de carreira"), a transferência da reunião para um local privado ("subisse ao quarto") e o uso de hotéis como o Peninsula.

Citação B3B4: "Funcionários atuais e antigos descreveram um padrão de reuniões e uma cumplicidade tensa que se encaixam de perto nos relatos das muitas mulheres que entrevistei."

Análise: O fato de os funcionários confirmarem um padrão que "se encaixa de perto" nas denúncias atesta que o comportamento era uma prática sistemática e observável por terceiros.

Citação B3B5: "Dezesseis executivos e assistentes, atuais e antigos, das empresas de Weinstein me disseram que testemunharam ou tinham conhecimento de avanços sexuais indesejados."

Análise: A confirmação por dezesseis fontes diferentes sobre a existência desse padrão consolida a tese de um sistema predatório contínuo.

Análise da categoria

As citações da categoria B3 mostram que a força das denúncias cresceu através do reconhecimento de semelhanças entre relatos. Em B3A1 e B3A2, observa-se que as experiências narradas pelas vítimas apresentavam padrões recorrentes, como convites profissionais, encontros em quartos de hotel e promessas de carreira. Em B3B1 e B3B2, a repetição desses elementos confirma que não se tratava de episódios isolados, e sim de uma prática sistemática.

Essa repetição diminui a possibilidade de isolamento de que Noelle-Neumann (2017) fala. Ao provar a existência de um padrão entre relatos, as reportagens romperam o estado de ignorância pluralística — situação na qual cada vítima acreditava ser a única a enfrentar tal abuso e, por medo da rejeição social, se silenciava. Quando uma vítima percebe que outras passaram por situações semelhantes, sua experiência ganha reconhecimento coletivo.

A partir de Hohlfeldt, Marino e França (2001), se entende que a visibilidade de relatos convergentes contribuiu para alterar o clima de opinião, tornando a denúncia mais legítima

socialmente. Já em Gonçalves (2017), a reunião de vozes femininas aparece como condição importante para romper silenciamentos produzidos por estruturas patriarcais. Assim, a corroboração entre relatos enfraquece a lógica da dúvida individual e fortalece a denúncia como verdade coletiva.

B4. Legitimação jornalística: Refere-se ao papel das reportagens em fornecer provas documentais (gravações, memorandos, acordos) que transformam "a palavra de um contra a do outro" em fatos comprovados.

Indicadores: Referências a "áudios de operações secretas", "memorandos contundentes", "investigação de dez meses", "registros judiciais e e-mails internos".

B4A. The New York Times

Citação B4A1: "Uma investigação do *New York Times* encontrou acusações até então desconhecidas contra Harvey Weinstein que se estendem por quase três décadas, documentadas por meio de entrevistas com funcionários atuais e antigos e trabalhadores da indústria cinematográfica, além de registros judiciais, e-mails e documentos internos das empresas que ele comandou, Miramax e Weinstein Company."

Análise: Esse trecho demonstra que o trabalho jornalístico se baseou em provas materiais encontradas dentro da própria estrutura corporativa de Weinstein, o que confere autoridade e legitimidade à denúncia.

Citação B4A2: "No ano seguinte, mais uma vez no Peninsula, uma assistente afirmou que Weinstein a pressionou até que ela concordasse em fazer-lhe uma massagem enquanto ele estava nu, deixando-a 'chorando e muito abalada', escreveu uma colega, Lauren O'Connor, em um contundente memorando denunciando assédio sexual e outras condutas impróprias de seu chefe."

Análise: A existência de um documento escrito por uma funcionária na época dos fatos serve como prova documental interna que valida o relato da vítima, dificultando a alegação de que as histórias foram inventadas anos depois.

Citação B4A3: "Em 1997, Weinstein chegou a um acordo antes não divulgado com Rose McGowan, então atriz de 23 anos, após um episódio em um quarto de hotel durante o Festival de Sundance. O acerto de 100 mil dólares 'não deve ser interpretado como admissão' por parte

de Weinstein, mas como iniciativa ‘para evitar litígios e comprar paz’, segundo o documento legal, examinado pelo *Times*.”

Análise: Ao examinar o registro de um pagamento confidencial, as jornalistas provam a existência de um mecanismo financeiro usado para comprar o silêncio das vítimas e traduzem rumores de bastidores em um dado financeiro comprovado.

Citação B4A4: “As acusações foram assumidas pela Unidade de Vítimas Especiais do NYPD e estamparam páginas de tabloides, acompanhadas de reportagens de que a mulher havia trabalhado com investigadores para gravar secretamente uma confissão de Weinstein.”

Análise: A menção ao ato de “gravar secretamente uma confissão” funciona como um indicador de prova material. Aqui, a reportagem utilizou evidências geradas em operações anteriores para validar a narrativa das vítimas contra as negativas do agressor.

Citação B4A5: “‘Ela disse que ele foi muito persistente e focado, embora ela continuasse dizendo não por mais de uma hora’, dizia um documento interno. Nestor, que preferiu não comentar para esta reportagem, recusou o ‘acordo’, segundo os registros.”

Análise: Esta passagem utiliza o indicador “documento interno” e “registros” para validar o relato de Emily Nestor, provando que a história foi documentada pela própria empresa na época do ocorrido.

Citação B4A6: “Em março de 2015, Weinstein convidou Ambra Battilana, modelo italiana e atriz aspirante, para seu escritório em Tribeca, em uma sexta-feira à noite, para discutir sua carreira. Em poucas horas, ela ligou para a polícia. Battilana contou que Weinstein apalpou seus seios depois de perguntar se eram reais e colocou as mãos sob sua saia, segundo o boletim da polícia.”

Análise: A citação do “boletim da polícia” funciona como uma prova documental externa da agressão de Weinstein, que depois seria abafada em decorrência da influência do produtor na polícia de Nova York.

B4B. *The New Yorker*

Citação B4B1: “No decorrer de uma investigação de dez meses, treze mulheres me disseram que, entre a década de 1990 e 2015, Weinstein as assediou ou agrediu sexualmente.”

Análise: Esta passagem utiliza o indicador temporal de “investigação de dez meses” para conferir autoridade ao trabalho jornalístico, junto ao grande número e diversidade cronológica de fontes.

Citação B4B2: “Em uma gravação de áudio captada durante uma operação secreta do Departamento de Polícia de Nova York em 2015, Weinstein admite ter apalpado uma modelo ítalo-filipina chamada Ambra Battilana Gutierrez, descrevendo isso como um comportamento ao qual está ‘acostumado’.”

Análise: A existência de uma prova material irrefutável (a própria voz do agressor admitindo o ato) retira a denúncia do campo da subjetividade (“palavra dele contra a dela”) e a transforma em um fato comprovado documentalmente, ainda que não tenha sido divulgado à época do ocorrido.

Citação B4B3: “Mensagens enviadas por Irwin Reiter, um executivo sênior da empresa, para Emily Nestor, uma das mulheres que alegou ter sido assediada, descreviam o ‘mau trato às mulheres’ como um problema recorrente com o qual a Weinstein Company vinha lutando nos últimos anos.”

Análise: Ao mencionar mensagens de texto de um alto executivo da própria empresa na reportagem, o jornalista indica uma prova contemporânea de que o comportamento de Weinstein era conhecido por seus colegas.

Citação B4B4: “Na gravação, que ouvi na íntegra, Weinstein cita atrizes cujas carreiras ajudou e oferece a Gutierrez os serviços de um preparador de sotaque. Depois, insiste para que ela suba ao quarto dele enquanto ele toma banho.”

Análise: A afirmação do repórter de que ouviu a gravação na íntegra reforça seu papel como validador da prova. O acesso direto ao material bruto da operação policial permite que a reportagem detalhe o *modus operandi* do agressor com precisão documental, consolidando a denúncia como um fato verificado.

Análise da categoria

As citações da categoria B4 reforçam que o trabalho jornalístico do *The New York Times* e da *The New Yorker* atuou como fator decisivo para a ruptura da espiral do silêncio ao fornecer o que Noelle-Neumann (2017) define como o “repertório de palavras” necessário para a

expressão pública. Em B4A1 e B4B1, observa-se que a investigação de longo prazo (dez meses) e a reunião de provas materiais (áudios, registros judiciais e e-mails) retiraram as denúncias dispersas e pouco visíveis do campo da subjetividade e as elevaram ao status de fatos comprovados. Conforme Holhfeldt, Martino e França (2001), sem esse fornecimento de linguagem, referências e sentidos pelos meios de comunicação, os indivíduos tendem a se silenciar também por falta de argumentos para defender seu ponto de vista.

Pela perspectiva de Hohlfeldt, Martino e França (2001), as reportagens contribuíram para a tematização do abuso na mídia, conferindo ao caso status urgente e forçando a entrada do caso na agenda pública (*agenda-setting*). Esse agendamento midiático, para além de informar sobre o caso; redefiniu o que era considerado "seguro" de ser dito, alterando o clima de opinião de Hollywood (Noelle-Neumann, 2017). Como sintetizam Kantor e Twohey (2019), o rigor investigativo funcionou como um "solvente" do sigilo, derretendo décadas de acordos contratuais e intimidação ao transformar uma verdade antes privatizada e fragmentada em verdade compartilhada e socialmente legitimada.

B5. Ruptura da cumplicidade institucional: Refere-se aos indicadores de que o círculo íntimo de Weinstein decide parar de protegê-lo e colaborar com a verdade.

Indicadores: Executivos antigos aceitando falar; renúncia de membros do conselho; declarações de que "agora é o momento certo" devido ao clima atual.

B5A. *The New York Times*

Citação B5A1: "'Do lado de fora, parecia dourado — o Oscar, o sucesso, o impacto cultural notável', disse Mark Gill, ex-presidente da Miramax em Los Angeles, quando a empresa pertencia à Disney. 'Mas nos bastidores, era uma bagunça, e esse era o maior problema de todos', acrescentou ele, referindo-se ao tratamento dispensado por Weinstein às mulheres."

Análise: Mark Gill ocupou um cargo de altíssima relevância ao lado de Weinstein, portanto sua declaração voluntária representa a quebra da antiga cumplicidade alimentada por gestores.

Citação B5A2: "'Não era segredo para o círculo íntimo', disse Kathy DeClesis, assistente de Bob Weinstein no início dos anos 1990."

Análise: Na época das investigações, pessoas próximas à estrutura de poder de Harvey (neste caso, a assistente do próprio irmão e sócio) finalmente decidiram confirmar que seu comportamento problemático não era desconhecido pelas organizações pelas quais passou.

Citação B5A3: “Quando o conselho foi notificado por e-mail, Maerov insistiu que um advogado externo determinasse se as acusações eram verdadeiras, disse em entrevista.”

Análise: Lance Maerov, membro do conselho da Weinstein Company, rompeu com a ideia de cumplicidade incondicional ao exigir uma auditoria externa e independente sobre o memorando de Lauren O’Connor.

Citação B5A4: “Durante esse período, após ser confrontado com acusações de assédio sexual e contato físico indesejado, Weinstein fechou pelo menos oito acordos com mulheres, segundo dois dirigentes da empresa, que falaram sob condição de anonimato.”

Análise: O fato de dirigentes da própria empresa terem fornecido ao jornal informações confidenciais sobre pagamentos secretos para “comprar paz” demonstra que o círculo de proteção financeira e jurídica estava enfraquecido.

Citação B5A5: “Na esteira do memorando de O’Connor, em 2015, alguns membros do conselho e executivos da Weinstein Company, incluindo o irmão e sócio de longa data de Harvey, Bob, de 62 anos, ficaram alarmados com as acusações segundo várias pessoas que falaram sob condição de anonimato.”

Análise: Aqui, novamente são mencionadas fontes anônimas, mas internas, que são extremamente relevantes para validar as suposições sobre o conhecimento da empresa em relação aos abusos.

B5B. *The New Yorker*

Citação B5B1: “Em 5 de outubro, o *New York Times*, em uma forte reportagem de Jodi Kantor e Megan Twohey, revelou múltiplas acusações de assédio sexual contra Weinstein, artigo que levou à renúncia de quatro membros do conselho totalmente masculino da Weinstein Company e à demissão de Weinstein.”

Análise: O trecho marca o momento em que a estrutura máxima de governança da empresa deixou de sustentar a permanência de Weinstein e deu fim à proteção institucional, após a pressão das denúncias públicas.

Citação B5B2: “Dezesseis executivos e assistentes, atuais e antigos, das empresas de Weinstein me disseram que testemunharam ou tinham conhecimento de avanços sexuais indesejados e toques em eventos associados aos filmes de Weinstein e no ambiente de trabalho. Eles, e outros, descreveram um padrão de encontros profissionais que pouco mais eram do que pretextos frágeis para investidas sexuais sobre jovens atrizes e modelos. Todos os dezesseis disseram que o comportamento era amplamente conhecido tanto na Miramax quanto na Weinstein Company.”

Análise: A passagem revela que um grupo significativo de pessoas de dentro da própria estrutura corporativa (dezesseis fontes) decidiu colaborar com a verdade, admitindo que a má conduta era um “segredo aberto” conhecido internamente.

Citação B5B3: “Esses funcionários decidiram continuar a participar da matéria em parte porque sentiram que havia uma cultura crescente de responsabilização, exemplificada pelas revelações relativamente recentes sobre homens de alto perfil como Cosby e Ailes. ‘Acho que muitos de nós pensavam — e esperavam — ao longo dos anos que isso viesse à tona antes’, disse a ex-executiva que sabia dos dois acordos legais em Londres. ‘Mas acho que agora é o momento certo, neste clima atual, para a verdade.’”

Análise: A decisão do círculo íntimo de romper o silêncio não foi tomada por questões éticas ou morais simplesmente, mas impulsionada por uma mudança na percepção social (cultura de responsabilização) que tornou o ambiente seguro o suficiente para que a verdade institucional fosse finalmente revelada.

Citação B5B4: “Mensagens enviadas por Irwin Reiter, um executivo sênior da empresa, para Emily Nestor, uma das mulheres que alegou ter sido assediada, descreviam o ‘mau trato às mulheres’ como um problema recorrente com o qual a Weinstein Company vinha lutando nos últimos anos.”

Análise: O envolvimento de Irwin Reiter, um executivo que trabalhou com Weinstein por quase três décadas, é um exemplo explícito de alguém do “círculo íntimo” fornecendo provas materiais (mensagens via LinkedIn) que corroboram a falha sistêmica da empresa em lidar com a conduta do seu chefe.

Análise da categoria

As citações da categoria B5 revelam o colapso da rede de proteção que sustentava a impunidade de Weinstein, marcando o ponto em que o "segredo aberto" nos bastidores de Hollywood tornou-se insustentável. O depoimento de altos executivos como Mark Gill (B5A1) e a renúncia de membros do conselho diretor (B5B1) ilustram o que Noelle-Neumann (2017) chama de inversão do clima de opinião: o silêncio, que antes operava como uma estratégia de conformidade para evitar o isolamento profissional, passou a representar um signo de cumplicidade, alterando drasticamente o custo moral de permanecer calado. Conforme a autora, essa mudança é impulsionada por uma nova percepção de risco, na qual falar deixa de ser um gesto solitário para se tornar parte de uma corrente coletiva de responsabilização.

Pode-se entender que, sob a ótica de Bueno (2005), essa ruptura expõe a fragilidade de uma reputação construída sobre o ocultamento de práticas problemáticas, já que a imagem pública projetada por Weinstein mascarava sua verdadeira identidade organizacional. Quando o jornalismo investigativo atua como um "solvente" desse sigilo, se destrói o capital reputacional — poder simbólico que o produtor usava para abafar potenciais crises.

A ruptura da cumplicidade alterou, consequentemente, a disputa de sentidos (Baldissera, 2009) na indústria cinematográfica: a "fala autorizada" de Weinstein perdeu sua hegemonia diante da responsabilização pública e seus comportamentos passaram a ser ponto de partida para debates sobre assédio sexual, assimetrias de poder e ambientes tóxicos de trabalho.

B6. Transformação do caso em pauta pública ampla: Refere-se ao enquadramento do caso como o ponto de partida para significativos debates sobre abuso sexual, consentimento e relações de poder dentro do ambiente de trabalho.

Indicadores: Referências ao "mundo que mudou" em relação a sexo e poder; comparações com outros casos (Cosby, Ailes, Trump); menção à necessidade de uma "conversa em público".

B6A. *The New York Times*

Citação B6A1: "Ao relatar o episódio no hotel, Ashley Judd disse recentemente, em entrevista: 'As mulheres vêm falando sobre Harvey entre nós mesmas há muito tempo, e já passou da hora de ter essa conversa em público.'"

Análise: A fala de Judd indica os passos iniciais da ruptura da espiral do silêncio. Ela argumenta que a antiga rede informal de proteção (“falando entre nós mesmas”) deve se transformar em pauta pública, assim permitindo que o comportamento de Weinstein seja conhecido, debatido e julgado abertamente.

Citação B6A2: “Na Fox News, onde os ícones conservadores Roger E. Ailes e Bill O’Reilly foram acusados de assédio, mulheres receberam indenizações que chegam a muitos milhões de dólares. Mas a maioria das mulheres envolvidas nos acordos com Weinstein recebeu valores entre cerca de 80 mil e 150 mil dólares, de acordo com pessoas a par das negociações.”

Análise: Ao traçar esse paralelo, o texto eleva a denúncia de um evento isolado para uma observação sobre o uso padronizado de indenizações para gerir crises éticas e manter predadores em posições de comando das organizações.

Citação B6A3: “Em público, apresenta-se como um ‘leão liberal’, defensor das mulheres e vencedor não apenas de prêmios artísticos, mas também humanitários. Em 2015, ano em que O’Connor escreveu seu memorando, sua empresa distribuiu *The Hunting Ground*, documentário sobre agressão sexual em campi universitários. Um antigo doador do Partido Democrata, Weinstein organizou um evento de arrecadação de fundos para Hillary Clinton em sua casa em Manhattan, no ano passado. Empregou Malia Obama, filha mais velha do ex-presidente Barack Obama, como estagiária naquele ano, e recentemente ajudou a custear uma cadeira de professor na Universidade Rutgers em nome de Gloria Steinem. Durante o Festival de Sundance, em janeiro, quando Park City, em Utah, realizou sua versão das marchas de mulheres realizadas no país, Weinstein participou do protesto.”

Análise: O trecho evidencia o contraste entre a imagem pública de defensor de causas progressistas, feministas e suas ações predatórias privadas. Essa observação permite que o público reflita e debata sobre os comportamentos de figuras de poder que utilizam o capital simbólico de causas sociais para mascarar abusos de poder.

B6B. *The New Yorker*

Citação B6B1: “É provável que as mulheres que falaram comigo tenham se sentido recentemente mais encorajadas a contar suas experiências por causa da maneira como o mundo mudou em relação a questões de sexo e poder. Suas revelações seguem o rastro de histórias que

alegam má conduta sexual de figuras públicas, incluindo Donald Trump, Bill O'Reilly, Roger Ailes e Bill Cosby."

Análise: Esta passagem traça a comparação direta do caso estudado com casos de outras figuras de poder. Ela sugere que o relato das vítimas pode ter sido impulsionado por mudanças no clima de opinião e que essa toda essa movimentação faz parte de um momento histórico de reavaliação das relações de poder e gênero na sociedade.

Citação B6B2: "Esses funcionários decidiram continuar a participar da matéria em parte porque sentiram que havia uma cultura crescente de responsabilização, exemplificada pelas revelações relativamente recentes sobre homens de alto perfil como Cosby e Ailes. 'Acho que muitos de nós pensavam — e esperavam — ao longo dos anos que isso viesse à tona antes', disse a ex-executiva que sabia dos dois acordos legais em Londres. 'Mas acho que agora é o momento certo, neste clima atual, para a verdade.'"

Análise: A citação reforça a comparação com outros poderosos e apresenta a ideia de que o clima atual (da época da publicação das reportagens) favorecia a verdade. Isso indica que a quebra do silêncio no caso Weinstein foi parte da reação coletiva a uma crescente cultura de responsabilização, que acabou ocupando um espaço importante nas pautas públicas.

Citação B6B3: "A executiva que rejeitou reuniões inadequadas me contou que sua advogada a advertiu de que ela poderia ser responsabilizada em centenas de milhares de dólares em danos por violar o acordo de confidencialidade anexado ao seu contrato de trabalho. 'Acredito que isso é mais importante do que manter um acordo de confidencialidade', disse. 'Quanto mais de nós puder confirmar ou validar para essas mulheres se isso realmente aconteceu, acho que é muito importante para a justiça delas fazer isso.'"

Análise: Esta passagem ilustra o enquadramento do caso como um debate sobre princípios morais. Ao afirmar que a verdade e a justiça são "mais importantes do que manter um acordo de confidencialidade", a fonte entende que sua manifestação poderia impulsionar uma importante discussão ética sobre as práticas de agressão e silenciamento adotadas por Weinstein.

Citação B6B4: "Vários ex-funcionários me disseram que estavam falando agora sobre o alegado comportamento de Weinstein porque esperavam proteger mulheres no futuro."

Análise: A motivação de “proteger mulheres no futuro” confere à denúncia um peso e um respaldo maior, já que sua manifestação implica na segurança coletiva dos ambientes de trabalho.

Análise da categoria

As citações da categoria B6 indicam que a ruptura da espiral do silêncio se tornou possível quando os abusos deixaram de ser tratados como incidentes privados para se tornarem o epicentro de uma reavaliação geral sobre assédio e abuso de poder. Ao afirmar que “já passou da hora de ter essa conversa em público” (B6A1), Ashley Judd sinaliza a superação do que Noelle-Neumann (2017) define como o silenciamento decorrente da falta de um repertório de palavras. As reportagens forneceram à sociedade os termos necessários — como “ambiente tóxico” e “cultura de cumplicidade”, além de abertamente usarem as palavras “assédio sexual” — para que o público pudesse articular e condenar a violência que antes era indizível por falta de argumentos públicos.

Essa categoria também reforça que as reportagens, durante esse processo, auxiliaram na tematização do caso e forçaram sua entrada na agenda pública (Hohlfeldt; Martino; França, 2001). A aberta comparação com outros casos de assediadores da indústria, como os de Roger Ailes e Bill Cosby (B6A2, B6B1), demonstra que houve uma redefinição de parâmetros do que era “moralmente reconhecível”, invertendo o clima de opinião: o silêncio, antes visto como conformidade segura, passou a ser percebido como cumplicidade culposa.

De maneira complementar, a entrada do tema na agenda social representa um passo importante na conquista da isegoria comunicacional (o direito das vítimas de serem ouvidas em condições de igualdade na esfera pública), já que viabiliza o direito coletivo à comunicação (Peruzzo, 2013). Finalmente, essa mudança reflete o que Gonçalves (2019) descreve como a única forma de quebrar a espiral produzida pelo patriarcado: a reunião de vozes que converte experiências fragmentadas em narrativa política acessível e transformadora.

B7. Efeito cascata: Refere-se à dinâmica em que uma denúncia passa a encorajar outras manifestações e assim sucessivamente, criando uma onda imparável de relatos e reações.

Indicadores: Termos como “sentiram-se mais encorajadas”, “seguindo o rastro”, “mulheres começaram a procurar” as vítimas após as notícias.

B7A. *The New York Times*

Citação B7A1: “Na esteira do artigo, atrizes se manifestaram, políticos se distanciaram e uma conselheira chamou seu comportamento de ‘nojento’.”

Análise: O termo “na esteira do artigo” funciona como indicador do efeito cascata. Ele demonstra que as reportagens desencadearam um movimento de mulheres que se sentiram encorajadas a falar assim que a primeira barreira do silêncio foi rompida, tal como associados que se afastaram rapidamente.

Citação B7A2: “Embora O’Connor escrevesse apenas sobre um período de dois anos, seu memorando ecoava queixas de outras mulheres. Weinstein a obrigava a conduzir conversas de elenco com atrizes aspirantes depois que elas tinham encontros privados com ele em seu quarto de hotel, afirmou ela — descrição que se encaixa nos relatos de outros ex-funcionários.”

Análise: A ideia de que um documento “ecoava queixas de outras mulheres” ilustra a dinâmica de encorajamento. O relato individual de Lauren O’Connor serviu para validar e trazer à tona as experiências de outras pessoas que reconheceram o padrão predatório.

Citação B7A3: “Nestor, então estudante de Direito e Administração, aceitou o convite de Weinstein para o café da manhã no Peninsula porque não queria perder uma oportunidade, contou depois a colegas. Ao chegar, ele se ofereceu para ajudar em sua carreira, enquanto se gabava de uma série de atrizes famosas com as quais dizia ter dormido, de acordo com relatos compilados por colegas ao ouvirem sua história e que foram encaminhados a executivos da empresa.”

Análise: A disposição de Emily Nestor em contar sua história para colegas permitiu que esse relato fosse formalizado e enviado à direção, demonstrando que a denúncia de uma poderia gerar a ação coordenada de outras pessoas.

B7B. *The New Yorker*

Citação B7B1: “É provável que as mulheres que falaram comigo tenham se sentido recentemente mais encorajadas a contar suas experiências por causa da maneira como o mundo mudou em relação a questões de sexo e poder. Suas revelações seguem o rastro de histórias que alegam má conduta sexual de figuras públicas, incluindo Donald Trump, Bill O’Reilly, Roger Ailes e Bill Cosby.”

Análise: O trecho indica que a disposição das vítimas em denunciar Weinstein foi alimentada por uma onda prévia de denúncias contra outros homens poderosos, criando um ambiente social em que o silêncio deixou de ser a única opção.

Citação B7B2: "Após o lançamento do filme, mulheres começaram a procurar Argento, dizendo que reconheciam o comportamento de Weinstein naquela representação. 'As pessoas me perguntavam sobre ele por causa da cena do filme', disse."

Análise: O relato de Asia Argento (através de seu filme) funcionou como um catalisador, permitindo que outras mulheres identificassem o mesmo *modus operandi* e sentissem que podiam compartilhar suas próprias histórias com alguém que viveu o mesmo trauma.

Citação B7B3: "Sorvino disse que lutou por anos com a decisão de tornar sua história pública, em parte porque sabia que seu caso era mais brando em comparação às experiências de outras mulheres, entre elas Sophie Dix, uma atriz com quem ela conversou na época."

Análise: O fato de Mira Sorvino ter conversado com outra vítima (Sophie Dix) na época demonstra que o encorajamento mútuo e a validação do relato de uma mulher pela outra são passos fundamentais que precedem a denúncia pública e a formação da "onda imparável".

Análise da categoria

As citações da categoria B7 revelam que a ruptura do silêncio no caso Weinstein dependeu de um efeito cascata (B7A1), no qual a coragem individual de algumas mulheres serviu como catalisador para que outras relatassem experiências semelhantes (B7B2, B7B3). Essa dinâmica pode ser explicada pela inversão do clima de opinião proposta por Noelle-Neumann (2017): ao perceberem que não estavam sozinhas, as vítimas deixaram de ser "públicos dispersos" — indivíduos isolados que monitoram o risco social — para formar uma "massa concreta". Conforme a autora, na massa concreta a sensação de reciprocidade é tão intensa que o medo do isolamento pode desaparecer, permitindo que a verdade compartilhada seja exposta sem o risco da punição social.

De maneira complementar, a análise sob o viés de Peruzzo (2013) demonstra que o efeito cascata observado nas reportagens (e, posteriormente, na repercussão do movimento #MeToo) resultou no avanço da isegoria comunicacional, o direito a fazer parte do debate público. A reunião de múltiplas vozes femininas, por sua vez, é o fator que finalmente dá liga a relatos que a narrativa patriarcal tende a isolar e descredibilizar (Gonçalves, 2019).

6. 2 Interpretação dos resultados

Após a exploração do material, esta seção corresponde à terceira e última fase da análise de conteúdo de Bardin (2011): a interpretação dos resultados. Após as etapas de pré-análise e exploração do material, esta se dedica à análise interpretativa inferencial, na qual os dados sistematizados e as categorias são confrontados, nesse caso, com o referencial teórico da espiral do silêncio, *agenda-setting* e de autores da área das Relações Públicas. O objetivo dessa interpretação é ultrapassar a leitura imediata das mensagens para compreender os sentidos evidentes e latentes que revelam a anatomia do silenciamento e os fatores que precipitaram sua quebra no caso Harvey Weinstein.

A análise de conteúdo realizada a partir das reportagens do *The New York Times* e da *The New Yorker* evidencia que a espiral do silêncio identificada no caso Harvey Weinstein constituiu um processo sustentado por mecanismos articulados de poder, proteção e colaboração organizacional. Os resultados indicam que, como suposto anteriormente, o silêncio não surgiu de forma espontânea e individual, mas através de uma estrutura composta por assimetrias de poder. Dentro dessa estrutura, estavam contidas ameaças profissionais, estratégias de descredibilização, cumplicidade organizacional e instrumentos jurídicos voltados à contenção das denúncias. Esses elementos validam a hipótese central da pesquisa de que o silenciamento operou como um sistema organizado e complexo, e que posteriormente foi rompido pela legitimação pública das falas e pela alteração do clima de opinião.

Em termos quantitativos, observa-se predominância expressiva do eixo A, “enquadramento do silêncio”, sobre o eixo B, “enquadramento da ruptura”, mas entende-se que a disparidade reflete a natureza dos objetos analisados. As reportagens originais concentraram esforços na descrição das engrenagens que sustentaram a impunidade de Weinstein durante décadas, priorizando a exposição das relações de poder, dos mecanismos de abafamento e dos episódios de abuso. Assim, a maior incidência de registros ligados ao silêncio apenas confirma que o foco inicial dos jornalistas estava direcionado à anatomia do sistema que permitiu a continuidade das violências.

Entre as categorias analisadas do eixo A, o “medo de retaliação profissional” (A2) apresentou grande volume de evidências, especialmente na reportagem da *The New Yorker*. Os relatos revelam que o receio de perder papéis, sofrer boicotes ou ser afastada da indústria funcionava como uma sanção concreta diante da possibilidade de denúncia. Confirmando a perspectiva de Noelle-Neumann (2017), esse movimento corresponde ao medo do isolamento social, elemento que ativa a espiral do silêncio e influencia a decisão entre falar ou permanecer

calado. Em Hollywood, o isolamento assumia forma material: deixar de trabalhar, perder oportunidades e ser excluída dos circuitos profissionais. Somando-se a isso, o "medo de deslegitimação e estigmatização" (A3) adicionava à violência simbólica, já que Weinstein ameaçava destruir o capital reputacional das vítimas e utilizava a sua influência na mídia para realizá-lo. O "tribunal anônimo" descrito pela autora se manifestou, nesse contexto, através das redes de influência que determinavam pertencimento e exclusão dentro da indústria cinematográfica, em conformidade com o agressor.

A categoria "assimetria de poder" (A1) apresentou forte recorrência nas duas reportagens e atravessou diversas outras categorias do eixo A. O memorando de Lauren O'Connor, sintetizado pela expressão "eu 0, Harvey 10", representa de maneira emblemática essa disparidade, uma vez que o poder de Weinstein extrapolava a dimensão econômica e alcançava campos simbólicos e institucionais. Sua posição na indústria permitia interferir em carreiras, definir oportunidades e influenciar a circulação de informações; a denúncia se tornava para as vítimas um risco de destruição profissional. Nessa perspectiva, o senso estatístico de uma opinião dominante contrária (Noelle-Neumann, 2017) atuava na redução das possibilidades de fala e ampliava a percepção de vulnerabilidade.

Já a "cultura organizacional de cumplicidade" (A5) demonstrou que os abusos estavam inseridos em um ambiente marcado por normalização e conhecimento compartilhado. Diversos registros indicam que funcionários, executivos e setores organizacionais tinham ciência do comportamento de Weinstein, embora poucos o confrontassem. O chamado "segredo aberto" confirma que o silêncio possuía caráter coletivo e institucional. Sob a perspectiva de Simões (1995), isso evidencia uma desfuncionalização da função política organizacional: o poder, em vez de promover relações legítimas entre organização e públicos, protegia interesses particulares e preservava estruturas abusivas. Entende-se, dessa forma, que a organização falhou em sua capacidade de mediação ética e transformou parte de sua própria dinâmica interna em facilitadora da violência.

As diferenças de enquadramento entre as reportagens enriquecem a presente interpretação de resultados. O *The New York Times* privilegiou uma abordagem focada nos acordos de silêncio, concentrando maior volume de registros nos "mecanismos jurídicos de silenciamento" (A6). Os acordos de confidencialidade, pagamentos financeiros e cláusulas restritivas aparecem como instrumentos destinados a transformar denúncias em compromissos privados de silêncio. Sob a perspectiva de Bueno (2005), tais estratégias podem ser interpretadas como formas predatórias de gestão reputacional, nas quais recursos financeiros e jurídicos são utilizados para preservar a imagem institucional e ocultar conflitos internos.

Os NDAs materializam, nesse caso, uma barreira objetiva à comunicação transparente e ampliam o custo da ruptura do silêncio.

A *The New Yorker*, por sua vez, enfatizou a dimensão subjetiva da violência. Suas evidências concentram-se principalmente nas categorias "medo de retaliação" (A2) e "vergonha, culpa e autoquestionamento" (A4), já que os testemunhos detalham processos internos de autocensura, insegurança e internalização do descrédito. O medo do isolamento descrito por Noelle-Neumann (2017) aparece aqui de maneira profundamente violenta: a vítima antecipa o julgamento social, duvida da legitimidade da própria experiência e assume para si parte do peso do ocorrido. Sob a leitura de Gonçalves (2019), esse processo está associado também à construção simbólica de gênero em sociedades patriarcais, nas quais as narrativas masculinas ocupam posição dominante e as vozes femininas são frequentemente deslocadas para espaços de menor importância.

Os resultados encontrados nessa análise indicam, portanto, que a manutenção da espiral decorreu sim da convergência entre poder econômico, dependência profissional e mecanismos institucionais de proteção, mas também da ordem patriarcal a que as mulheres estão submetidas. Esse sistema favorece a permanência da versão masculina dos fatos enquanto submete as mulheres ao risco constante de deslegitimação, já que, conforme argumenta Gonçalves (2019), a construção simbólica de gênero contribui para consolidar narrativas nas quais a voz feminina aparece como exagerada e emocional, dificultando sua legitimação pública.

Quanto ao processo de ruptura da espiral do silêncio, a interpretação das citações reforça que ele ocorreu de forma coletiva e progressiva. As categorias do eixo B indicam que a quebra do silêncio no caso estudado resultou da formação de uma rede de apoio e reconhecimento mútuo entre as denunciantes, principalmente durante o processo de investigação das reportagens ("coragem de falar em grupo" [B1] e "corroboração entre relatos" [B3]). Também demonstram que a fala coletiva reduziu a sensação de isolamento (Noelle-Neumann, 2017), permitindo que experiências antes fragmentadas fossem percebidas como parte de um problema sistêmico de violência. Para que esse risco social fosse invertido, a "corroboração entre relatos" (B3) e a "nomeação pública e identificação das fontes" (B2) foram extremamente importantes: as primeiras mulheres que aceitaram ser nomeadas possibilitaram que diversas outras pudessem ter os seus relatos legitimados, através da identificação de padrões de violência.

Nesse sentido, a menor quantidade de unidades de registro do eixo B decorre da própria cronologia do fenômeno analisado, porque as reportagens funcionaram como o ponto inicial da ruptura — tematizando os abusos e deslocando-os da esfera privada para o debate público

(*agenda-setting*). Através de provas documentais, elas ofereceram visibilidade, legitimidade e repertório discursivo para que novas vozes emergissem dentro do tema abordado (“legitimação jornalística” [B4] e “transformação em pauta pública” [B6]), embora a repercussão da quebra da espiral do silêncio apareça de maneira mais forte nos livros *Ela Disse* e *Operação Abafa*, mencionados nos Capítulos 3 e 5. Isso acontece porque, nos livros, Kantor, Twohey e Farrow descrevem os desdobramentos posteriores às publicações, cujos registros permitem identificar com maior clareza categorias como “ruptura da cumplicidade institucional” (B5), transformação em pauta pública” (B6) e principalmente o “efeito cascata” (B7). Segundo a perspectiva de Peruzzo (2013) e como mencionado durante a análise, esse processo representa uma certa conquista da isegoria comunicacional, entendida como o direito efetivo de se expressar e ser ouvido. A ruptura da espiral corresponde, portanto, à recuperação da voz pública das vítimas e à transformação do silêncio em manifestação coletiva.

Por fim, a interpretação dos resultados (Bardin, 2011), também confirma que a mídia participou ativamente da reorganização do debate público ao transformar experiências isoladas em uma verdade compartilhada e socialmente reconhecida. O silêncio, anteriormente associado à autopreservação, passou gradativamente a ser interpretado como parte do sistema que sustentava a violência (“ruptura da cumplicidade institucional” [B5]), demonstrando a inversão de clima de opinião abordada por Noelle-Neumann (2017). Sendo assim, a ruptura dessa espiral do silêncio representou uma transformação social significante, alterando as condições de visibilidade, pertencimento e legitimidade das vozes femininas no espaço público.

7 IMPLICAÇÕES NA ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE RELAÇÕES PÚBLICAS

De acordo com as análises anteriores, entende-se que o caso estudado é um indicador de como relações assimétricas de poder e estratégias de gestão predatória podem contribuir para a manutenção de estruturas de violência e impunidade dentro das organizações. Já a análise da espiral do silêncio aplicada ao caso demonstra que o silêncio das vítimas esteve associado a um ambiente organizacional e social marcado pelo medo do isolamento (Noelle-Neumann, 2017), de retaliações profissionais e do descrédito público.

Nesse sentido, o profissional de relações públicas assume extrema relevância no seu papel dentro das organizações, já que, conforme defende Kunsch (2003), a comunicação organizacional está diretamente relacionada à administração dos relacionamentos entre organização e públicos, à construção da legitimidade institucional e à responsabilidade social das organizações. De maneira similar, Simões (1995) compreende as relações públicas como atividade vinculada à administração das relações de poder presentes no sistema organização-públicos, demonstrando que a comunicação organizacional está atravessada por dinâmicas políticas e disputas de legitimidade.

7.1 Relações de poder e silenciamento

A compreensão da espiral do silêncio no caso Weinstein exige reconhecer que o silêncio das vítimas foi sustentado por relações assimétricas de poder presentes na indústria cinematográfica. Afinal, Harvey Weinstein utilizava sua posição de influência econômica, simbólica e profissional para intimidar, controlar e silenciar mulheres inseridas naquele ambiente organizacional. Sendo assim, o medo de sofrer retaliações e perder oportunidades de trabalho ou ser desacreditada publicamente dificultava a circulação das denúncias e reforçava o isolamento das vítimas.

Sob a perspectiva de Simões (1995), essa dinâmica evidencia uma desfuncionalização da função política da organização. Segundo o autor, os profissionais de relações públicas atuam diretamente no campo da micropolítica organizacional, envolvendo relações de influência, negociação, conflito e controle presentes no sistema organização-públicos. Quando o poder institucional é utilizado de maneira predatória e contrária aos interesses dos públicos, compromete-se a legitimidade organizacional. Dessa forma, o caso Weinstein demonstra que o silêncio coletivo é fortalecido por mecanismos institucionais capazes de restringir a participação de determinados sujeitos e dificultar o enfrentamento de práticas abusivas.

Acordos de confidencialidade, ameaças jurídicas, descredibilização das vítimas e naturalização dos abusos são alguns dos aspectos que contribuem para sustentar o silêncio organizacional e proteger a imagem pública do produtor. As contribuições de Simões (1995) também permitem compreender que a atuação do profissional da área não pode se limitar à preservação simbólica da imagem institucional. Conforme o autor relata, a legitimidade organizacional depende da administração ética das relações de poder e, sendo assim, sua atuação exige reconhecimento das assimetrias existentes no ambiente organizacional e enfrentamento dos mecanismos que produzem medo, isolamento e omissão entre os públicos.

Essa discussão sobre assimetrias de poder aproxima-se das contribuições de Peruzzo (2013), especialmente quando a autora compreende a comunicação como um direito humano fundamental. Para Peruzzo (2013), o direito de comunicar envolve a possibilidade concreta de produzir discursos, circular sentidos e participar legitimamente da esfera pública — a esse conjunto, ela se refere como isegoria comunicacional. Afinal, a desigualdade também se manifesta no plano comunicacional, quando se entende que determinadas vozes — no caso mencionado, a das mulheres denunciantes — possuem menor validade social e menor capacidade de circulação pública. Segundo Peruzzo (2013), a existência formal da liberdade de expressão não garante condições efetivas de fala e escuta, sobretudo em contextos marcados por desigualdades estruturais. Tomando os conceitos de Peruzzo (2013), a espiral do silêncio observada no caso representa também uma negação do direito à comunicação das vítimas, já que estavam inseridas em uma estrutura que dificultava o reconhecimento público de suas narrativas e favorecia a manutenção da credibilidade social do agressor.

7.2 Disputa de sentidos e circulação de narrativas

As contribuições de Baldissera (2009) aprofundam essa análise ao compreender a comunicação organizacional como um processo contínuo de construção, circulação e disputa de sentidos. Segundo o autor, a comunicação ultrapassa os discursos oficiais produzidos pelas organizações e envolve também fluxos informais, rumores, conversas, interpretações e percepções produzidas pelos públicos. Esse entendimento indica que, assim como observado na análise do caso, o silêncio não representava necessariamente ausência de comunicação sobre as agressões. Os relatos sobre os comportamentos abusivos circulavam informalmente nos bastidores da indústria cinematográfica, revelando tensões organizacionais invisibilizadas pela comunicação oficial. Conforme argumenta Baldissera (2009), as organizações comunicam

continuamente, inclusive por meio dos silêncios, das tensões e dos sentidos produzidos nos espaços não institucionalizados.

As narrativas sustentadas pelo prestígio e pela influência de Weinstein possuíam maior legitimidade social e institucional do que os relatos das vítimas, e isso permitia que determinadas interpretações da realidade circulassem com maior força, enquanto outras permaneciam invisibilizadas. Sob esse viés, o silêncio coletivo funciona como indicador das tensões, dos medos e das disputas simbólicas presentes no ambiente organizacional. Baldissera (2014) segue argumentando que a legitimação institucional não pode ser sustentada por estratégias de ocultamento ou por práticas comunicacionais voltadas exclusivamente ao gerenciamento instrumental da imagem pública. Para o autor, a legitimidade depende da qualidade efetiva das relações estabelecidas entre organização e públicos, exigindo comprometimento ético e responsabilidade relacional diante dos impactos sociais produzidos pelas práticas institucionais.

Essa reflexão dialoga diretamente com Peruzzo (2013), especialmente na compreensão de que os sujeitos disputam legitimidade comunicacional na esfera pública. Conforme a autora argumenta, grupos historicamente marginalizados — como as mulheres personagens do caso analisado — frequentemente enfrentam dificuldades para conquistar reconhecimento e visibilidade pública. No caso Harvey Weinstein, as estruturas sociais e organizacionais favoreciam a preservação da imagem positiva do produtor e dificultavam o reconhecimento das experiências das vítimas. Baldissera (2009) utiliza ainda o conceito de comprometimento ecossistêmico para defender que as organizações devem considerar os efeitos sociais, culturais e relacionais de suas práticas. Nesse contexto, o profissional de relações públicas precisa reconhecer que os fluxos informais de comunicação também produzem sentidos sobre a organização e revelam tensões importantes para a compreensão do ambiente institucional.

7.3 Imagem, identidade e legitimidade

Entende-se, a partir dessas reflexões, que o caso Weinstein evidencia uma profunda contradição entre imagem pública e realidade organizacional. Enquanto Harvey Weinstein e suas empresas Miramax e Weinstein Company eram associados ao prestígio, ao sucesso e à influência cultural, internamente faziam parte de uma estrutura marcada por práticas de abuso e intimidação.

Em Bueno (2005), encontram-se considerações importantes para compreender essa dissociação, já que, segundo o autor, existe uma diferença importante entre identidade, imagem

e reputação organizacional. A identidade corresponde ao que a organização efetivamente é; a imagem se refere às percepções construídas pelos públicos; e a reputação resulta da consolidação dessas percepções ao longo do tempo. No contexto do caso analisado, se observa que a comunicação organizacional pode contribuir para sustentar imagens artificialmente positivas quando há ocultação de práticas institucionais problemáticas. Mas, conforme alerta Bueno (2005), a comunicação não deve ser utilizada para mascarar a realidade organizacional, uma vez que essa prática compromete diretamente a credibilidade e fragiliza a reputação institucional.

Essa reflexão aproxima-se das contribuições de Kunsch (2003) no tocante à coerência entre discurso institucional e práticas organizacionais. Para a autora, a comunicação organizacional também possui relação direta com a legitimidade institucional e com a responsabilidade social da organização. A autora compreende as relações públicas como atividade estratégica vinculada à gestão integrada dos relacionamentos organizacionais e destaca que a comunicação deve atuar de maneira sistêmica dentro das instituições, articulando comunicação institucional, mercadológica, interna e administrativa. Essa noção de comunicação integrada proposta por Kunsch (2003) evidencia que os diferentes processos comunicacionais da organização precisam apresentar coerência entre identidade institucional, discurso público e práticas efetivas. Afinal, o planejamento da comunicação organizacional exige pesquisa, diagnóstico, definição de objetivos, implementação de ações e avaliação constante dos resultados, justamente para garantir alinhamento entre aquilo que a organização comunica e o que efetivamente pratica em suas relações com os públicos. Essa falta de alinhamento no caso Weinstein está evidenciada na reportagem do *The New York Times*:

> Em 2015, ano em que O'Connor escreveu seu memorando, sua empresa distribuiu *The Hunting Ground*, documentário sobre agressão sexual em campi universitários. Um antigo doador do Partido Democrata, Weinstein organizou um evento de arrecadação de fundos para Hillary Clinton em sua casa em Manhattan, no ano passado. Empregou Malia Obama, filha mais velha do ex-presidente Barack Obama, como estagiária naquele ano, e recentemente ajudou a custear uma cadeira de professor na Universidade Rutgers em nome de Gloria Steinem. Durante o Festival de Sundance, em janeiro, quando Park City, em Utah, realizou sua versão das marchas de mulheres realizadas no país, Weinstein participou do protesto (Kantor; Twohey, 2017).

No caso Harvey Weinstein, há uma ruptura evidente entre o discurso organizacional, associado ao prestígio cultural, e a realidade interna, marcada pela violência e pelo silenciamento. A ausência de coerência entre as práticas evidencia uma falha grave no processo de gestão estratégica da comunicação, já que, como argumenta Baldissera (2014),

a legitimação institucional depende da qualidade efetiva das relações estabelecidas com os públicos. Conforme o autor argumenta, a tentativa de preservar a imagem institucional por meio do abafamento das denúncias e do controle dos fluxos comunicacionais contribui para aprofundar crises de legitimidade da organização. De forma complementar, Bueno (2005) argumenta que imagem, identidade e reputação constituem ativos estratégicos diretamente relacionados à credibilidade institucional. No caso estudado, a preservação de uma imagem pública progressista, associada ao prestígio cultural, coexistia com uma identidade organizacional marcada por práticas abusivas e uma cultura de silenciamento.

Essa dissociação foi sustentada, como observado nas análises anteriores, por estratégias simbólicas de controle reputacional que buscavam preservar a validade pública da organização, mesmo diante das tensões internas já existentes. Entretanto, conforme Bueno (2005) destaca, práticas de ocultamento comprometem diretamente a reputação organizacional e fragilizam a confiança dos públicos. A crise envolvendo Weinstein evidencia justamente o colapso dessa coerência institucional, uma vez que as tentativas de preservar artificialmente a imagem pública da organização contribuíram para sua posterior deslegitimação social.

7.4 Escuta organizacional e mediação de conflitos

Os achados dos autores analisados convergem ao demonstrar que o profissional de relações públicas possui responsabilidade estratégica e política diante de conflitos, tensões e relações de poder presentes nas organizações. Sob a perspectiva de Simões (1995), a atuação em relações públicas envolve a administração legítima das relações de poder entre organização e públicos. Isso exige a identificação de conflitos, desequilíbrios organizacionais e mecanismos de silenciamento capazes de comprometer a legitimidade institucional. O profissional de relações públicas, portanto, deve atuar como gestor das tensões presentes nas relações organizacionais, reconhecendo que práticas de silenciamento produzem impactos políticos, éticos e relacionais sobre os públicos vulnerabilizados. Já Baldissera (2009) contribui para essa reflexão ao indicar que a comunicação organizacional envolve múltiplos fluxos de sentidos, inclusive aqueles que circulam informalmente. Dessa forma, a escuta organizacional torna-se um elemento central para compreender tensões invisibilizadas pelos discursos oficiais da instituição.

Kunsch (2003) também compreende as relações públicas como função mediadora entre organização e sociedade, responsável por equilibrar interesses organizacionais e sociais por meio de processos comunicacionais planejados e integrados. Nesse sentido, a gestão estratégica

da comunicação exige acompanhamento permanente do ambiente organizacional e atenção às demandas dos públicos internos e externos. Segundo Bueno (2005), a auditoria de imagem e o monitoramento contínuo das percepções dos públicos internos e externos permite identificar sinais de crise e tensões organizacionais antes que se transformem em problemas públicos de grande escala. Com isso, a manipulação dos canais de escuta e denúncia no caso Weinstein demonstra falhas na mediação organizacional e na administração dos relacionamentos institucionais, especialmente no que diz respeito à proteção dos públicos vulnerabilizados. Na reportagem do *The New Yorker*, é possível atestar as falhas dos canais mencionados:

> Ela teve uma conversa com dirigentes da empresa sobre o caso, mas não avançou mais: os responsáveis disseram que Weinstein seria informado de tudo o que ela contasse, prática não incomum em empresas do porte da Weinstein Company. Vários ex-funcionários me disseram que o departamento de recursos humanos era totalmente ineficaz; uma executiva descreveu-o como "um lugar para onde você ia quando não queria que nada fosse feito. Isso era de conhecimento geral. Porque tudo terminava em Harvey." Ela descreveu a resposta típica do departamento a alegações de má conduta como: "Essa é a empresa dele. Se você não gosta, pode ir embora" (Farrow, 2017).

Como observado nas análises anteriores, múltiplos funcionários e colaboradores das empresas de Weinstein sabiam dos comportamentos abusivos do produtor. Entende-se, com isso, que a ausência de mecanismos institucionais capazes de reconhecer esses "rumores" e enfrentar os conflitos existentes contribuiu para a perpetuação do silêncio e o agravamento da crise organizacional. O profissional de relações públicas, em casos como esse, tem o dever de acompanhar de perto as relações organizacionais, de construir espaços legítimos de escuta e de manter o comprometimento ético diante das tensões presentes em ambiente institucional desigual.

7.5 Democratização da fala pública e ruptura do silêncio

A ruptura da espiral do silêncio no caso Harvey Weinstein esteve diretamente relacionada à ampliação da visibilidade pública das denúncias e à reorganização das disputas de sentido na esfera social e midiática. As contribuições de Peruzzo (2013) tornam-se especialmente relevantes nesse aspecto ao compreender os movimentos sociais como espaços de fortalecimento das vozes historicamente silenciadas. Conforme argumenta a autora, a comunicação popular, comunitária e alternativa permite que grupos marginalizados disputem visibilidade pública e legitimidade simbólica.

O movimento #MeToo, dessa forma, possibilitou que mulheres transformassem experiências individuais em narrativa coletiva compartilhada, produzindo reconhecimento público, acolhimento simbólico e fortalecimento mútuo. A partir dos argumentos de Peruzzo (2013), o movimento pode ser compreendido como uma forma de comunicação coletiva contra-hegemônica, capaz de ampliar a legitimidade de sujeitos historicamente silenciados. Nesse contexto, a ruptura da espiral do silêncio representa a redistribuição do poder de comunicar e avanços na conquista da isegoria comunicacional, já que as experiências das vítimas deixaram de aparecer fragmentadas e restritas ao espaço privado e passaram a ocupar posição central na agenda midiática e social.

Portanto, a perspectiva de Peruzzo (2013) permite compreender que a desigualdade de gênero também opera no plano comunicacional, especialmente através da distribuição desigual de credibilidade pública e legitimidade discursiva. O movimento #MeToo, nesse caso, alterou as condições de circulação das narrativas das vítimas, permitindo que relatos antes desacreditados conquistassem espaço no debate público. Além das falas de Peruzzo (2013) sobre movimentos sociais, a teoria da *agenda-setting* de Noelle Neumann (2017), retomada por Martino (2014), também ajuda a compreender esse processo. A visibilidade midiática conferida às denúncias, através das reportagens pioneiras, transformou os abusos em problema social amplamente debatido e a mudança do clima de opinião pública (Noelle Neumann, 2017) permitiu que novas vítimas se manifestassem — enfraquecendo os mecanismos que sustentavam a espiral do silêncio. Esse processo também pode ser compreendido a partir de Baldissera (2009), especialmente na perspectiva da disputa de sentidos. A circulação ampliada das narrativas das vítimas reorganizou os sentidos produzidos socialmente sobre o caso e enfraqueceu as estruturas simbólicas que protegiam a imagem pública de Weinstein. Dessa forma, entende-se que a ruptura do silêncio ocorreu por meio da ampliação das possibilidades de fala, escuta e reconhecimento público das vítimas, evidenciando a importância da comunicação na disputa por legitimidade social e institucional.

7.6 Considerações sobre a atuação do profissional de relações públicas

As considerações apresentadas nesta seção, em articulação com a interpretação da análise de conteúdo, permitem concluir que o silenciamento no caso Harvey Weinstein fez parte de uma infraestrutura organizacional ativamente gerida, que, por décadas, protegeu o agressor e ocultou uma identidade organizacional predatória. Embora os achados desta pesquisa ofereçam um diagnóstico robusto sobre o "que não fazer" — como, por exemplo, utilizar

recursos da organização para abafar tensões, denúncias e abusos de poder —, eles escancaram a necessidade de reflexões sobre como o profissional de relações públicas deve de fato atuar para que a comunicação organizacional seja um autêntico instrumento de mediação. Conforme Baldissera (2014, p. 3), "este poder das organizações [...] evidencia a necessidade de reflexão e crítica para não se sucumbir a simples lógica dos interesses privados em detrimento dos interesses públicos".

Uma das principais observações depreendidas a partir do estudo é de que a legitimidade institucional não pode ser dissociada do bem-estar social. Caso o profissional de relações públicas aja exclusivamente para proteger a reputação positiva de uma organização, mascarando comportamentos predatórios e assimetrias de poder, ele incorre no que se define como uma gestão predatória da reputação (Bueno, 2005). Sob essa perspectiva, o profissional deixa de cumprir sua função estratégica para se tornar um instrumento de opressão, em oposição aos interesses e direitos dos públicos envolvidos (Simões, 1995), e colabora diretamente para a manutenção da desigualdade comunicacional (Peruzzo, 2013). Além disso, Bueno (2005) destaca que o colapso da credibilidade institucional é inevitável quando há uma ruptura entre a imagem projetada e a identidade real da organização.

Para que o relações públicas aja como mediador real dos interesses entre os públicos, este deve trabalhar de forma enfática em prol da isegoria comunicacional. Conforme propõe Peruzzo (2013), isso significa assegurar que todos os sujeitos, especialmente os vulnerabilizados e marginalizados por estruturas de opressão como o patriarcado, tenham o direito legítimo de serem ouvidos em condições de igualdade na esfera pública. O profissional de relações públicas deve, então, atuar como o guardião desse direito, garantindo que o repertório de palavras (Noelle-Neumann, 2017) e os canais de escuta organizacional existam para acionar a resolução de conflitos antes que eles resultem em novas espirais do silêncio.

A atuação do relações públicas também exige a administração ética das relações de poder, e isso implica reconhecer e enfrentar as desigualdades presentes nos fluxos oficiais e informais de comunicação (Baldissera, 2009). O impacto do movimento #MeToo, posterior às primeiras denúncias veiculadas contra Weinstein, provou que a mídia e as comunicações têm poder para inverter climas de opinião, mas cabe ao profissional de relações públicas zelar para que essa transparência seja um compromisso contínuo, e não surja apenas como reação a crises específicas. Em última análise, o relações públicas que ignora o impacto social de suas decisões falha em seu comprometimento ecossistêmico (Baldissera, 2009). A profissão, afinal, deve ser exercida com a consciência de que a organização é um sistema vivo, inserido em uma sociedade

repleta de desigualdades — o que significa que os mediadores de interesse entre públicos têm oportunidades enormes e responsabilidade ainda maior em mãos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa, torna-se necessário retomar os principais aprendizados construídos ao longo do trabalho e avaliar em que medida os objetivos propostos foram de fato alcançados. Este trabalho teve como objetivo compreender, por meio da teoria da espiral do silêncio, de Elisabeth Noelle-Neumann (2017), e da hipótese da *agenda-setting*, como o silenciamento e a quebra do silêncio se manifestaram no caso Harvey Weinstein, além de analisar as implicações desse fenômeno na atuação do profissional de relações públicas. A partir do levantamento bibliográfico dos conceitos teóricos necessários, da apropriação de conhecimento sobre o caso Weinstein e das análises aplicadas no *corpus*, foi possível identificar que o silêncio em torno das denúncias resultou de uma estrutura de silenciamento complexa e organizada. Com base nas análises realizadas, entende-se que um dos pilares da manutenção do silêncio foi a assimetria de poder presente entre agressor e vítima — assimetria essa traduzida em cumplicidade organizacional e ameaças de deslegitimação pública, retaliação profissional e processos judiciais.

As vítimas de Harvey Weinstein, caso optassem por se manifestar, enfrentavam risco de descredibilização, ataques à reputação, consequências jurídicas e exclusão de um campo profissional altamente competitivo e restrito. Confirma-se, então, a aplicação da teoria da espiral do silêncio no caso estudado, uma vez que essas são representações do principal mecanismo da teoria de Noelle-Neumann: o medo do isolamento. Nesse contexto, a opinião dominante percebida (Noelle-Neumann, 2017) correspondia à cumplicidade do sigilo sobre os abusos, já que ela fazia parte de uma cultura de normalização e relativização de comportamentos predatórios em Hollywood. O clima de opinião, aqui, era favorável a proteger figuras de poder e encarar denúncias como “rumores”, o que tornava a quebra do silêncio tanto socialmente arriscada quanto insustentável profissionalmente.

Quanto à ruptura da espiral do silêncio, ela é identificada nas análises a partir do momento em que a fala das denunciantes compõem uma rede de validação coletiva, durante o processo de investigação das reportagens. É possível aferir que as reportagens analisadas durante a pesquisa organizaram os relatos das vítimas em uma narrativa inteligível, que demonstrava padrões claros e recorrentes de abuso e silenciamento. Sendo assim, essa organização de relatos foi crucial para que pudesse haver a mudança do clima de opinião no debate público (Noelle-Neumann, 2017), de forma a transformar o silêncio sobre os abusos em um comportamento reprovável socialmente. Nesse sentido, a hipótese da a*genda-setting* foi fundamental para compreender a ruptura da espiral do silêncio no caso estudado, uma vez que,

escolhendo dar destaque ao tema na agenda da mídia, os veículos de comunicação permitiram que este chegasse também à agenda pública. Entende-se que, nesse processo, a mídia conferiu legitimidade ao tema e forneceu linguagem (repertório de palavras) para que o público pudesse lidar com a problemática de experiências antes isoladoras.

Para além dos mecanismos centrais da espiral do silêncio, foi exposto também, durante a pesquisa, um aspecto crucial para compreender o silenciamento nesse caso específico: a desigualdade de gênero. A eficácia dos instrumentos de intimidação e descredibilização vistos durante a manutenção do silêncio dependeu diretamente da construção simbólica de gênero, que atua na preservação de sociedades patriarcais (Gonçalves, 2019). O deslocamento da atenção do agressor para a vítima, nos exemplos em que mulheres são julgadas pelos conteúdos de seus relatos ou trajetória pessoal, reforça a lógica patriarcal de responsabilização feminina e contribui para a autocensura, que é um conceito básico da espiral do silêncio. Os fatores que levaram à manutenção do silêncio por tanto tempo devem, portanto, ser compreendidos também como efeito de um sistema social que historicamente deslegitima a fala de mulheres e favorece falas masculinas.

Outro achado relevante se refere ao papel da cultura organizacional de cumplicidade na manutenção do silêncio, já que os estudos indicam que muitas pessoas que frequentavam os espaços profissionais de Weinstein sabiam sobre ou participavam indiretamente dos abusos. Funcionários eram usados para criar falsa sensação de segurança em encontros privados; denúncias internas eram abafadas; e os setores responsáveis por acolher queixas demonstraram ser subordinados à lógica de proteção do agressor. No âmbito das relações públicas, esse fenômeno revela uma grave desfuncionalização da função política organizacional (Simões, 1995), na qual o poder institucional, em vez de mediar eticamente os interesses dos públicos, foi sequestrado para proteger privilégios individuais e intimidar vozes dissidentes. As dinâmicas observadas no caso Weinstein também caracterizam uma gestão predatória de reputação (Bueno, 2005), uma vez que a organização mascarava a identidade problemática sob fachada de prestígio cultural: no momento em que as contradições entre o discurso oficial e as práticas concretas vêm à tona, a credibilidade (reputação) colapsa.

Para superar esse modelo, a pesquisa propõe a centralidade da isegoria comunicacional (Peruzzo, 2013) como foco do profissional de relações públicas, para que este busque garantir condições concretas de escuta e proteção para todos os sujeitos dentro de uma organização, especialmente os vulnerabilizados. De forma complementar, compreende-se que a atuação do relações públicas deve ser pautada por um comportamento ecossistêmico, com consciência das disputas de sentidos presentes na organização (Baldissera, 2009), uma vez que o silêncio entre

públicos comunica tensões e desequilíbrios que devem ser tratados com transparência e responsabilidade social.

Com todas essas considerações articuladas, se entende que a questão norteadora (de que modo a teoria da espiral do silêncio explica o silenciamento e a quebra do silêncio frente ao caso Harvey Weinstein e quais as implicações para a atuação do profissional de relações públicas) foi plenamente respondida durante a pesquisa, através dos objetivos propostos na Introdução. O objetivo geral, que se tratava de compreender, por meio da espiral do silêncio e da hipótese da a*genda-setting*, como o silenciamento e a quebra do silêncio se manifestaram no caso Harvey Weinstein e quais as implicações desse processo para o profissional de relações públicas, foi cumprido de forma satisfatória ao longo de toda a pesquisa, com destaque para a análise de conteúdo realizada no sexto capítulo. O primeiro objetivo específico foi atingido integralmente no Capítulo 4, que fundamentou os conceitos de espiral do silêncio e opinião pública. Já o segundo e o terceiro objetivos específicos foram atingidos durante os estudos sobre as implicações da espiral do silêncio no caso, em especial nos Capítulos 5 e 6. Por fim, o último objetivo específico, com foco nas relações públicas, foi aprofundado no Capítulo 7, trazendo relações e considerações importantes para a atuação do profissional como mediador de públicos.

Durante a realização desta pesquisa, fica claro que o tema do silenciamento institucional é de extrema importância para a área da comunicação, com destaque para as Relações Públicas. A conscientização sobre os mecanismos da espiral do silêncio pode capacitar profissionais para identificar espirais em estágio inicial, evitando que se transformem em desastres como o demonstrado no estudo. Aqui, o cenário de investigação foi um recorte da indústria cinematográfica, mas é urgente que pesquisas futuras tratem também de contextos acadêmicos (universidades), instituições políticas e ambientes digitais, a fim de entender como agir em prol da isegoria comunicacional nesses casos. Finalmente, a investigação evidencia que a comunicação não pode ser neutra — e nem o é o comunicador. É necessário que se entenda que linguagem e narrativa se constroem a partir de escolhas constantes; elas são ferramentas de poder que moldam a participação e percepção pública, capazes de construir e transformar realidades inteiras.

REFERÊNCIAS

BALDISSERA, Rudimar. Comunicação organizacional, tecnologias e vigilância: entre a realização e o sofrimento. *E-Compós*, Brasília, v. 17, n. 2, p. 1-15, maio/ago. 2014.

BALDISSERA, Rudimar. Reflexões sobre comunicação organizacional e relações públicas: tensões, encontros e distanciamentos. In: XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2009, Curitiba. *Anais*… São Paulo: Intercom, 2009.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BUENO, Wilson da Costa. A personalização dos contatos com a mídia e a construção da imagem das organizações. *Organicom*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 13-26, 2005.

BURKE, Tarana. *Unbound*: My Story of Liberation and the Birth of the Me Too Movement. Nova York: Flatiron Books, 2021.

FARROW, Ronan. De investidas agressivas a agressão sexual: as acusadoras de Harvey Weinstein contam suas histórias. *The New Yorker*, 10 out. 2017.

FARROW, Ronan. *Operação abafa*: predadores sexuais e a indústria do silêncio. São Paulo: Todavia, 2020.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Emerson Campos. Vozes femininas silenciadas: o jornalismo literário de Svetlana Aleksiévitch como resistência à espiral do silêncio produzida pelo patriarcado. *Revista Pauta Geral: Estudos em Jornalismo*, Ponta Grossa, vol. 6, n. 2, p. 3-19, jul./dez., 2019.

HOHLFEDLT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (org.). *Teorias da comunicação*: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

KANTOR, Jodi; TWOHEY, Megan. Harvey Weinstein pagou acusadoras de assédio sexual por décadas. *The New York Times*, 5 out. 2017.

KANTOR, Jodi; TWOHEY, Megan. *Ela disse*: os bastidores da reportagem que impulsionou o #MeToo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. *Planejamento de relações públicas na comunicação integrada*. São Paulo: Summus, 2003.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria da comunicação*: ideias, conceitos e métodos. Petrópolis: Vozes, 2014.

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. *A espiral do silêncio: opinião pública – nosso tecido social*. Florianópolis: Estudos Nacionais, 2017.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Comunicação nos movimentos sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. *Contemporânea: comunicação e cultura*, Salvador (UFBA), v. 11, n. 2, p. 161-181, 2013.

SERIDÓRIO, Daniele Ferreira; RODRIGUES, Laís Modelli. Espiral do silêncio, opinião pública e representação da mulher na mídia. *In*: BULHÕES, Marcelo; MORAIS, Osvando J. de (org.). *Ciências da comunicação*: circularidades teóricas e práticas acadêmicas. Sarapuí, SP: OJM Casa Editorial, 2015.

SIMÕES, Roberto Porto. *Relações públicas*: função política. São Paulo: Summus, 1995.

ANEXO 1 — TRADUÇÃO DA REPORTAGEM DO *THE NEW YORK TIMES*

Reportagem 1
(Tradução própria)

Harvey Weinstein Paid Off Sexual Harassment Accusers for Decades
Harvey Weinstein pagou acusadoras de assédio sexual por décadas
Por Jodi Kantor e Megan Twohey
5 de outubro de 2017

Há duas décadas, o produtor de Hollywood Harvey Weinstein convidou Ashley Judd para o hotel Peninsula Beverly Hills, para o que a jovem atriz esperava ser uma reunião de café da manhã de negócios. Em vez disso, mandou que a enviassem para seu quarto, onde apareceu de roupão e perguntou se ele poderia lhe fazer uma massagem ou se ela poderia vê-lo tomar banho, recorda ela em entrevista.

"Como eu saio deste quarto o mais rápido possível sem alienar Harvey Weinstein?", lembra ter pensado Ashley Judd.

Em 2014, Weinstein convidou Emily Nestor, que havia trabalhado apenas um dia como funcionária temporária, para o mesmo hotel e fez outra oferta: se ela aceitasse suas investidas sexuais, ele impulsionaria sua carreira, de acordo com relatos que ela forneceu a colegas, que os encaminharam a executivos da Weinstein Company. No ano seguinte, mais uma vez no Peninsula, uma assistente afirmou que Weinstein a pressionou até que ela concordasse em fazer-lhe uma massagem enquanto ele estava nu, deixando-a "chorando e muito abalada", escreveu uma colega, Lauren O'Connor, em um contundente memorando denunciando assédio sexual e outras condutas impróprias de seu chefe.

"Existe um ambiente tóxico para as mulheres nesta empresa", escreveu O'Connor na carta, endereçada a vários executivos da companhia administrada por Weinstein.

Uma investigação do *New York Times* encontrou acusações até então desconhecidas contra Harvey Weinstein que se estendem por quase três décadas, documentadas por meio de entrevistas com funcionários atuais e antigos e trabalhadores da indústria cinematográfica, além de registros judiciais, e-mails e documentos internos das empresas que ele comandou, Miramax e Weinstein Company.

Durante esse período, após ser confrontado com acusações de assédio sexual e contato físico indesejado, Weinstein fechou pelo menos oito acordos com mulheres, segundo dois

dirigentes da empresa, que falaram sob condição de anonimato. Entre as beneficiárias, o *Times* identificou uma jovem assistente em Nova York, em 1990; uma atriz, em 1997; uma assistente em Londres, em 1998; uma modelo italiana, em 2015; e a própria O'Connor logo depois, de acordo com registros e pessoas familiarizadas com os acordos.

Em declaração ao *Times* na tarde de quinta-feira, Weinstein disse: "Reconheço que a forma como me comportei com colegas no passado causou muita dor, e peço sinceras desculpas por isso. Embora eu esteja tentando melhorar, sei que ainda tenho um longo caminho a percorrer."

Ele acrescentou que estava trabalhando com terapeutas e planejando tirar uma licença da empresa para "enfrentar essa questão de frente".

Lisa Bloom, advogada que vinha assessorando Weinstein, disse em nota que "ele nega muitas das acusações como flagrantemente falsas". Em comentários ao *Times* no início da semana, Weinstein disse que muitas das alegações no memorando de O'Connor estavam "equivocadas" e que eles haviam se separado em bons termos.

Sou uma mulher de 28 anos tentando ganhar a vida e construir uma carreira. Harvey Weinstein é um homem mundialmente famoso, de 64 anos, e esta é a empresa dele. O equilíbrio de poder é: eu 0, Harvey Weinstein 10. (do memorando de Lauren O'Connor)

Ele e seus representantes se recusaram a comentar qualquer um dos acordos, incluindo informações sobre quem os financiou. Mas Weinstein afirmou que, ao lidar com preocupações de funcionários sobre questões de ambiente de trabalho, "meu lema é manter a paz".

Bloom, que vinha aconselhando Weinstein no último ano sobre questões de gênero e dinâmica de poder, o chamou de "um velho dinossauro aprendendo novas maneiras". Ela afirmou ter "explicado a ele que, devido à diferença de poder entre um grande chefe de estúdio como ele e a maioria das outras pessoas na indústria, quaisquer que sejam suas motivações, algumas de suas palavras e comportamentos podem ser percebidos como inadequados, até intimidadores".

Embora O'Connor escrevesse apenas sobre um período de dois anos, seu memorando ecoava queixas de outras mulheres. Weinstein a obrigava a conduzir conversas de elenco com atrizes aspirantes depois que elas tinham encontros privados com ele em seu quarto de hotel, afirmou ela — descrição que se encaixa nos relatos de outros ex-funcionários. Ela suspeitava que ela e outras funcionárias da Weinstein Company, escreveu, estivessem sendo usadas para facilitar encontros com "mulheres vulneráveis que esperam que ele lhes consiga trabalho".

As acusações se acumularam mesmo enquanto Weinstein ajudava a moldar a cultura popular. Ele colecionou seis Oscars de melhor filme e produziu uma série de obras marcantes,

desde *Sex, Lies, and Videotape*, *Pulp Fiction* e *Gênio Indomável* (*Good Will Hunting*) até o programa de TV *Project Runway*. Em público, apresenta-se como um "leão liberal", defensor das mulheres e vencedor não apenas de prêmios artísticos, mas também humanitários.

Em 2015, ano em que O'Connor escreveu seu memorando, sua empresa distribuiu *The Hunting Ground*, documentário sobre agressão sexual em campi universitários. Um antigo doador do Partido Democrata, Weinstein organizou um evento de arrecadação de fundos para Hillary Clinton em sua casa em Manhattan, no ano passado. Empregou Malia Obama, filha mais velha do ex-presidente Barack Obama, como estagiária naquele ano, e recentemente ajudou a custear uma cadeira de professor na Universidade Rutgers em nome de Gloria Steinem. Durante o Festival de Sundance, em janeiro, quando Park City, em Utah, realizou sua versão das marchas de mulheres realizadas no país, Weinstein participou do protesto.

"Do lado de fora, parecia dourado — o Oscar, o sucesso, o impacto cultural notável", disse Mark Gill, ex-presidente da Miramax em Los Angeles, quando a empresa pertencia à Disney. "Mas nos bastidores, era uma bagunça, e esse era o maior problema de todos", acrescentou ele, referindo-se ao tratamento dispensado por Weinstein às mulheres.

Dezenas de ex-funcionários e funcionários atuais de Weinstein, de assistentes a executivos de alto escalão, disseram saber de condutas inadequadas enquanto trabalhavam com ele. Poucos, no entanto, disseram tê-lo confrontado.

Weinstein impôs um código de silêncio; funcionários da Weinstein Company têm contratos afirmando que não criticarão a empresa ou seus líderes de maneira que possa prejudicar sua "reputação comercial" ou a "reputação pessoal de qualquer funcionário", segundo documento recente. E a maioria das mulheres que aceitaram acordos financeiros concordou com cláusulas de confidencialidade que as proíbem de falar sobre os acertos ou os episódios que levaram a eles.

Charles Harder, advogado que representa Weinstein, disse que não era incomum firmar acordos para evitar litígios longos e caros. Ele acrescentou: "Isso não é evidência de nada."

Na Fox News, canal em que os ícones conservadores Roger E. Ailes e Bill O'Reilly foram acusados de assédio, mulheres receberam indenizações que chegam a muitos milhões de dólares. Mas a maioria das mulheres envolvidas nos acordos com Weinstein recebeu valores entre cerca de 80 mil e 150 mil dólares, de acordo com pessoas a par das negociações.

Sou uma profissional e tenho tentado agir de forma profissional. Não sou tratada assim, porém. Sou sexualizada e diminuída. — Do memorando de Lauren O'Connor

Na esteira do memorando de O'Connor, em 2015, alguns membros do conselho e executivos da Weinstein Company, incluindo o irmão e sócio de longa data de Harvey, Bob, de

62 anos, ficaram alarmados com as acusações, segundo várias pessoas que falaram sob condição de anonimato. No final, porém, os conselheiros foram tranquilizados de que não havia necessidade de investigar. Depois de chegar a um acordo com Weinstein, O'Connor retirou a queixa e agradeceu a ele pela oportunidade de carreira que havia recebido.

"As partes fizeram as pazes muito rapidamente", disse Bloom.

Por meio de sua advogada, Nicole Page, O'Connor preferiu não ser entrevistada. Em seu memorando, ela explicou quão perturbada estava com o que testemunhou ou vivenciou como caça-talentos literária e executiva de produção na empresa. "Estou começando minha carreira agora e tenho sentido — e continuo sentindo — medo de me manifestar", escreveu O'Connor. "Mas permanecer em silêncio está me causando grande angústia."

Ao relatar o episódio no hotel, Ashley Judd disse recentemente, em entrevista: "As mulheres vêm falando sobre Harvey entre nós mesmas há muito tempo, e já passou da hora de ter essa conversa em público."

Uma narrativa comum

Nestor, então estudante de Direito e Administração, aceitou o convite de Weinstein para o café da manhã no Peninsula porque não queria perder uma oportunidade, contou depois a colegas. Ao chegar, ele se ofereceu para ajudar em sua carreira, enquanto se gabava de uma série de atrizes famosas com as quais dizia ter dormido, de acordo com relatos compilados por colegas ao ouvirem sua história e que foram encaminhados a executivos da empresa.

"Ela disse que ele foi muito persistente e focado, embora ela continuasse dizendo não por mais de uma hora", dizia um documento interno. Nestor, que preferiu não comentar para esta reportagem, recusou o "acordo", segundo os registros. "Ela ficou decepcionada por ele tê-la recebido e não ter demonstrado interesse em seu currículo ou em suas competências." A jovem escolheu não denunciar o episódio ao setor de recursos humanos, mas as acusações chegaram à direção por meio de outros funcionários.

Ao longo dos anos e continentes, os relatos sobre a conduta de Weinstein seguem uma narrativa comum: mulheres se apresentavam em um hotel para o que julgavam ser compromissos de trabalho, apenas para descobrir que Weinstein, casado durante boa parte de três décadas, às vezes parecia ter outros interesses. Sua base era Nova York, mas seu "escritório itinerante" eram hotéis de luxo: o Peninsula Beverly Hills e o Savoy, em Londres; o Hôtel du Cap-Eden-Roc, perto do Festival de Cannes, na França; e o Stein Eriksen Lodge, perto do Festival de Sundance.

Trabalhar para Weinstein podia significar tirá-lo da cama pela manhã e fazer "o serviço de turndown" tarde da noite, preparando-o para dormir. Como a colega citada no memorando

de O'Connor, alguns funcionários juniores obrigados a realizar essas tarefas disseram que elas eram perturbadoras.

Em entrevistas, oito mulheres descreveram comportamentos variados de Weinstein: aparecendo quase ou completamente nu na frente delas; exigindo que estivessem presentes enquanto ele tomava banho; ou repetidamente pedindo uma massagem — ou iniciando uma por conta própria. As mulheres, em geral em seus vinte e poucos anos ou entre os vinte e tantos e trinta e poucos, tentando conseguir um lugar na indústria, disseram que ele podia mudar de tom rapidamente — reuniões e pranchetas num momento, comentários íntimos no seguinte. Uma mulher aconselhou uma colega a usar um parka quando convocada para as "tarefas de quarto", como uma camada de proteção contra avanços indesejados.

Laura Madden, ex-funcionária que disse que Weinstein a pressionou para fazer-lhe massagens em hotéis de Dublin e Londres a partir de 1991, contou que ele tinha um jeito de fazer qualquer pessoa que se opusesse sentir que era um caso isolado. "Era tudo muito manipulador", disse em entrevista. "Você se questiona o tempo todo — 'será que eu é que sou o problema?'"

"Não sei nada sobre isso", disse Weinstein.

A maioria das mulheres que relataram ao *Times* terem sofrido condutas impróprias de Weinstein nunca se encontrou. Elas têm idades que variam de vinte e poucos a quase cinquenta anos e vivem em cidades diferentes. Algumas disseram não ter denunciado o comportamento porque não havia testemunhas e temiam represálias de Weinstein. Outras afirmaram sentir vergonha. Mas a maior parte confidenciou a colegas.

Declaração de Harvey Weinstein

5 de outubro de 2017

Harvey Weinstein enviou ao *Times* a declaração a seguir em resposta à reportagem sobre seu tratamento com as mulheres em Hollywood. (Leia a investigação original.) Na esteira do artigo, atrizes se manifestaram, políticos se distanciaram e uma conselheira chamou seu comportamento de "nojento".

"Cheguei à idade adulta nas décadas de 1960 e 1970, quando todas as regras sobre comportamento e ambiente de trabalho eram diferentes. Essa era a cultura então.

Desde então aprendi que isso não é desculpa, no escritório ou fora dele, para ninguém.

Percebi, há algum tempo, que precisava ser uma pessoa melhor e que minhas interações com as pessoas com quem trabalho mudaram.

Reconheço que a forma como me comportei com colegas no passado causou muita dor, e peço sinceras desculpas por isso.

Embora eu esteja tentando melhorar, sei que ainda tenho um longo caminho a percorrer. Esse é o meu compromisso.

Minha jornada agora será aprender sobre mim mesmo e conquistar meus demônios. No ano passado, pedi a Lisa Bloom que me orientasse, e ela reuniu uma equipe de pessoas. Contratei terapeutas e planejo tirar uma licença da empresa para lidar com essa questão de frente. Tenho grande respeito por todas as mulheres e lamento o que aconteceu. Espero que minhas ações falem mais alto do que minhas palavras e que um dia possamos, todos nós, conquistar a confiança delas e sentar juntos com Lisa para aprender mais. Jay Z escreveu em *4:44*: 'Não sou o homem que pensei que era, e preciso ser esse homem por meus filhos.' O mesmo vale para mim. Quero uma segunda chance na comunidade, mas sei que tenho trabalho a fazer para conquistá-la. Tenho metas que agora são prioridades.

Acreditem, esse não é um processo de uma noite para outra. Tentei fazer isso por 10 anos, e este é um chamado de despertar. Não poderia estar mais arrependido pelas pessoas que machuquei e pretendo corrigir isso com todas elas.

Vou precisar de um alvo para canalizar essa raiva, então decidi que vou dedicar toda a minha atenção à NRA. Espero que Wayne LaPierre aprecie sua festa de aposentadoria. Vou fazê-la no mesmo lugar em que fiz meu Bar Mitzvah. Estou fazendo um filme sobre nosso presidente; talvez possamos fazer uma festa de aposentadoria conjunta. Há um ano, comecei a organizar uma fundação de 5 milhões de dólares para conceder bolsas de estudo a diretoras na USC. Embora isso possa parecer coincidência, está sendo planejado há um ano. Terá o nome da minha mãe, e não vou decepcioná-la."

Madden depois contou a Karen Katz, amiga e colega no departamento de aquisições, sobre as investidas de Weinstein, incluindo uma ocasião em que se trancou no banheiro do quarto de hotel dele, chorando. "Éramos muito jovens na época", lembra Katz, hoje documentarista. "Não entendíamos quão errado aquilo era ou como Laura deveria lidar com isso."

Outros funcionários do escritório de Londres disseram o mesmo. "Eu fiquei bastante perturbada e irritada", afirmou Sallie Hodges, outra ex-funcionária, recordando os relatos que ouvira de colegas. "Era assim que as coisas eram."

A operação de recursos humanos era considerada fraca em Nova York e pior em Londres, de modo que alguns funcionários se uniam em solidariedade. "Se uma executiva era convocada para uma reunião sozinha, ela e uma colega geralmente iam juntas", para que nenhuma ficasse sozinha com Weinstein, recordou Gill, o ex-presidente da Miramax em Los Angeles.

Muitas mulheres que trabalharam com Weinstein disseram nunca ter sofrido assédio nem sabendo de alguém que tivesse, e o lembram como um chefe que lhes deu oportunidades valiosas em idades jovens. Algumas descreveram carreiras longas e satisfatórias com ele, elogiando-o como mentor e defensor.

Mas, em entrevistas, algumas das ex-funcionárias que relataram experiências perturbadoras com Weinstein fizeram uma pergunta comum: como acusações que repetem o mesmo padrão — mulheres jovens, um produtor poderoso, às vezes até os mesmos hotéis — puderam se acumular por quase três décadas?

"Não era segredo para o círculo íntimo", disse Kathy DeClesis, assistente de Bob Weinstein no início dos anos 1990. Ela supervisionava uma jovem que deixou a empresa abruptamente após um encontro com Harvey Weinstein e que depois recebeu um acordo, segundo vários ex-funcionários.

Falar poderia ter custado caro. Trabalhar para Weinstein era um posto privilegiado no cruzamento entre dinheiro, fama e arte, e muitos de seus ex-assistentes chegaram a posições altas em Hollywood. Ele podia ser carismático e generoso: cestas de presentes, flores, ajuda pessoal ou profissional e dinheiro. No Festival de Cannes, segundo vários ex-colegas, às vezes distribuía milhares de dólares como bônus improvisados.

Weinstein também tinha personalidade vulcânica, dado a acessos de fúria e broncas pessoais, tanto a homens quanto a mulheres. Quando uma convidada teve de esperar por um upgrade de quarto, ele gritou que O'Connor estaria melhor se casando com um "gordo judeu rico", porque provavelmente era boa apenas para "ser esposa" e "ter filhos", escreveu ela em seu memorando. (Ele acrescentou alguns palavrões, segundo ela.) Seu tratamento para com mulheres às vezes era visto apenas como mais uma forma de toxicidade, de acordo com vários ex-funcionários.

No outono de 1998, uma assistente de Londres de 25 anos chamada Zelda Perkins confrontou Weinstein. Segundo ex-colegas, ela e vários funcionários eram submetidos com frequência a pedidos ou comentários inadequados em quartos de hotel, e ela estava particularmente preocupada com o tratamento dispensado a outra mulher do escritório. Perkins disse a Weinstein que ele tinha de parar, de acordo com ex-colegas, e que tornaria o assunto público ou iniciaria uma ação judicial se ele não mudasse de comportamento.

Steve Hutensky, um dos advogados de entretenimento da Miramax, foi enviado a Londres para negociar um acordo com Perkins e sua advogada. Ele preferiu não comentar para esta reportagem.

Hoje produtora de teatro em Londres, Perkins também preferiu não comentar, dizendo que não podia discutir seu trabalho na Miramax nem se havia firmado algum acordo.

Meses após o acerto, Weinstein triunfou no Oscar, com *A Vida é Bela* (*Life Is Beautiful*) e *Shakespeare Apaixonado* (*Shakespeare in Love*) levando dez estatuetas ao todo. Alguns anos depois, o produtor, que havia comandado uma série de filmes de temática britânica, foi nomeado Comendador da Ordem do Império Britânico, honraria logo abaixo da de cavaleiro.

"Barganha coercitiva"

Para atores, um encontro com Weinstein podia trazer recompensas deslumbrantes: roteiros, papéis, campanhas para prêmios, capas de revistas, influência em contratos de publicidade lucrativos. Ele sabia transformar filmes pequenos em sucessos de bilheteria, entregar dramas refinados como *O Discurso do Rei* (*The King's Speech*) e atrações populares como a franquia *Todo Mundo em Pânico* (*Scary Movie*). Os filmes de Weinstein ajudaram a definir feminilidade, sexo e romance, de Catherine Zeta-Jones em *Chicago* a Jennifer Lawrence em *O Lado Bom da Vida* (*Silver Linings Playbook*).

Mas os filmes também eram sua alavanca particular. Quando Weinstein convidou Ashley Judd para o café da manhã em Beverly Hills, ela vinha de uma noite inteira de filmagens do thriller *Kiss the Girls*, mas considerou o encontro importante demais para recusar. Ao chegar ao saguão do hotel, surpreendeu-se ao saber que conversariam na suíte dele; ela decidiu pedir cereal, contou, para que a comida chegasse rápido e ela pudesse ir embora.

Weinstein passou então a fazer convite após convite, disse ela. Poderia lhe fazer uma massagem? Quando ela recusou, sugeriu um "massagear de ombros". Ela rejeitou também, recorda. Ele a conduziu em direção ao closet, pedindo que o ajudasse a escolher a roupa do dia, e depois em direção ao banheiro. Ela se lembrava de ele perguntar se ela o observaria tomando banho.

"Eu disse não, de muitas maneiras, muitas vezes, e ele sempre voltava com um novo pedido", disse Ashley Judd. "Era essa barganha, essa barganha coercitiva."

Para sair do quarto, contou ela, fez uma piada de que, se Weinstein quisesse tocá-la, ela primeiro teria que ganhar um Oscar em um de seus filmes. Recorda-se de ter se sentido "em pânico, presa", disse na entrevista. "Havia muito em jogo, o prestígio que vinha com a Miramax."

Pouco depois, contou o que havia acontecido à mãe, a cantora Naomi Judd, que confirmou a conversa a um repórter do *Times*. Anos mais tarde, Ashley apareceria em dois filmes de Weinstein sem incidentes, disse. Em 2015, ela compartilhou o relato do episódio no quarto de hotel com a revista *Variety*, sem nomear o homem envolvido.

Em 1997, Weinstein chegou a um acordo antes não divulgado com Rose McGowan, então atriz de 23 anos, após um episódio em um quarto de hotel durante o Festival de Sundance. O acerto de 100 mil dólares "não deve ser interpretado como admissão" por parte de Weinstein, mas como iniciativa "para evitar litígios e comprar paz", segundo o documento legal, examinado pelo *Times*. McGowan recém havia aparecido no filme de terror *Pânico* (*Scream*) e, depois, estrelou a série de TV *Charmed*. Ela preferiu não comentar.

Maior escrutínio

Meses antes de O'Connor escrever seu memorando, uma jovem funcionária pediu demissão após reclamar de ter sido obrigada a arranjar o que acreditava serem encontros sexuais para Weinstein, de acordo com duas pessoas cientes de sua saída. A mulher, que pediu para não ser identificada para proteger sua privacidade, disse que um acordo de confidencialidade a impedia de comentar.

Logo, as queixas sobre o comportamento de Weinstein fizeram o conselho de sua empresa prestar atenção.

Em março de 2015, Weinstein convidou Ambra Battilana, modelo italiana e atriz aspirante, para seu escritório em Tribeca, em uma sexta-feira à noite, para discutir sua carreira. Em poucas horas, ela ligou para a polícia. Battilana contou que Weinstein apalpou seus seios depois de perguntar se eram reais e colocou as mãos sob sua saia, segundo o boletim da polícia.

As acusações foram assumidas pela Unidade de Vítimas Especiais do NYPD e estamparam páginas de tabloides, acompanhadas de reportagens de que a mulher havia trabalhado com investigadores para gravar secretamente uma confissão de Weinstein. O gabinete do promotor de Manhattan, porém, decidiu não apresentar denúncia.

Mas Weinstein fez um pagamento a Battilana, segundo pessoas familiarizadas com o acordo, que falaram sob condição de anonimato sobre o acerto confidencial.

A natureza pública do episódio preocupou alguns executivos e membros do conselho da Weinstein Company. (Harvey e Bob Weinstein juntos detêm 42% da empresa, de capital fechado.) Quando alguns conselheiros pressionaram Harvey sobre o caso, ele insistiu que a mulher havia armado uma cilada, recordam colegas.

Battilana já havia testemunhado em processos contra associados do ex-primeiro-ministro Silvio Berlusconi, da Itália, acusados de recrutar mulheres para supostas festas sexuais, e a imprensa italiana também relatou que, anos antes, ela acusara um namorado septuagenário de assédio sexual, que aparentemente foi arquivado. Battilana não respondeu aos pedidos de comentário. Seu advogado, Mauro Rufini, não pôde ser contatado.

Depois do episódio, Lance Maerov, membro do conselho, disse ter conseguido aprovar um código de conduta para a empresa, com linguagem detalhada sobre assédio sexual.

Em seguida, surgiu o memorando de O'Connor, com página após página de acusações detalhadas. Ao descrever as experiências de mulheres na empresa, incluindo as próprias, ela escreveu: "O equilíbrio de poder é: eu 0, Harvey Weinstein 10."

Ela era uma funcionária valorizada — Weinstein a descreveu como "fantástica", "uma ótima pessoa", "uma executiva brilhante" —, por isso a queixa abalou os principais executivos, incluindo Bob Weinstein. Quando o conselho foi notificado por e-mail, Maerov insistiu que um advogado externo determinasse se as acusações eram verdadeiras, disse em entrevista.

Mas a investigação nunca aconteceu. Weinstein havia chegado a um acordo com O'Connor, e não havia mais nada a investigar.

"Como essa questão foi resolvida e nenhuma ação adicional é necessária, retiro minha queixa", escreveu O'Connor em e-mail à chefe de recursos humanos, seis dias depois de enviar o memorando. Ela também escreveu uma carta a Weinstein agradecendo pela oportunidade de aprender sobre a indústria do entretenimento.

ANEXO 2 — TRADUÇÃO DA REPORTAGEM DO *THE NEW YORKER*

Reportagem 2
(Tradução própria)

From Aggressive Overtures to Sexual Assault: Harvey Weinstein's Accusers Tell Their Stories
De investidas agressivas a agressão sexual: as acusadoras de Harvey Weinstein contam suas histórias
No decorrer de uma investigação de dez meses, treze mulheres entrevistadas disseram que, entre a década de 1990 e 2015, Weinstein as assediou ou agrediu sexualmente.
Por Ronan Farrow
10 de outubro de 2017

Esta reportagem foi publicada pela primeira vez em newyorker.com em 10 de outubro de 2017, às 10h47. A versão abaixo apareceu na edição de 23 de outubro de 2017.

Desde a criação dos primeiros estúdios, há um século, houve poucos executivos de cinema tão dominantes — ou tão dominadores — quanto Harvey Weinstein. Ele cofundou as produtoras e distribuidoras Miramax e Weinstein Company, ajudando a reinventar o modelo de filmes independentes com produções como *Sex, Lies, and Videotape*, *The Crying Game*, *Pulp Fiction*, *The English Patient*, *Shakespeare in Love* e *The King's Speech*. Além de Hollywood, exerceu sua influência como um prolífico arrecadador de fundos para candidatos do Partido Democrata, incluindo Barack Obama e Hillary Clinton. Weinstein combinou um olhar atento para roteiros, diretores e atores promissores com um estilo de fazer negócios agressivo, até ameaçador, inspirando tanto medo quanto gratidão. Seus filmes receberam mais de trezentas indicações ao Oscar e, nas cerimônias anuais, ele foi agradecido mais do que quase qualquer outra pessoa na história do cinema, ficando logo atrás de Steven Spielberg e logo à frente de Deus.

Por mais de vinte anos, Weinstein, hoje com sessenta e cinco anos, também foi seguido por rumores de assédio e agressão sexual. Seu comportamento era um segredo aberto para muitos em Hollywood e além, mas tentativas anteriores de diversas publicações, incluindo *The New Yorker*, de investigar e publicar a história ao longo dos anos fracassaram diante das exigências da evidência jornalística. Poucas pessoas estavam dispostas a falar, muito menos permitir que um repórter usasse seus nomes, e Weinstein e seus associados recorreram a acordos de confidencialidade, pagamentos e ameaças legais para suprimir seus relatos. Asia Argento,

atriz e diretora italiana, disse que não tinha falado até agora — Weinstein, contou ela, forçou-a a receber sexo oral —, disse porque temia que ele fosse "destruí-la". "Eu sei que ele já destruiu muita gente antes"Argento. "É por isso que essa história — no meu caso, tem vinte anos, algumas são ainda mais antigas — nunca veio à tona."

Em 5 de outubro, o *New York Times*, em uma forte reportagem de Jodi Kantor e Megan Twohey, revelou múltiplas acusações de assédio sexual contra Weinstein, artigo que levou à renúncia de quatro membros do conselho totalmente masculino da Weinstein Company e à demissão de Weinstein.

A história, porém, é complexa, e há mais a saber e entender. No decorrer de uma investigação de dez meses, treze mulheres me disseram que, entre a década de 1990 e 2015, Weinstein as assediou ou agrediu sexualmente. As alegações delas corroboram e se sobrepõem às revelações do *Times* e também incluem acusações muito mais graves.

Três dessas mulheres — entre elas Argento e uma ex-aspirante a atriz chamada Lucia Evans — disseram que Weinstein as estuprou, forçando a prática ou o recebimento de sexo oral ou forçando sexo vaginal. Quatro mulheres disseram ter passado por toques indesejados que poderiam ser classificados como agressão. Em uma gravação de áudio captada durante uma operação secreta do Departamento de Polícia de Nova York em 2015, Weinstein admite ter apalpado uma modelo ítalo-filipina chamada Ambra Battilana Gutierrez, descrevendo isso como um comportamento ao qual está "acostumado". Quatro das mulheres que entrevistei citaram encontros em que Weinstein se expôs ou se masturbou na frente delas.

Dezesseis executivos e assistentes, atuais e antigos, das empresas de Weinstein me disseram que testemunharam ou tinham conhecimento de avanços sexuais indesejados e toques em eventos associados aos filmes de Weinstein e no ambiente de trabalho. Eles, e outros, descreveram um padrão de encontros profissionais que pouco mais eram do que pretextos frágeis para investidas sexuais sobre jovens atrizes e modelos. Todos os dezesseis disseram que o comportamento era amplamente conhecido tanto na Miramax quanto na Weinstein Company. Mensagens enviadas por Irwin Reiter, um executivo sênior da empresa, para Emily Nestor, uma das mulheres que alegou ter sido assediada, descreviam o "mau trato às mulheres" como um problema recorrente com o qual a Weinstein Company vinha lutando nos últimos anos. Outros funcionários descreveram o que era, na essência, uma cultura de cumplicidade nos locais de trabalho de Weinstein, com inúmeras pessoas em suas empresas plenamente cientes de seu comportamento, mas ou o acobertando ou fingindo não ver. Alguns funcionários disseram ter sido recrutados em uma estratégia de engodo para fazer com que as vítimas se sentissem seguras. Uma executiva da empresa descreveu como assistentes e outros funcionários de

Weinstein atuavam como uma espécie de "isca": eles inicialmente participavam de uma reunião com uma mulher em quem Weinstein estava interessado, mas, em seguida, ele os dispensava, ficando sozinho com a mulher. (Em 10 de outubro, o conselho da Weinstein Company emitiu uma declaração afirmando que "essas alegações são uma completa surpresa para o Conselho. Qualquer sugestão de que o Conselho tinha conhecimento dessa conduta é falsa.")

Praticamente todas as pessoas com quem falei disseram ter medo de retaliação. "Se Harvey descobrir minha identidade, tenho receio de que ele possa arruinar minha vida", disse um ex-funcionário. Muitos disseram ter visto associados de Weinstein confrontar e intimidar aqueles que o contrariavam e temiam ser igualmente alvo. Quatro atrizes, incluindo Mira Sorvino e Rosanna Arquette, me disseram suspeitar que, depois de rejeitarem as investidas de Weinstein ou reclamarem delas a representantes da empresa, ele as removeu de projetos ou desencorajou outras pessoas de contratá-las. Múltiplas fontes disseram que Weinstein frequentemente se gabava de plantar notas em veículos de mídia sobre aqueles que falavam contra ele; essas fontes temiam retribuições semelhantes. Vários apontaram para o caso de Gutierrez: depois que ela foi à polícia, começaram a surgir rapidamente nas páginas de fofoca de Nova York notas negativas sobre seu histórico sexual e questionando sua credibilidade. (Na conversa gravada, parte da qual *The New Yorker* publicou on-line, Weinstein pede que Gutierrez se junte a ele por "cinco minutos" e a alerta: "Não estrague sua amizade comigo por causa de cinco minutos.")

Vários ex-funcionários me disseram que estavam falando agora sobre o alegado comportamento de Weinstein porque esperavam proteger mulheres no futuro. "Isso não foi um episódio isolado. Não foi um período de tempo", disse um executivo que trabalhou com Weinstein por muitos anos. "Foi um comportamento predatório contínuo em relação a mulheres — quer elas consentissem ou não."

É provável que as mulheres que falaram comigo tenham se sentido recentemente mais encorajadas a contar suas experiências por causa da maneira como o mundo mudou em relação a questões de sexo e poder. Suas revelações seguem o rastro de histórias que alegam má conduta sexual de figuras públicas, incluindo Donald Trump, Bill O'Reilly, Roger Ailes e Bill Cosby. Em outubro de 2016, um mês antes da eleição, veio à tona uma gravação de Trump falando a um repórter de um programa de celebridades: "E quando você é uma estrela, elas deixam você fazer isso. Você pode fazer qualquer coisa… Agarrá-las pela buceta. Você pode fazer qualquer coisa." Em abril passado, O'Reilly, apresentador da Fox News, foi forçado a renunciar depois que se descobriu que a emissora havia pago milhões de dólares a cinco mulheres em troca de silêncio sobre acusações de assédio sexual. Ailes, ex-chefe da Fox News, deixou o cargo em

julho de 2016, após ser acusado de assédio sexual. Cosby foi a julgamento neste verão, acusado de dopar e agredir sexualmente uma mulher. O julgamento terminou em impasse do júri.

Na reportagem do *Times*, Weinstein fez um esforço inicial de controle de danos ao reconhecer parcialmente o que tinha feito, dizendo: "Reconheço que a forma como me comportei com colegas no passado causou muita dor, e peço sinceras desculpas por isso." Em entrevista ao *New York Post*, ele afirmou: "Eu tenho que lidar com a minha personalidade, tenho que trabalhar no meu temperamento, tenho que me aprofundar. Sei que muita gente gostaria que eu fosse para uma clínica, e talvez eu realmente faça isso — irei a qualquer lugar onde possa aprender mais sobre mim mesmo." Ele continuou: "No passado, eu costumava elogiar as pessoas, e algumas tomavam isso como algo sexual da minha parte, não farei isso novamente." Em sua declaração escrita ao *Times*, Weinstein afirmou que direcionaria "essa raiva" para uma briga contra a liderança da National Rifle Association (N.R.A.). Ele também disse que não era "coincidência" que estivesse organizando uma fundação para diretoras mulheres na Universidade do Sul da Califórnia. "Levará o nome da minha mãe, e eu não vou decepcioná-la." (A universidade posteriormente recusou a doação prometida.)

Sallie Hofmeister, porta-voz de Weinstein, emitiu uma nova declaração em resposta às alegações detalhadas aqui. Ela diz, na íntegra: "Quaisquer acusações de sexo não consensual são inequivocamente negadas pelo Sr. Weinstein. O Sr. Weinstein confirmou ainda que nunca houve qualquer ato de retaliação contra qualquer mulher por recusar suas investidas. O Sr. Weinstein obviamente não pode falar sobre acusações anônimas, mas, em relação a qualquer mulher que tenha feito alegações em registro, o Sr. Weinstein acredita que todos esses relacionamentos foram consensuais. O Sr. Weinstein iniciou tratamento terapêutico, ouviu a comunidade e está buscando um caminho melhor. O Sr. Weinstein espera que, se fizer progresso suficiente, lhe seja dada uma segunda chance."

Enquanto Weinstein e seus representantes disseram que os episódios foram consensuais, e não amplos ou graves, as mulheres com quem falei contam uma história muito diferente.

2.

Lucia Stoller, hoje Lucia Evans, foi abordada por Weinstein no Cipriani Upstairs, um clube em Nova York, em 2004, no verão antes do último ano dela no Middlebury College. Evans, hoje consultora de marketing, queria ser atriz e, embora tivesse ouvido rumores sobre Weinstein, permitiu que ele ficasse com seu número. Weinstein começou a ligar para ela tarde da noite, ou pedia a um assistente que ligasse, convidando para encontros. Ela recusava, mas disse que faria leituras durante o dia para uma executiva de elenco. Não demorou muito para um assistente ligar e marcar uma reunião durante o dia no escritório da Miramax, em Tribeca,

primeiro com Weinstein e depois com uma executiva de elenco, que era mulher. “Pensei: ‘Ah, uma mulher, ótimo, me sinto segura’”, disse Evans.

Quando Evans chegou para a reunião, o prédio estava cheio de gente. Ela foi conduzida a um escritório com equipamentos de ginástica e caixas de comida no chão. Weinstein estava lá, sozinho. Evans disse que o achou assustador. “O tipo de controle que ele exercia — era muito real”, contou. “Só a presença dele já era intimidante.”

Na reunião, Evans recorda: “Ele imediatamente me lisonjeava e, ao mesmo tempo, me diminuía e me fazia sentir mal comigo mesma.” Weinstein disse que ela seria “ótima em *Project Runway*” — o programa, que Weinstein ajudou a produzir, estrearia mais tarde naquele ano — , mas apenas se ela emagrecesse. Ele também falou sobre dois roteiros, um filme de terror e uma história de amor adolescente, e disse que um de seus associados conversaria com ela sobre eles.

“Naquele momento, depois disso, foi quando ele me agrediu”, disse Evans. “Ele me forçou a fazer sexo oral nele.” Enquanto ela se opunha, Weinstein tirou o pênis da calça e puxou a cabeça dela para baixo, em direção a ele. “Eu dizia, repetidamente: ‘Eu não quero fazer isso, pare, não’”, recorda. “Tentei me afastar, mas talvez não tenha tentado com força suficiente. Eu não queria chutá-lo ou lutar.” No fim, disse ela, “ele é um cara grande. Ele me dominou.” Ela acrescentou: “Eu meio que desisti. Essa é a parte mais horrível, e é por isso que ele conseguiu fazer isso por tanto tempo com tantas mulheres: as pessoas desistem, e depois sentem que foi culpa delas.”

Weinstein pareceu considerar o encontro trivial. “Era como se fosse apenas mais um dia para ele”, disse Evans. “Não havia emoção.” Depois, ele agiu como se nada tivesse acontecido. Ela se perguntava como a equipe de Weinstein poderia não saber o que estava acontecendo.

Após o episódio, ela se reuniu com a executiva de elenco, que lhe enviou os roteiros e também foi a uma das leituras de sua turma de atuação algumas semanas depois. (Evans não acredita que a executiva soubesse do comportamento de Weinstein.) Weinstein, disse ela, voltou a ligar tarde da noite. Ela contou que toda a sequência de acontecimentos tinha um aspecto rotineiro. “Parece um processo bem azeitado”, afirmou. “Executiva de elenco mulher, Harvey quer se encontrar. Tudo foi desenhado para me deixar confortável antes que acontecesse. E então a vergonha do que aconteceu também foi desenhada para me manter quieta.”

Evans disse que, depois do incidente, “eu simplesmente coloquei isso em uma parte do meu cérebro e fechei a porta”. Ela continuou se culpando por não ter lutado com mais força. “Sempre foi culpa minha por não tê-lo impedido”, disse. “Tive um problema com alimentação por anos. Eu sentia nojo de mim mesma. É curioso, todas essas coisas aparentemente sem

relação que eu fazia para me machucar por causa dessa única coisa." Evans contou a alguns amigos parte do que havia ocorrido, mas sentia-se em grande parte incapaz de falar sobre isso. "Eu estraguei vários relacionamentos muito bons por causa disso. Meu desempenho na faculdade certamente sofreu, e minhas colegas de quarto me disseram para ir a um terapeuta porque achavam que eu ia me matar."

Nos anos que se seguiram, Evans encontrou Weinstein ocasionalmente. Uma vez, enquanto passeava com seu cachorro em Greenwich Village, viu-o entrando em um carro. "Eu o vi com muita clareza. Fiz contato visual", disse. "Lembro de sentir calafrios na espinha só de olhar para ele. Fiquei horrorizada. Ainda tenho pesadelos com ele até hoje."

3.

Asia Argento, nascida em Roma, interpretou o papel de uma ladra glamourosa chamada Beatrice no drama policial *B. Monkey*, lançado nos Estados Unidos em 1999. A distribuidora era a Miramax. Em uma série de entrevistas longas e muitas vezes emocionadas, Argento me contou que Weinstein a agrediu enquanto trabalhavam juntos.

Na época, Argento tinha vinte e um anos e já havia vencido duas vezes o equivalente italiano ao Oscar. Ela disse que, em 1997, um dos produtores de Weinstein a convidou para o que ela entendeu ser uma festa promovida pela Miramax no Hôtel du Cap-Eden-Roc, na Riviera Francesa. Argento sentiu-se profissionalmente obrigada a comparecer. Quando o produtor a conduziu para o andar de cima naquela noite, ela disse, não havia festa alguma, apenas um quarto de hotel, vazio, exceto por Weinstein: "Eu pensei: 'Onde está a maldita festa?'" Ela recorda o produtor dizendo: "Ah, chegamos cedo demais", antes de deixá-la sozinha com Weinstein. (O produtor nega ter levado Argento ao quarto naquela noite.) A princípio, Weinstein foi solícito, elogiando o trabalho dela. Depois saiu do quarto. Quando voltou, vestia um roupão e segurava um frasco de loção. "Ele me pede uma massagem. Eu disse: 'Olha, cara, eu não sou idiota'", contou Argento. "Mas, olhando para trás, eu sou uma idiota. E ainda estou tentando assimilar o que aconteceu."

Argento disse que, depois de concordar relutantemente em fazer massagem em Weinstein, ele puxou sua saia para cima, forçou suas pernas a se abrirem e fez sexo oral nela enquanto ela dizia repetidamente que parasse. Weinstein "me aterrorizou, e ele era muito grande", disse. "Não parava. Foi um pesadelo."

Em determinado momento, ela parou de dizer não e fingiu estar gostando, porque achou que era a única forma de a agressão terminar. "Eu não estava disposta", contou. "Eu dizia: 'Não, não, não'… É algo distorcido. Um homem gordo e grande querendo te devorar. É um conto de

fadas assustador." Argento, que insistiu em querer contar a história em toda a sua complexidade, disse que não o afastou fisicamente, algo que lhe causou anos de culpa.

"A questão de ser vítima é que eu me senti responsável", disse. "Porque, se eu fosse uma mulher forte, teria chutado as bolas dele e fugido. Mas não fiz isso. Então me senti responsável." Ela descreveu o episódio como um "trauma horrível". Décadas depois, contou, o sexo oral ainda está arruinado para ela. "Fui danificada", disse. "Só de falar disso com você, meu corpo inteiro treme."

Argento lembrou-se de ter ficado sentada na cama depois do incidente, com as roupas "em frangalhos" e a maquiagem borrada. Disse que falou para Weinstein: "Eu não sou uma prostituta", e ele começou a rir. Disse que colocaria a frase em uma camiseta. Depois disso, segundo Argento, "ele continuou entrando em contato comigo". Por alguns meses, Weinstein pareceu obcecado, oferecendo-lhe presentes caros.

O que complica a história, Argento admite prontamente, é que ela acabou cedendo às investidas de Weinstein e até se aproximou dele. Weinstein saiu para jantar com ela e a apresentou à mãe dele. Argento me contou: "Ele fazia parecer que era meu amigo e que realmente me apreciava." Ela disse que manteve relações sexuais consensuais com ele várias vezes ao longo dos cinco anos seguintes, embora descrevesse os encontros como unilaterais e "onanistas". A primeira ocasião, vários meses após a alegada agressão, ocorreu antes do lançamento de *B. Monkey*. "Eu senti que tinha que fazer", disse. "Porque eu tinha um filme para lançar e não queria deixá-lo irritado." Ela acreditava que Weinstein arruinaria sua carreira se não cedesse. Anos depois, quando era mãe solo lidando com cuidados infantis, Weinstein se ofereceu para pagar uma babá. Ela disse que se sentiu "obrigada" a ceder às investidas sexuais dele.

Argento sabia que esse contato seria usado para atacar a credibilidade de sua acusação. Em parte, disse ela, a agressão inicial a fazia sentir-se dominada cada vez que encontrava Weinstein, mesmo anos depois. "Só o corpo dele, a presença dele, o rosto dele, me fazem voltar à garotinha que eu era aos vinte e um anos", contou. "Quando o vejo, me sinto pequena, estúpida e fraca." Ela desabou enquanto tentava explicar. "Depois do estupro, ele venceu", disse.

Em 2000, Argento lançou *Scarlet Diva*, filme que escreveu e dirigiu. No longa, um produtor corpulento encurrala Anna, a personagem interpretada por Argento, em um quarto de hotel, pede uma massagem e tenta agredi-la. Após o lançamento do filme, mulheres começaram a procurar Argento, dizendo que reconheciam o comportamento de Weinstein naquela representação. "As pessoas me perguntavam sobre ele por causa da cena do filme", disse.

Algumas relataram detalhes semelhantes: reuniões e eventos profissionais transferidos para quartos de hotel, roupões e pedidos de massagem e, em outro caso, sexo oral forçado.

Weinstein, segundo Argento, viu o filme depois que ele foi lançado nos Estados Unidos e aparentemente se reconheceu. “Ha, ha, muito engraçado”, ela se lembra de ter ouvido dele. Mas ele também disse que estava “desculpado pelo que quer que tenha acontecido”. A principal diferença do filme em relação ao incidente real, contou Argento, foi o desfecho da cena no quarto de hotel. “No filme que escrevi”, disse ela, “eu fugi.”

Outras mulheres estavam com medo demais para permitir que eu usasse seus nomes, mas suas histórias são assustadoramente semelhantes a essas acusações. Uma delas, que trabalhou com Weinstein, explicou sua relutância em ser identificada. “Ele arrasta seu nome pela lama e vai atrás de você com força, com a equipe jurídica.”

Como outras pessoas com quem falei, essa mulher contou que Weinstein a levou a um quarto de hotel sob um pretexto profissional, trocou para um roupão de banho e, segundo ela, “forçou-se sexualmente sobre mim”. Ela lhe disse não, de forma repetida e clara. Depois, sentiu “horror, incredulidade e vergonha” e pensou em procurar a polícia. “Achei que seria um caso de ‘a palavra dele contra a minha’, e pensei em quão impressionante é a equipe jurídica dele, e em quanto eu poderia perder, e decidi simplesmente seguir em frente”, disse. Ela continuou tendo contato profissional com Weinstein após o alegado estupro e reconheceu que as comunicações posteriores entre eles podem sugerir um relacionamento de trabalho normal. “Eu estava em uma posição vulnerável e precisava do meu emprego”, contou. “Isso só aumenta a vergonha e a culpa.”

4.

Mira Sorvino, que estrelou vários filmes de Weinstein, me contou que ele a assediou sexualmente e tentou pressioná-la a ter um relacionamento físico enquanto trabalhavam juntos. Ela disse que, no Festival Internacional de Cinema de Toronto, em setembro de 1995, encontrou-se em um quarto de hotel com Weinstein, que produziu o filme que ela estava promovendo ali, *Mighty Aphrodite*, pelo qual depois ganharia um Oscar. “Ele começou a massagear meus ombros, o que me deixou muito desconfortável, e então tentou ser mais físico, meio que me perseguindo pelo quarto”, recorda. Ela buscou maneiras de afastá-lo, dizendo que era contra sua religião sair com homens casados. (Na época, Weinstein era casado com Eve Chilton, uma ex-assistente.) Em seguida, saiu do quarto.

Algumas semanas depois, em Nova York, o telefone dela tocou depois da meia-noite. Era Weinstein, dizendo que tinha novas ideias de marketing para o filme e pedindo para se encontrarem. Sorvino se ofereceu para encontrá-lo em uma lanchonete 24 horas, mas ele disse

que estava indo até o apartamento dela e desligou. “Entrei em pânico”, contou. Chamou um amigo e pediu que ele fosse até lá fingir ser seu namorado. O amigo não tinha chegado quando Weinstein tocou a campainha. “Harvey havia conseguido passar pelo meu porteiro”, disse. “Abri a porta apavorada, brandindo meu cachorro de nove quilos na frente, como se isso fosse adiantar alguma coisa.” Quando ela disse a Weinstein que o novo namorado estava a caminho, ele ficou abatido e foi embora.

Sorvino disse que lutou por anos com a decisão de tornar sua história pública, em parte porque sabia que seu caso era mais brando em comparação às experiências de outras mulheres, entre elas Sophie Dix, uma atriz com quem ela conversou na época. (Dix me contou que se trancou no banheiro de um hotel para escapar de Weinstein, e que ele se masturbou na frente dela. Disse que foi “um caso clássico” de “alguém que não entende a palavra ‘não’… Acho que devo ter dito não mil vezes.”) O fato de Weinstein ter sido tão importante para o sucesso de Sorvino também a fez hesitar: “Tenho grande respeito por Harvey como artista e devo a ele e ao irmão uma dívida de gratidão pelo sucesso inicial da minha carreira, incluindo o Oscar.” Ela manteve contato profissional com Weinstein por anos após o incidente, e continua amiga próxima do irmão e parceiro de negócios dele, Bob Weinstein. (Ela nunca contou a Bob sobre o comportamento do irmão.)

Sorvino contou que sentiu medo e intimidação, e que os episódios tiveram um impacto significativo em sua vida. Quando falou com uma funcionária da Miramax sobre o assédio, a reação da mulher “foi de choque e horror por eu ter mencionado isso”. Sorvino apareceu em alguns outros filmes de Weinstein depois disso, mas sentiu que dizer não a ele e denunciar o assédio acabou prejudicando sua carreira. Ela disse: “Pode ter havido outros fatores, mas definitivamente senti que fui deixada de lado e que minha rejeição a Harvey teve algo a ver com isso.”

5.

Em março de 2015, Ambra Battilana Gutierrez, que já havia sido finalista do concurso Miss Itália, conheceu Harvey Weinstein em uma recepção do espetáculo *New York Spring Spectacular*, que ele produzia no Radio City Music Hall. Weinstein se apresentou a Gutierrez, então com vinte e dois anos, comentando repetidas vezes que ela se parecia com a atriz Mila Kunis.

Após o evento, a agência de modelos de Gutierrez enviou-lhe um e-mail dizendo que Weinstein queria marcar uma reunião de negócios o quanto antes. Gutierrez chegou ao escritório de Weinstein em Tribeca no início da noite seguinte, levando seu portfólio. No escritório, sentou-se com Weinstein em um sofá para analisar o material, e ele começou a

encarar os seios dela, perguntando se eram reais. Gutierrez contou mais tarde aos agentes da Divisão de Vítimas Especiais do Departamento de Polícia de Nova York (NYPD) que Weinstein então se lançou sobre ela, apalpando seus seios e tentando enfiar a mão por baixo de sua saia enquanto ela protestava. Finalmente, ele recuou e disse que sua assistente lhe daria ingressos para *Finding Neverland*, musical da Broadway que ele produzia. Weinstein disse que a encontraria na apresentação naquela noite.

Em vez de ir ao espetáculo, Gutierrez foi ao posto policial mais próximo e denunciou a agressão. Weinstein ligou para ela mais tarde naquela noite, irritado porque ela não aparecera no show. Ela atendeu à ligação sentada ao lado de investigadores da Divisão de Vítimas Especiais, que ouviram tudo e elaboraram um plano: Gutierrez aceitaria ver o espetáculo no dia seguinte e, em seguida, encontraria Weinstein. Ela usaria um dispositivo de gravação escondido e tentaria obter uma confissão ou declaração incriminadora.

No dia seguinte, Gutierrez encontrou Weinstein no bar do Tribeca Grand Hotel. Uma equipe de policiais à paisana a ajudava a conduzir a interação. Na gravação, que ouvi na íntegra, Weinstein cita atrizes cujas carreiras ajudou e oferece a Gutierrez os serviços de um preparador de sotaque. Depois, insiste para que ela suba ao quarto dele enquanto ele toma banho. Gutierrez recusa repetidamente; Weinstein insiste e, depois de um tempo, ela cede à exigência de subir. Mas, parada no corredor diante do quarto, ela se recusa a ir além. Em uma troca cada vez mais tensa, ele insiste para que ela entre. Gutierrez diz: "Eu não quero", "Quero ir embora" e "Quero descer". Ela pergunta diretamente por que ele apalpou seus seios no dia anterior.

"Ah, por favor, sinto muito, só entra", diz Weinstein. "Estou acostumado com isso. Vai, por favor."

"Você está acostumado com isso?", Gutierrez pergunta, incrédula.

"Sim", responde Weinstein. Ele acrescenta: "Eu não vou fazer isso de novo."

Depois de quase dois minutos de vai-e-vem no corredor, Weinstein finalmente concorda em deixá-la ir.

Segundo uma fonte da aplicação da lei, se fosse denunciado, Weinstein provavelmente enfrentaria uma acusação de abuso sexual em terceiro grau, contravenção punível com até três meses de prisão. Mas, enquanto a investigação policial prosseguia e a acusação era amplamente divulgada, detalhes do passado de Gutierrez começaram a aparecer em tabloides. Em 2010, como jovem candidata ao Miss Itália, Gutierrez compareceu a uma das infames festas "Bunga Bunga" do primeiro-ministro Silvio Berlusconi. Ela alegou que desconhecia a natureza da festa antes de chegar e acabou se tornando testemunha em um processo de suborno contra Berlusconi, ainda em andamento. Veículos de fofoca também noticiaram que, adolescente, Gutierrez havia

feito uma acusação de agressão sexual contra um empresário italiano mais velho, mas depois deixou de cooperar com promotores.

Duas fontes próximas à investigação policial sobre Weinstein disseram não ter razão para duvidar do relato de Gutierrez. Uma delas, uma fonte policial, afirmou que o departamento havia reunido evidências mais do que suficientes para processar Weinstein. Mas a outra disse que as declarações de Gutierrez sobre seu passado complicaram o caso para o escritório do promotor de Manhattan, Cyrus Vance Jr. Depois de duas semanas de investigação, o gabinete do promotor decidiu não apresentar denúncia. A promotoria recusou-se a comentar esta reportagem, mas apontou para sua declaração à época: "Este caso foi levado a sério desde o início, com uma investigação minuciosa conduzida por nossa Unidade de Crimes Sexuais. Após analisar as evidências disponíveis, incluindo múltiplas entrevistas com ambas as partes, uma acusação criminal não é sustentada."

"Tínhamos as provas", disse a fonte policial envolvida na operação. "É um caso que me deixou mais irritado do que eu imaginava possível, e estou na força há muito tempo."

Ao ser contatada para esta reportagem, Gutierrez disse que não podia discutir o incidente. Alguém próximo ao assunto me contou que, depois que o gabinete do promotor decidiu não oferecer denúncia, Gutierrez, diante da equipe jurídica de Weinstein e em troca de um pagamento, assinou um acordo de confidencialidade extremamente restritivo com Weinstein, incluindo uma declaração juramentada afirmando que os atos que ele admite na gravação nunca aconteceram.

O uso de tais acordos por Weinstein foi noticiado pelo *Times* e confirmado por inúmeras pessoas. Um ex-funcionário com conhecimento direto de duas negociações de acordo que ocorreram em Londres na década de 1990 lembrou: "Parecia Davi contra Golias… o sujeito com todo o dinheiro e o poder exibindo sua força, abafando as acusações e se livrando delas."

6.

A reportagem do *Times* revelou uma queixa ao departamento de recursos humanos da Weinstein Company, apresentada em nome de uma assistente temporária da recepção chamada Emily Nestor, em dezembro de 2014. O próprio relato de Nestor sobre a conduta de Weinstein é tornado público aqui pela primeira vez. Nestor tinha 25 anos quando começou o trabalho e, depois de terminar a faculdade de Direito e iniciar a escola de negócios, considerava uma carreira na indústria cinematográfica. Em seu primeiro dia na função, contou Nestor, duas funcionárias disseram que ela era "o tipo" de mulher de que Weinstein gostava fisicamente. Quando Weinstein chegou ao escritório, fez comentários sobre sua aparência, chamando-a de

“a menina bonita”. Perguntou quantos anos ela tinha e, em seguida, mandou que todos os seus assistentes saíssem da sala e pediu que Nestor anotasse seu número de telefone.

Weinstein a convidou para tomar uma bebida naquela noite. Nestor inventou uma desculpa. Quando ele insistiu, ela sugeriu um café bem cedo na manhã seguinte, imaginando que ele não aceitaria. Mas aceitou e disse para encontrá-lo no hotel Peninsula, em Beverly Hills, onde estava hospedado. Nestor contou que havia conversado com amigos na indústria do entretenimento e funcionários da própria empresa que a alertaram sobre a reputação de Weinstein. “Eu me vesti de propósito de forma bem desleixada”, disse.

Nestor contou que o encontro foi “a hora mais excruciante e desconfortável da minha vida”. Depois de Weinstein oferecer ajuda em sua carreira, disse ela, ele começou a se gabar de seus relacionamentos sexuais com outras mulheres, incluindo atrizes famosas. “Ele disse: ‘Sabe, nós poderíamos nos divertir muito’”, recorda Nestor. “‘Eu poderia te colocar no meu escritório de Londres, e você poderia trabalhar lá e ser minha namorada.’” Ela recusou. Ele pediu para segurar sua mão; ela disse não. Na versão de Nestor sobre a conversa, Weinstein disse: “Ah, as meninas sempre dizem não. Você sabe, ‘Não, não’. E então tomam uma ou duas cervejas e estão se jogando em cima de mim.” Em um tom que Nestor descreveu como “estranhamente orgulhoso”, Weinstein acrescentou “que nunca precisou fazer nada como Bill Cosby”. Ela presumiu que ele quisesse dizer que nunca dopara uma mulher. “É simplesmente bizarro alguém se orgulhar disso”, disse. “Que nunca precisou recorrer a isso. Estava tão distante da realidade e das regras normais de consentimento.”

“Assédio sexual clássico” foi como Nestor descreveu o comportamento de Weinstein. “É um caso bem claro de assédio sexual quando seu superior, o CEO, pede a um subordinado, uma funcionária temporária, para fazer sexo com ele, essencialmente em troca de mentoria.” Ela recordou ter recusado suas investidas pelo menos uma dúzia de vezes. “‘Não’ não significava ‘não’ para ele”, disse. “Eu tinha clara noção de quão inadequado aquilo era. Mas me sentia presa.”

Durante o café da manhã, contou Nestor, Weinstein interrompia a conversa para gritar ao telefone, enfurecido com um desentendimento que Amy Adams, estrela do filme *Grandes Olhos*, produzido por ele, enfrentava na imprensa. Depois, Weinstein disse a Nestor que acompanhasse o andamento da cobertura, que, prometeu, seria girada a seu favor. No decorrer daquele dia, de fato, surgiram notas negativas sobre os adversários de Weinstein, e ele passou na mesa de Nestor para se certificar de que ela as havia visto.

A essa altura, lembrou Nestor, “eu estava com muito medo dele. Sabia quão bem relacionado ele era. E sabia que, se eu o irritasse, jamais teria carreira nessa indústria.” Ainda

assim, contou o episódio a um amigo, que alertou o departamento de recursos humanos da empresa, que entrou em contato com Nestor. (O amigo não respondeu a um pedido de comentário.) Ela teve uma conversa com dirigentes da empresa sobre o caso, mas não avançou mais: os responsáveis disseram que Weinstein seria informado de tudo o que ela contasse, prática não incomum em empresas do porte da Weinstein Company. Vários ex-funcionários me disseram que o departamento de recursos humanos era totalmente ineficaz; uma executiva descreveu-o como "um lugar para onde você ia quando não queria que nada fosse feito. Isso era de conhecimento geral. Porque tudo terminava em Harvey." Ela descreveu a resposta típica do departamento a alegações de má conduta como: "Essa é a empresa dele. Se você não gosta, pode ir embora."

Nestor disse que algumas pessoas na empresa pareciam, sim, preocupadas. Irwin Reiter, executivo sênior que trabalhava para Weinstein havia quase três décadas, enviou-lhe uma série de mensagens via LinkedIn. "Levamos isso muito a sério e, pessoalmente, sinto muito que seu primeiro dia tenha sido assim", escreveu Reiter. "Também, se houver novas investidas indesejadas, por favor nos avise." No ano passado, pouco antes da eleição presidencial, ele escreveu novamente, dizendo: "Toda essa coisa sobre o Trump me fez pensar em você." Reiter descreveu a experiência de Nestor como parte da má conduta serial de Weinstein. "Discuto com ele sobre o mau trato às mulheres três semanas antes do incidente com você. Cheguei a escrever um e-mail que me rendeu o rótulo de 'polícia do sexo' por parte dele", escreveu. "A briga que tive com ele sobre você foi épica. Eu disse a ele que, se você fosse minha filha, ele não teria saído tão bem." (Reiter preferiu não comentar para esta reportagem, mas sua advogada, Debra Katz, confirmou a autenticidade das mensagens e afirmou que Reiter "fez esforços diligentes para levantar essas questões, sem sucesso". Katz também observou que Reiter "está ansioso para cooperar plenamente com qualquer investigação externa".)

Embora não tenha ocorrido agressão física, e Nestor tenha deixado a empresa após concluir o período temporário, ela foi profundamente afetada pela experiência. "Fiquei claramente traumatizada por um tempo, no sentido de me sentir tão assediada e amedrontada", disse. "Isso me deixou incrivelmente desanimada com a possibilidade de que algo assim ocorresse com regularidade. Na verdade, decidi não seguir carreira no entretenimento por causa desse incidente."

7.

Emma de Caunes, atriz francesa, conheceu Weinstein em 2010, em uma festa no Festival de Cannes. Alguns meses depois, ele a convidou para um almoço de negócios no Hôtel Ritz, em Paris. Durante o encontro, Weinstein contou a de Caunes que produziria um filme com um

diretor renomado, que planejava filmar na França e que contava com um papel feminino forte. Era uma adaptação de um livro, disse ele, mas afirmou não se lembrar do título. “Mas eu vou te dar”, disse Weinstein, segundo de Caunes. “Eu o tenho no meu quarto.”

De Caunes respondeu que precisava ir embora, pois já estava atrasada para um programa de TV que apresentava — Eminem participaria do programa naquela tarde e ela ainda não tinha escrito as perguntas. Weinstein insistiu para que ela subisse com ele buscar o livro, e, por fim, ela concordou. Ao chegarem ao quarto, ela recebeu um telefonema de um colega, e Weinstein desapareceu no banheiro, deixando a porta aberta. Ela supôs que ele estivesse lavando as mãos.

“Quando desliguei o telefone, ouvi o chuveiro ligar no banheiro”, disse. “Pensei: ‘Mas que diabos, ele está tomando banho?’” Weinstein apareceu nu, com ereção. “O que você está fazendo?”, perguntou ela. Weinstein exigiu que ela se deitasse na cama e disse que muitas outras mulheres já tinham feito isso antes.

“Eu estava apavorada”, contou de Caunes. “Mas não queria demonstrar, porque sentia que, quanto mais eu me apavorasse, mais ele se excitava.” Ela acrescentou: “Era como um caçador com um animal selvagem. O medo o excitava.” De Caunes disse a Weinstein que iria embora, e ele entrou em pânico. “Nós não fizemos nada!”, ela lembra de tê-lo ouvido dizer. “É como estar em um filme da Disney!”

De Caunes contou: “Olhei para ele e disse — reuni toda a minha coragem e disse — ‘Sempre odiei filmes da Disney’.” Em seguida, saiu. “Bati a porta.” Ela tremia nas escadas indo em direção ao saguão. Um diretor com quem trabalhava no programa de TV confirmou que ela chegou ao estúdio transtornada e que relatou o ocorrido. Weinstein ligou sem parar pelas horas seguintes, oferecendo presentes a de Caunes e repetindo que nada havia acontecido.

De Caunes, então na casa dos trinta, já era uma atriz estabelecida, mas se perguntava o que acontecia com mulheres mais jovens e vulneráveis na mesma situação. Ao longo dos anos, disse ela, ouviu relatos semelhantes de amigas. “Eu sei que todo mundo — quero dizer, todo mundo — em Hollywood sabe que isso acontece”, afirmou de Caunes. “Ele nem tenta esconder muito. Pelo jeito como faz, muitas pessoas estão envolvidas e veem o que acontece. Mas todos têm medo demais de dizer qualquer coisa.”

8.

Certa noite, no início dos anos 1990, a atriz Rosanna Arquette deveria se encontrar com Weinstein para jantar no Beverly Hills Hotel a fim de pegar o roteiro de um novo filme. No hotel, disseram a Arquette para subir até o quarto dele.

Arquette recorda que, ao chegar ao quarto, Weinstein abriu a porta usando um roupão branco. Ele disse que seu pescoço estava dolorido e precisava de uma massagem. Ela respondeu

que poderia recomendar uma boa massagista. “Então ele pegou minha mão”, contou. Ele a colocou no próprio pescoço. Quando ela puxou a mão de volta, Weinstein a agarrou novamente e tentou guiar a mão em direção ao pênis, que estava visível e ereto. “Meu coração disparou. Era um momento de luta ou fuga”, disse. Ela falou a Weinstein: “Eu nunca vou fazer isso.”

Weinstein lhe disse que ela estava cometendo um enorme erro ao rejeitá-lo e citou uma atriz e uma modelo que, segundo ele, haviam cedido às investidas e cujas carreiras, afirmou, ele havia impulsionado como resultado. Arquette disse que respondeu: “Eu nunca vou ser esse tipo de garota”, e saiu.

Arquette contou que, após rejeitar Weinstein, sua carreira sofreu. Em pelo menos um caso, ela acredita, perdeu um papel por causa disso. “Ele tornou as coisas muito difíceis para mim durante anos”, disse. Ela acabou aparecendo num filme posterior de Weinstein — *Pulp Fiction*. Arquette acredita que só conseguiu aquele papel por ser pequeno e pelo respeito que Weinstein tinha pelo cineasta Quentin Tarantino. (Conflitos surgiram depois em relação ao pagamento a que ela teria direito a partir dos lucros do filme.) Arquette disse que seu silêncio se devia ao poder de Weinstein e à reputação de vingativo. “Ele vai se esforçar muito para rastrear e silenciar as pessoas”, explicou. “Para ferir as pessoas. É o que ele faz.”

Há outros exemplos do uso do mesmo modus operandi por Weinstein. Jessica Barth, atriz que o conheceu numa festa do Globo de Ouro em janeiro de 2011, contou que ele a convidou para uma reunião de negócios no Peninsula. Quando ela chegou, ele pediu pelo telefone que ela subisse ao quarto. Weinstein garantiu que “não tinha nada demais” — devido à sua fama, ele só queria privacidade para “falar de carreira”. No quarto, Barth encontrou champagne e sushi.

Barth contou que, na conversa, Weinstein alternava entre oferecer-lhe um papel num filme e exigir uma massagem nu na cama. “E então ele disse: ‘E se estivéssemos tomando champagne e eu tirasse a roupa e você me fizesse uma massagem?’”, ela lembra. “E eu respondi: ‘Isso não vai acontecer.’”

Quando ela caminhou em direção à porta para ir embora, Weinstein explodiu, dizendo que ela precisava emagrecer “para competir com a Mila Kunis” e, depois, aparentemente tentando acalmá-la, prometeu um encontro com uma de suas executivas. “Ele me deu o número dela, e eu saí e comecei a chorar compulsivamente”, contou Barth. (Logo após o incidente, ela falou com duas pessoas, que confirmaram ter ouvido seu relato na época.) Barth disse que a reunião prometida no escritório de Weinstein parecia ser pura formalidade. “Eu sabia que era uma farsa”, disse. (A executiva com quem ela se encontrou não respondeu aos pedidos de comentário.)

9.

O comportamento de Weinstein afetou profundamente as operações cotidianas de suas empresas. Funcionários atuais e antigos descreveram um padrão de reuniões e uma cumplicidade tensa que se encaixam de perto nos relatos das muitas mulheres que entrevistei. Eles falaram sob condição de anonimato porque, segundo disseram, temiam por suas carreiras em Hollywood e por cláusulas de seus contratos de trabalho.

"Havia um grande volume desse tipo de reunião que Harvey mantinha com atrizes e modelos aspirantes", contou uma executiva. "Ele marcava essas reuniões tarde da noite, geralmente em bares de hotel ou em quartos de hotel. E, para deixar essas mulheres mais confortáveis, pedia a uma executiva ou assistente que começasse as reuniões com ele." Ela disse ter sido repetidamente convidada a participar de tais encontros, mas ter se recusado.

A executiva afirmou que se incomodava especialmente com o envolvimento de outros funcionários. "Quase parecia que a executiva ou assistente servia de isca para atrair essas mulheres e fazê-las se sentir seguras", disse. "Depois ele dispensava a executiva ou assistente, e essas mulheres ficavam sozinhas com ele. E isso não parecia um comportamento apropriado ou seguro."

Uma ex-funcionária me contou que frequentemente era convocada para o início de reuniões que, em muitos casos, já haviam sido remarcadas do horário de dia para a noite e transferidas de saguões de hotel para quartos. Ela disse que a conduta de Weinstein nas reuniões era descarada. Durante um encontro com uma modelo, contou ela, ele se voltou para a funcionária e exigiu: "Diga a ela como eu sou um bom namorado." Ela disse que, quando se recusou a participar de uma dessas reuniões, Weinstein ficou furioso. Muitas vezes, era encarregada de manter controle sobre as mulheres, que, seguindo uma prática estabelecida pelos assistentes de Weinstein, eram todas registradas sob o mesmo rótulo em seu celular: F.O.H., sigla para "*friend of Harvey*" ("amiga do Harvey"). Ela acrescentou que o padrão de reuniões era praticamente ininterrupto durante os anos em que trabalhou para Weinstein. "Tenho que admitir, o comportamento deu uma pausa por um tempinho depois daquele caso de apalpamento", disse ela, referindo-se à denúncia de Gutierrez à polícia. "Mas ele não conseguia se controlar. Alguns meses depois, estava fazendo tudo de novo."

Dois funcionários que ajudavam a organizar essas reuniões disseram sentir-se moralmente comprometidos com aquilo. Um ex-funcionário contou que muitas das mulheres pareciam "não ter consciência da natureza dessas reuniões" e "estavam claramente com medo". Ele disse que a maioria dos encontros que via parecia consensual, mas outros lhe causavam inquietação. Lembrou-se especialmente de uma jovem: "Você simplesmente se sente péssimo

porque dá para perceber que aquela garota, muito jovem, vinda de outro país, estava agora em um quarto esperando ele subir lá no meio do dia, e nos diziam para não incomodá-los." Ele contou que nunca foi solicitado a organizar esse tipo de reunião com homens.

Nenhum dos ex-executivos ou ex-assistentes com quem conversei pediu demissão por causa da má conduta, mas muitos expressaram culpa e arrependimento por não terem dito ou feito mais. Falaram sobre o que acreditavam ser uma cultura de silêncio sobre agressão sexual dentro da Miramax e da Weinstein Company e na indústria do entretenimento em geral.

10.

Weinstein e suas equipes jurídica e de relações públicas conduziram uma campanha de décadas para suprimir essas histórias. Nos últimos meses, essa campanha se intensificou. Weinstein e seus associados começaram a ligar para muitas das mulheres mencionadas nesta reportagem. Ele pediu a Argento que se encontrasse com um investigador particular e prestasse depoimento em sua defesa. Uma atriz que inicialmente falou comigo em registro depois pediu que sua acusação fosse retirada desta matéria. "Sinto muito", escreveu ela. "A situação legal está recaindo sobre mim e não tenho como reagir." Weinstein e sua equipe ameaçaram processar vários veículos de comunicação, incluindo o *New York Times*.

Vários ex-executivos e ex-assistentes incluídos nesta reportagem disseram ter recebido ligações de Weinstein, nas quais ele tentava descobrir se tinham falado comigo ou os advertia para que não o fizessem. Esses funcionários decidiram continuar a participar da matéria em parte porque sentiram que havia uma cultura crescente de responsabilização, exemplificada pelas revelações relativamente recentes sobre homens de alto perfil como Cosby e Ailes. "Acho que muitos de nós pensavam — e esperavam — ao longo dos anos que isso viesse à tona antes", disse a ex-executiva que sabia dos dois acordos legais em Londres. "Mas acho que agora é o momento certo, neste clima atual, para a verdade."

A executiva que rejeitou reuniões inadequadas me contou que sua advogada a advertiu de que ela poderia ser responsabilizada em centenas de milhares de dólares em danos por violar o acordo de confidencialidade anexado ao seu contrato de trabalho. "Acredito que isso é mais importante do que manter um acordo de confidencialidade", disse. "Quanto mais de nós puder confirmar ou validar para essas mulheres se isso realmente aconteceu, acho que é muito importante para a justiça delas fazer isso." Ela continuou: "Gostaria de ter feito mais. Queria ter conseguido parar tudo. E essa é a minha maneira de tentar fazer isso agora."

"Ele tem feito isso sistematicamente há muito tempo", disse a ex-funcionária que foi obrigada a atuar como "isca". Ela contou que muitas vezes pensa em algo que Weinstein sussurrou — para si mesmo, pelo que ela pôde perceber — depois de uma de suas muitas

explosões de gritos no escritório. Aquilo a perturbou tanto que ela pegou o telefone e digitou em uma nota, palavra por palavra: “Há coisas que fiz que ninguém sabe.”